

O Homem alfa e ômega da criação

A visão Rosacruz do
conhecimento, rumo
à transdisciplinaridade

volume 5

1ª Edição



Curitiba – PR
2010

O Homem: Alfa e Ômega da Criação

“A visão rosacruz do conhecimento
rumo à transdisciplinaridade”

Volume 5

COORDENAÇÃO E SUPERVISÃO
Hélio de Moraes e Marques, F.R.C.
Grande Mestre

BIBLIOTECA ROSACRUZ

ORDEM ROSACRUZ, AMORC
GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO
DE LÍNGUA PORTUGUESA

1ª Edição em Língua Portuguesa
2010

ISBN – 978-85-317-0201-3

Todos os Direitos Reservados à
ORDEM ROSACRUZ, AMORC
GRANDE LOJA DA JURISDIÇÃO
DE LÍNGUA PORTUGUESA

Proibida a reprodução em parte ou no todo

O Homem Alfa e Ômega da Criação: A visão rosacruz do conhecimento rumo à transdisciplinaridade / Coordenação e Supervisão de Hélio de Moraes e Marques ; Organizado por Luiz Eduardo Valiengo Berni ; Revisão de Paulo Paranhos . – Curitiba : Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, 2010.
244 p. : il.

ISBN: 978-85-317-0201-3

1. Rosacrucianismo 2. Esoterismo Ocidental
3. Transdisciplinaridade 4. Difusão Científica I. Título.

CDD 135.43

Composto, revisado e impresso na
Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa
Rua Nicarágua, 2620 – CEP 82515-260
Caixa Postal 4450 – CEP 82501-970
Curitiba / PR
Tel.: (0**41) 3351-3000 – Fax: (0**41) 3351-3065
www.amorc.org.br

Índice

Prefácio do Grande Mestre.....	5
Introdução.....	7
Determinismo causal Newtoniano e os conceitos quânticos de probabilidade e incerteza. Fundamentos quânticos da transdisciplinaridade e possibilidades de diálogo com a tradição.....	27
Arte e Transdisciplinaridade na literatura Esotérica, Cabalística e Rosacruziana de Jorge Luis Borges.....	46
A Universidade Rosecroix como agente de transformação.....	65
Arte e Consciência: visões místicas e suas representações.....	79
A Psicologia do esoterismo Rosacruz da AMORC.....	111
O processo Rosacruz de cura e sua vocação transdisciplinar.....	148
A importância do sagrado nos rituais Rosacruzes e o desafio do ciberespaço.....	189
O voluntariado na Ordem Rosacruz, AMORC.....	213
A Transdisciplinaridade e sua importância para o diálogo com as tradições e a sustentabilidade do planeta.....	220

Prefácio do Grande Mestre

Nos anos 1980 a Grande Loja de Língua Portuguesa, então Grande Loja do Brasil, já sob a gestão do Grande Mestre Charles V. Parucker publicou uma série de livros que teve grande aceitação entre nossos leitores. Trata-se da Coleção **O Homem: Alfa e Ômega da Criação**, que reuniu em seus quatro volumes uma coletânea de textos publicados no *The Rosicrucian Digest* na coluna *Mindquest*, produzidos como relatórios de pesquisa do Departamento Internacional de Pesquisa da AMORC, à época coordenado por George Buletza, PhD, FRC.

Como os textos foram escritos para serem publicados num veículo que não era científico, optou-se por usar uma linguagem simples e de fácil compreensão. Aqueles textos foram agrupados em três grupos: (1) Pesquisas sobre métodos de cura e manutenção da saúde; (2) Pesquisas sobre assuntos diversos e (3) Pesquisas sobre Psicologia.

No início dos anos 2000, com a instituição da URCI em nossa jurisdição, nossa revista periódica “O Rosacruz” também passou a publicar esporadicamente artigos de nossos pesquisadores, bem como da referida coluna. Desde sua instituição, o Grande Mestre, que ocupa o lugar de Reitor da URCI, abria periodicamente, durante as convenções nacionais, um momento para o encontro com os pesquisadores e coordenadores, sendo que estes últimos podiam apresentar suas pesquisas como palestras naqueles eventos.

Como a AMORC, desde sua fundação para o atual ciclo, com Harvey Spencer Lewis, fundador da Universidade Rosacruz, assim como seu filho e sucessor, Ralph M. Lewis, sempre procurou estar alinhada ao pensamento científico, nosso atual Imperator, Christian Bernard, não fugiu à regra, incentivando

a prática da pesquisa em diferentes jurisdições. Como editor executivo de nossa Revista Científica *The Rose + Croix Journal*, tem proposto um alinhamento desses trabalhos numa perspectiva inter e transdisciplinar.

E foi assim que chegou o momento de avançarmos nós também na Jurisdição de Língua Portuguesa. Desta forma, lancei um desafio para a nossa URCI. Determinei que fosse organizado um congresso e uma publicação, e que estes seguissem os padrões de excelência preconizados pela academia. E é assim que, com satisfação, venho reativar a Coleção **O Homem: Alfa e Ômega da Criação**, apresentando neste quinto volume, sob o título “A Visão Rosacruz do Conhecimento, Rumo à Transdisciplinaridade”, artigos originais escritos pelos coordenadores da Universidade Rosecroix Internacional – Jurisdição de Língua Portuguesa, esperando que os fratres e sorores, os pesquisadores da URCI e demais leitores possam com eles aferir nosso esforço para aproximar nosso conhecimento tradicional das melhores reflexões que vêm ocorrendo no campo da ciência, sob a égide da transdisciplinaridade.

Com meus melhores votos de paz profunda!



GRANDE MESTRE

e Reitor da Universidade Rosecroix Internacional
AMORC, Jurisdição de Língua Portuguesa



Introdução¹

Uma longa caminhada se inicia com um primeiro passo.

(ditado chinês)

A Universidade Rose-Croix foi mais um dos legados do primeiro *Imperator* da AMORC, Harvey Spencer Lewis. Sua designação em francês – Rose-Croix – é possivelmente uma homenagem à *Grande Loge Belge de la Rose-Croix Universitaire*, instituição com a qual a AMORC mantinha estreitas relações e que, por ocasião da inauguração, enviou uma carta de reconhecimento a Spencer Lewis².

Inicialmente a RCU, *Rose-Croix University*, foi instalada num grande edifício em estilo egípcio, inaugurado no verão de 1934 no Parque Rosacruz, em San Jose, Califórnia, EUA, então sede internacional da organização.

Por ocasião da inauguração, em uma das esfinges que ainda adornam a frente do edifício, em singela cerimônia Spencer Lewis depositou um pergaminho contendo 15 dos princípios mais importantes da organização³.

A universidade não tinha por objetivo conferir graus acadêmicos. Seu propósito era o de oferecer palestras e demonstrações nas ciências e nas artes de modo a consolidar e aprofundar o conhecimento rosacruz⁴. No entendimento de Lewis, a instituição deveria denominar-se “universidade”, pois, a exemplo das universidades acadêmicas, continha mais de uma “faculdade”.

Com a criação da RCU o Conselho de Pesquisa da Ordem foi reorganizado, passando a contar com membros altamente especializados provindos de instituições acadêmicas. Na Revista *Rosicrucian Forum*, no mesmo ano, houve uma chamada para que membros especialistas pudessem se candidatar para incrementar as fileiras daquele Conselho⁵.



Fig.1 – Edifício da Rose-Croix University, San Jose, CA, USA.

No outono de 1934 apenas poucos membros haviam se inscrito para cursos na RCU, havendo muitas solicitações para inscrições para os meses de abril, maio e junho do ano seguinte. Atendendo a essas solicitações, as aulas foram ministradas em meados de 1935 de modo a que terminassem um pouco antes de ter início a Convenção anual⁶. Isso pareceu um esquema proveitoso, sendo repetido durante muitas décadas pela instituição. Naquele verão foram oferecidos cursos⁷ nos “Colégios” de Humanidades, Belas Artes, Artes Místicas,

Ciências Arcanas e Mundanas⁸. Na revista *The Rosicrucian Digest* do mesmo ano, há o relato do discurso de Lewis proferido por ocasião da Convenção Nacional, quando este apresentou à assembleia os primeiros 32 membros formados pela universidade que, durante o evento, receberam seus certificados, sendo ovacionados pelos presentes.⁹ Na mesma convenção professores da RCU proferiram palestras aos membros.

O convite para que os membros participassem das atividades da universidade também pode ser encontrado naquele volume da revista, num estilo de publicidade bastante característico da época:

“Você gostaria de ter aulas sobre vários tópicos filosóficos? Você gostaria de participar de demonstrações de química e física em um laboratório, onde pudesse testemunhar experiências com a luz de diversos tipos? Gostaria de ter debates com professores qualificados em várias ciências e artes? Em caso afirmativo, por que não frequentar a Universidade Rose-Croix? A próxima turma dessa nova universidade começa em 20 de janeiro de 1936. Se você não conhece os cursos oferecidos pelas diferentes faculdades da instituição, escreva hoje mesmo solicitando o catálogo gratuito, “A História do Conhecimento”, que contém a relação completa dos cursos oferecidos. Você deve isso a você mesmo. Deve ter o privilégio de estudar na Universidade Rose-Croix, que oferece mensalidades econômicas. Prepare-se hoje mesmo para matricular-se¹⁰.

Nos anos seguintes os cursos de verão, com duração de três semanas, eram oferecidos anualmente em data que sempre precedia à Convenção Anual da Ordem, e normalmente ocorria no final de julho. Anualmente um grupo de professores era nomeado para ministrar os cursos. Em 1936 as atividades foram presididas pelo doutor A. Cartland Bailey, aposentado do Instituto de Tecnologia da Califórnia que, em sua conferência naquele ano, tratou “dos novos campos da

ciência”, apresentando as pesquisas que estavam sendo realizadas àquela época na instituição¹¹.

Em 1939, ano da transição de Lewis, a RCU inaugurou o “Instituto Rosa-Cruz de Pesquisa e Clínica”, que na época fora dirigido pelo cirurgião Roberto Herdocia. No instituto, além de serem oferecidos tratamentos convencionais, que eram praticados por médicos contratados, oferecia-se, também, a “Técnica Rosacruz de Tratamento”, ministrada por membros mais adiantados da Ordem. Em 1940 o instituto mudou de nome, passando a denominar-se “Instituto Rosa-Cruz de Pesquisa e Sanatório”. Os serviços oferecidos, entretanto, continuaram sendo os mesmos¹².

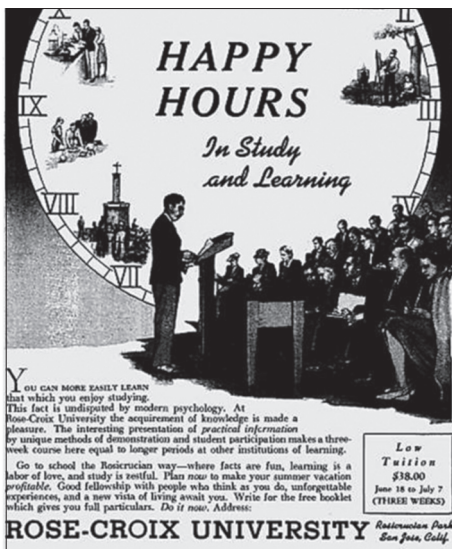


Fig.2 – Propaganda RCU (1950)

Em 1941 o Dr. Erwin Watermayer assumiu como chefe dos laboratórios da universidade que, naquele ano, começou a oferecer cursos de longa duração, não apenas os cursos de verão. Ele ampliou, também, o escopo de pesquisa da universidade, passando a comunicar os resultados regularmente no *The Rosicrucian Digest*¹³, na coluna “Pesquisa na Universidade Rosa-Cruz”. O que se prometia na época era que seriam anunciados os caminhos que estavam sendo adotados para a pesquisa na RCU, com a construção de equipamentos com

os quais se poderiam demonstrar as leis preconizadas nos ensinamentos rosacruz.

Em 1942 o reitor da RCU, Orval Graves, em sua conferência na Convenção Anual, fez uma avaliação histórica da evolução da RCU, mencionando o crescimento do número de membros que todos os anos acorriam para a instituição em busca de formação. Explicou, também, como os cursos de verão eram conduzidos pelos professores especialistas convidados, vindos de diferentes partes do mundo. Destacou as diferenças entre a RCU americana e seus pares na Índia e Bélgica, salientando o diferencial que uma instituição moderna como aquela trazia para uma organização tradicional como a AMORC¹⁴.

O ano de 1943 foi difícil para a universidade, pois muitos dos professores haviam sido convocados pelo esforço de guerra, havendo a necessidade de serem encontrados substitutos. Fato que felizmente aconteceu, e as atividades não sofreram solução de continuidade¹⁵.

Nos anos que se seguiram a RCU entrou numa fase de estabilidade, ministrando seus cursos de verão. Muitas pesquisas foram feitas sobre cromoterapia, uma técnica hoje reconhecida pela OMS como eficaz para o equilíbrio e recuperação da saúde. Os *alumni* dos cursos da RCU fizeram reuniões de conagração fraternal, entre outras atividades. No *The Rosicrucian Digest* a divulgação da universidade foi ampliada.

Em 1947 os cursos eram frequentados por rosacruz de diferentes partes do mundo, da Nova Zelândia à América do Sul. Em 1949 o Instituto de Pesquisa e Sanatório passou a ser

denominado “Instituto Terapêutico de Pesquisa Rose-Croix” e já há alguns anos era dirigido pela esposa de Spencer Lewis. Em 1950 Arthur Pipenbrink era o reitor da RCU, cargo que ocupou por muitos anos. Nesta época, a RCU oferecia cursos que custavam trinta e oito dólares!

Nos anos 1950 a RCU americana estreitou laços com sua parceira belga, sendo muitas as referências desse contato na revista da Ordem. Em 1955 novos cursos foram oferecidos, entre eles um curso de Religiões Comparadas, Oficinas de Criação Literária, entre outros cursos ligados às artes.

No começo dos anos 1960 a RCU oferecia aos membros regularmente às sextas-feiras, durante os meses de outono e inverno, palestras sobre tópicos rosacruzes. As palestras eram ministradas pelos docentes da instituição.



Fig. 3 – Símbolo da Universidade Publicado no *The Rosicrucian Digest* maio, 1967

No final de 1972 o órgão começou a desenvolver um novo projeto em seus cursos sob o nome de “Desafio do Misticismo”, *propondo uma exploração do conhecimento rosacruz com ênfase nos aspectos místicos da vida, comparando-o aos assuntos da contemporaneidade*¹⁶.

Em 1973 o corpo docente começou a fazer viagens internacionais, levando os cursos para outros países. A primeira turma aconteceu na Loja Sydney e foi conduzida pelo Dr. John

Bradley¹⁷.

O ano de 1975 trouxe muitas novidades que marcaram o início de uma renovação nos trabalhos da RCU. Os participantes dos cursos de verão poderiam participar também de Revisões de Estudos dos ensinamentos rosacruzes¹⁸. Em Lagos, capital da Nigéria, realizou-se o primeiro curso da RCU naquele país, com mais de 200 participantes¹⁹. Alden Holloway, enquanto diretor do Departamento de Pesquisa, inaugurou o Laboratório de Parapsicologia e a universidade passou a contar então com esse quarto laboratório, além dos de Química, Física e Biologia²⁰. As pesquisas produzidas nesse laboratório foram muito importantes nos anos que se seguiram, muitas das quais foram publicadas na coluna *Mind-quest*, que passou a divulgar regularmente os resultados das investigações realizadas por aquele laboratório. O primeiro relatório foi publicado em março de 1976: “Is There a Pyramid Energy?”.

Em 1978 o Departamento de Pesquisa estava sob a direção de George Buletza, Ph.D, um dos personagens que mais trabalharam para a divulgação das pesquisas da instituição. As pesquisas estavam imbuídas em demonstrar cientificamente as conexões entre o mundo físico e o espiritual. As áreas de investigação eram: visualização, meditação, premonição, telepatia, fotografia



Fig.4
George Buletza, PhD

Kirlian, psicocinese, neurobiologia, criatividade, clarividência, sons vocálicos, a arte mística da respiração, biofeedback, aura. Nessa época houve a divulgação pública do Conselho Internacional de Pesquisa composto por acadêmicos de re-

conhecimento nas várias ciências. Além da publicação na coluna *Mindquest*, as pesquisas produzidas foram também divulgadas em Manifestos especiais, enviados exclusivamente aos membros como complemento dos ensinamentos tradicionais, além de outras produções como experimentos para serem realizados nos Templos Rosacruz e publicações em revistas científicas.

Como uma universidade livre, aos docentes era exigida formação acadêmica e pós-graduação, porém aos alunos eram requisitados apenas a disposição e o interesse para participar e acompanhar as atividades. Desta forma, para estes últimos não havia necessidade de formação acadêmica²¹. Nessa época, no Campus San Jose, sede da RCU, eram oferecidos vinte e quatro cursos de extensão, com duração de 20 horas/aula, ministrados em classes matinais ou vespertinas, por um período de três semanas. Portanto, eram oferecidos seis cursos semanalmente. Os laboratórios contavam, também, com a presença de pesquisadores visitantes, que se voluntariavam para pesquisar na instituição²².

Em 1980 o *Imperator* Ralph Lewis apresentou um balanço da produção científica realizada pelas pesquisas da RCU, apresentando um sumário dos resultados e propondo novos desafios²³. Com o crescimento do interesse nos cursos da RCU, no mesmo ano, a jurisdição estadunidense, além de oferecer cursos de extensão em outros países e estados, abriu dois novos campus: o “Campus Leste”, abrigado no *Saint Francis College* (hoje *Saint Francis University*) em Loretto, Pensylvania²⁴ e “Campus Sul”, localizado na cidade de Athenas, na Geórgia, abrigado na *Sheraton Historic Village*²⁵.

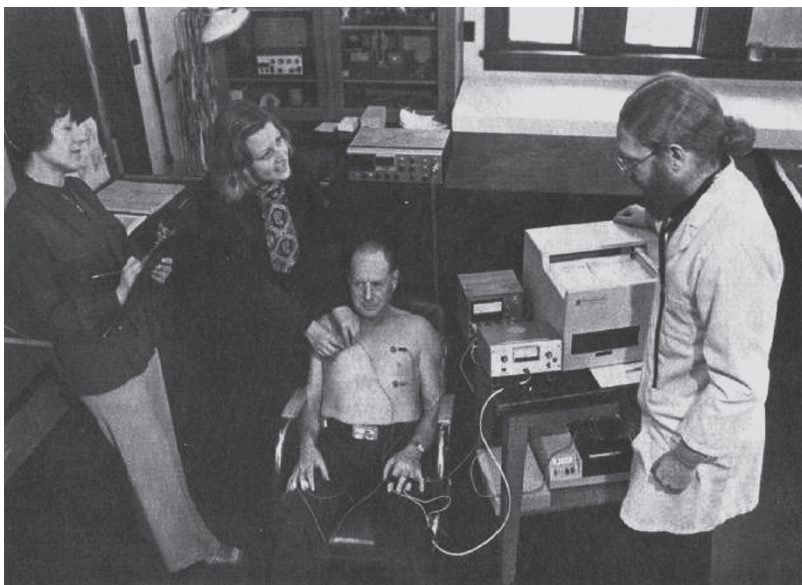


Fig. 5 – Pesquisador da RCU estudando a reação cardiovascular correlacionada a vários estados de consciência, 1980²⁶.

Em 1985 o *The Rosicrucian Digest* publica um artigo especial em comemoração ao aniversário de 50 anos da RCU, apresentando as propostas dos cursos daquele ano²⁷.

O ano de 1988 foi importante para a história da universidade. Naquele ano, depois de sucessivos e bem sucedidos cursos de extensão levados a termo em outros campus e países onde a AMORC mantinha Organismos Afiliados, a instituição assumiu seu caráter internacional, tomando o nome que hoje possui: RCUI – Rose-Croix University Internacional²⁸. Nesse mesmo ano iniciam-se as operações da universidade na França sob o nome de Université Rose-Croix Internationale – URCI e outras jurisdições começaram a estudar as possibilidades de implantação da universidade em suas jurisdições. A filosofia norteadora desse arrojado movimento fora baseada numa

perspectiva quádrupla *conforme as faces de uma pirâmide, que representam cada uma delas um dos aspectos da expressão humana, ou seja, o físico, o intelectual, o emocional e o espiritual*. Na mesma época cogitou-se transformar a RCUI numa universidade regular. Para tanto se criou um Conselho Acadêmico formado pelo Supremo Arquivista, Wareen Russeff, pelo presidente da RCUI, Onslow Wilson, além de membros do Conselho Internacional de Pesquisa, porém a iniciativa acabou não logrando êxito²⁹.

Em 1989 a RCUI inicia um intercâmbio com outras instituições, abrigando o III Simpósio de Metafisiologia, com a participação de acadêmicos da Universidade da Califórnia, do Instituto de Ciências Noéticas, da Universidade de Sorbonne, além de membros do Conselho Internacional de Pesquisa³⁰. Nesse mesmo ano, a Dra. Maria Colavito, que atuava na Universidade de Nova York e era membro do Conselho Internacional de Pesquisa, assume a presidência da RCUI³¹.

Um pouco antes dessa fase a Grande Loja do Brasil, predecessora da Grande Loja de Língua Portuguesa, em meados dos anos 1980 publicou muitos artigos da coluna *Mindquest* que haviam sido publicados no *The Rosicrucian Digest* e em *O Rosacruz*, entre meados dos anos 1970 e meados de 1980, na série de livros *O Homem: Alfa e Ômega da Criação*, editados em quatro volumes contendo os relatórios de pesquisa de 1976 a 1981 (volumes 1 e 2) e 1982 a 1984 (volumes 3 e 4). As pesquisas abordaram os seguintes temas: métodos de cura e manutenção da saúde; cérebro, magnetismo, matéria e energia, cosmologia, cromoterapia; psicologia, parapsicologia, metafísica e ciência.

Atualmente a URCI encontra-se presente em diversas jurisdições da AMORC. No *site* mantido pela instituição na

Internet é possível localizar atividades na França, Brasil, Itália e Estados Unidos. A organização mantém também um Conselho Internacional de Pesquisa e uma Revista Científica: “*The Rose+Croix Journal*” (ISSN: 1553-9156), disponível na Internet www.rosecroixjournal.org, sendo seu editor chefe o atual *Imperator* da organização, Christian Bernard.

Segundo documentos da GLP³², estudos para estabelecimento da URCI na Jurisdição de Língua Portuguesa da AMORC foram iniciados

no primeiro semestre de 1999, sob gestão do Grande Mestre Charles V. Parucker, e envolveram diversos departamentos da Grande Loja. No mês de junho e julho daquele ano foram realizadas reuniões preparatórias com a participação de mais de 40 membros especialmente convidados, conduzidas por Parucker, com a participação de Zaneli Ramos, à época responsável pelo Departamento de Editoração, e Elias Nemir, da Divisão de Organismos Afiliados. Os trabalhos tiveram lugar na Morada do Silêncio,³³ onde se realizaram duas mesas-redondas: “Princípios Rosacruz” e “Proposta para a Universidade Rosacruz”, a partir das quais foram estabelecidas as diretrizes básicas da URCI, que foi formalizada como um órgão da AMORC, regimentado pela Seção 230 do Manual Administrativo da Organização. Desde o princípio dos trabalhos a URCI vem sendo secretariada pela soror Beatriz Maria Philippi.

A primeira divulgação da URCI na jurisdição foi feita por carta do Grande Mestre endereçada aos membros em março



Fig. 6 – Atual Símbolo da URCI

de 2001.³⁴ Além das cartas endereçadas aos membros, uma divulgação ampla do órgão na jurisdição se deu na revista *O Rosacruz*, no segundo trimestre de 2002, quando foi publicado seu objetivo: *reunir rosacruzes voluntários que desejam aprofundar trabalhos sobre temas específicos relacionados com a filosofia, o misticismo e os ensinamentos da Ordem Rosacruz, AMORC.*³⁵ Por ocasião da formalização da URCI foram abertas nove Seções Acadêmicas: (a) Medicina e Saúde; (b) Psicologia e Análise do Comportamento; (c) Egíptologia e História Universal; (d) Música; (e) Artes em Geral; (f) Ciências Exatas: Física, Química e Astronomia; (g) Biologia, Ecologia e Meio Ambiente; (h) Tradições e Filosofias Místicas; (i) Educação e Ensino. A partir de sua fundação os membros foram conclamados a reunirem-se a cada dois anos em reunião especial durante a Convenção Nacional da AMORC.

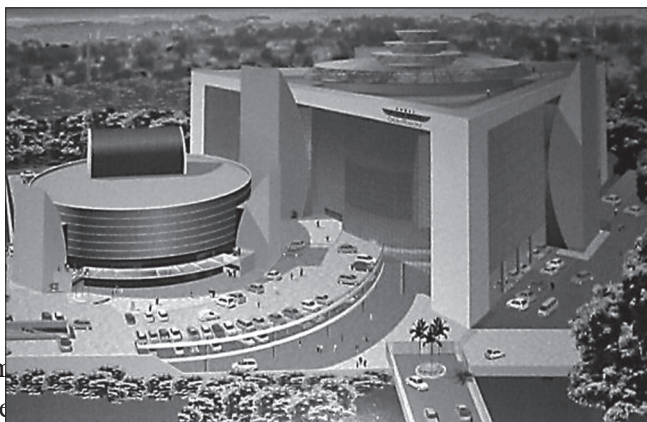
Segundo Relatório do órgão de 2002, apresentado na Convenção Nacional, a URCI (GLP) agregava aproximadamente 300 colaboradores. A exemplo das outras jurisdições, os trabalhos produzidos passaram a ser publicados esporadicamente na revista *O Rosacruz*.

A Seção 230 do Manual Administrativo da Instituição (2004) determina que os membros da AMORC podem afiliar-se ao órgão, atuando como colaboradores, desde que tenham atingido o 9º grau de estudo. A participação pode dar-se nas seguintes categorias: (a) Correspondente – membros com formação universitária cujas pesquisas poderão ser publicadas na revista *O Rosacruz*; (b) Pesquisador – membros com formação *strictu sensu* (mestres e doutores) empenhados na realização de pesquisas científicas; (c) Conferencistas – tanto os correspondentes quanto os pesquisadores poderão atuar como conferencistas se o desejarem, apresentando trabalhos para plateias de rosacruzes e não rosacruzes; (d) Assinantes

– membros interessados em receber as produções diretamente da URCI. Os colaboradores poderão atuar em mais de uma Seção da URCI, simultaneamente.

A partir da edição de número 253 a revista *O Rosacruz* abriu a coluna “URCI Responde”, onde os coordenadores das Seções respondiam a questões dos membros. Rubens de Melo Marinho Jr, PhD, então coordenador da Seção de Física, Química e Astronomia, respondeu a questões dos membros em duas edições da revista.

Em meados dos anos 2000 a GLP realizou estudos para a criação de uma universidade nos moldes acadêmicos. A universidade levaria o mesmo nome da AMORC e seria constituída de faculdades na área das Ciências Humanas³⁶. A ideia, entretanto, já havia sido veiculada logo nos primeiros anos da URCI na jurisdição³⁷, porém, a exemplo do que aconteceu com sua irmã estadunidense, o projeto também não foi consolidado.



Em 1991, a GLP realizou estudos para a criação de uma URCI nos moldes acadêmicos. A ideia, entretanto, já havia sido veiculada logo nos primeiros anos da URCI na jurisdição³⁷, porém, a exemplo do que aconteceu com sua irmã estadunidense, o projeto também não foi consolidado.

Sociais Aplicadas; Seção (K) Literatura e Seção (L) Tecnologias e Gestão de Conhecimentos. Além disso, foram nomeados coordenadores para todas as seções, pois em algumas delas isso nunca havia ocorrido. Assim, a URCI tornou-se totalmente operacional. Ao final daquele ano, passou a contar com os seguintes coordenadores: (A) Medicina e Saúde, Aracy Satoe Mautari Niwa; (B) Psicologia e Análise Comportamental, Luiz Eduardo Valiengo Berni; (C) Egíptologia e História Universal, Ronaldo Pereira Gonçalves; (D) Música, José Maurício Guimarães; (E) Artes em Geral, José Eliézer Mikosz; (F) Ciências Exatas: Física, Química e Astronomia, Carlos Alberto Ferrari; (G) Biologia Ecologia e Meio Ambiente, Francisco Antonio Zpevak; (H) Tradições e Filosofias Místicas, Vinicius Branco Freire Silva; (I) Educação e Ensino, Paulo R. Paranhos da Silva; (J) Ciências Sociais Aplicadas, Aluisio Ferreira Gomes; (K) Literatura, Elisa Fernandes de Sousa da Rocha; (L) Tecnologias e Gestão de Conhecimentos, Mário Lúcio de Lima Nogueira. A renovação da URCI na jurisdição se deu inicialmente buscando-se um modelo semelhante ao de uma universidade corporativa.

Em 2009 os coordenadores foram convidados para a Reunião Anual do Grande Conselho Jurisdicional, de modo a se apropriarem das diretrizes estratégicas da Ordem. Nessa mesma reunião fui indicado como coordenador científico da URCI, com a tarefa de organizar um congresso e a presente publicação. E assim foi feito. Como a maioria dos coordenadores mora em diferentes pontos do país, a articulação foi feita principalmente pela Internet, por meio de um *e-group* e através de *emails* individuais e *chat*. As diretrizes do congresso e da publicação foram amplamente discutidas com os coordenadores. Todo o processo foi secretariado por Beatriz Philippi e supervisionado pelo Reitor e Grande Mestre da AMORC,

Hélio de Moraes e Marques.

O reitor definiu que o foco do primeiro congresso e publicação fosse “A Visão Rosacruz do Conhecimento, rumo à Transdisciplinaridade”. Assim, os textos aqui reunidos são fruto desse processo de elaboração e oferecem uma visão dos fundamentos do pensamento científico preconizado na URCI na Jurisdição de Língua Portuguesa. Infelizmente, por diferentes razões, nem todos os coordenadores conseguiram preparar suas contribuições em tempo de serem publicadas. Porém, certamente a amostra aqui apresentada é bastante significativa e possibilitará ao leitor uma visão geral de como a URCI percebe a conexão do conhecimento tradicional preconizado pela AMORC, à luz de uma das mais arrojadas perspectivas científicas que vem se discutindo nos últimos tempos na academia, a Abordagem Transdisciplinar, cujo enfoque está em buscar um pluralismo epistemológico visando à unidade do conhecimento. Assim, temos artigos que versam sobre Física, Saúde, Literatura, Psicologia, Arte, Tecnologia e Voluntariado. Temos ciência de que estamos apenas dando um primeiro passo rumo à abordagem transdisciplinar. Todavia, como diz o velho ditado chinês, *“uma longa caminhada se inicia com um primeiro passo”*. Este livro reflete o nosso. Um primeiro passo que levou um longo tempo de preparação e contou com a contribuição de muitos. Todos os textos foram avaliados entre pares e procurou-se impingir neles o rigor acadêmico. Estamos cientes, entretanto, que rigor não pode ser confundido com rigidez. Isto se procurou evitar.

Assim, o primeiro capítulo é dedicado à Física Quântica, assunto do qual muito se fala, mas pouco se entende. Como se sabe, as descobertas da Física Quântica têm levado a uma verdadeira revolução no pensamento científico contemporâ-

neo e nada melhor que ela seja explicada por um físico com formação internacional, como o é o nosso frater Carlos Ferrari, para colocar as coisas como elas devem ser colocadas. Desta forma, o capítulo aborda o assunto propondo reflexões transdisciplinares, de modo que se abra um diálogo com a Tradição.

O segundo capítulo é sobre Literatura. Nele, a soror Eliza Rocha, que além de formação na área é também psicanalista, realiza uma interessante reflexão sobre os aspectos místicos, rosacruzes e, sobretudo, cabalísticos, da obra do consagrado Jorge Luis Borges, colocando-os em diálogo com elementos da transdisciplinaridade.

O terceiro capítulo é da área de Educação, onde nosso frater, escritor e educador, Paulo Roberto Paranhos, debruça-se sobre o papel educacional da URCI na atualidade. Fazendo uma reflexão comparada com a educação tradicional, destaca como a URCI busca o resgate de um caráter de “universalidade” em suas proposições, inclinando-se para a busca da unidade do conhecimento.

O quarto capítulo é dedicado à Arte que, por si só, é transdisciplinar. Nosso irmão José Mikosz, artista plástico, músico e estudioso dos estados alterados de consciência, nos conduz a uma reflexão pela História da Arte e de como as *visões místicas* encontram *suas representações*.

No quinto capítulo, dedicado à Psicologia, eu lhes apresento minha pesquisa sobre a *Psicologia do Esoterismo da AMORC* apresentada em quatro áreas. Essa reflexão é o fruto de 30 anos de afiliação como rosacruz, do seminário e das palestras realizadas pela Seção B durante o ano de 2009. Desdobrando-se, também, a partir de meu doutorado em

Psicologia realizado na USP.

O sexto capítulo, assim como o sexto grau de nossos estudos tradicionais, é dedicado à Saúde. Nele os irmãos Aracy Niwa, médica homeopata e Moacir Godoy, livre docente em cardiologia, apresentam os fundamentos da Terapêutica Rosacruz à luz da Transdisciplinaridade, enfocada pela perspectiva da Teoria do Caos, e suas possibilidades como técnica complementar de saúde conforme preconiza a OMS.

O sétimo capítulo é dedicado a uma reflexão sobre a viabilidade do Sagrado no Ciberespaço. Ele foi escrito por nosso frater Mário Nogueira, cuja formação concilia a tutoria de cursos *on-line* com a bioenergética Reichiana.

O oitavo capítulo é dedicado ao tema do Voluntariado e sua perspectiva na AMORC. Apresentado pelo frater Aluísio Gomes, que entre outras qualificações ostenta um MBA em Liderança empresarial e uma formação em Letras.

Por fim, o nono capítulo foi escrito por nosso convidado de honra para o primeiro congresso da URCI, o Prof. Ubiratan D'Ambrósio, uma das principais autoridades internacionais em transdisciplinaridade, que mui generosamente atendeu nosso convite para participar do congresso e desta publicação. Seu texto nos convida a uma profunda reflexão sobre a condição humana e a produção do conhecimento, tornando clara a importância da abordagem transdisciplinar na mediação dos inúmeros conflitos que são inerentes à diversidade dos saberes.

Assim, espero que esta publicação seja de seu agrado e que por meio dela você possa divisar os caminhos que a Uni-

versidade Rose-Croix Internacional está buscando trilhar na Jurisdição de Língua Portuguesa. Quem sabe, você se sinta inspirado a poder colaborar conosco.

Cordialmente, em paz profunda!

Luiz Eduardo Valiengo Berni, Ph.D., *FRC*
Coordenador Científico da URCI
AMORC – Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa

Referências e Notas

- 1 Esta introdução foi escrita procurando-se levantar os fatos históricos sobre a Universidade Rose-Croix. A principal fonte de pesquisa foi a revista *The Rosicrucian Digest*, publicada pela AMORC desde os anos 1930 até o presente. Entretanto, a pesquisa se deu num intervalo de 60 anos, de 1930 até 1991, pois não foi possível acessar o conteúdo posterior, portanto, alguns dados mais recentes

certamente nos escaparam, necessitando de novas pesquisas para serem complementados. O levantamento dos dados na referida publicação se deu partir do material disponível no *Google Books*, na biblioteca da Loja Rosacruz São Paulo, AMORC, bem como na coleção particular do frater Lino Rolo, a quem agradecemos. Documentos originais sobre a fundação da URCI na Jurisdição de Língua Portuguesa foram disponibilizados pela Grande Loja de Língua Portuguesa, a quem também agradecemos.

- 2 Carta da Rose+Croix Universitaire, in AMORC, *Rosicrucian Documents*. Disponível em http://www.rosecroixjournal.com/resources/documents/rosicrucian_documents/index.html
- 3 *The Rosicrucian Digest*, 1985, p.21.
- 4 *The Rosicrucian Digest*, “50th Anniversary 1927-1977”. November, 1977, p.38.
- 5 *The Rosicrucian Forum*, 1934, p. 12.
- 6 *The Rosicrucian Forum*, 1935, p. 122.
- 7 Inicialmente a URCI oferecia cursos de verão durante o mês de julho.
- 8 Harvey Spencer Lewis. *Perguntas e Respostas Rosacruzes*. AMORC: Curitiba, 1975, p. 137.
- 9 *The Rosicrucian Digest*, 1935, p.294. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=kAscbVW4UWIC&printsec=frontcover&dq=related:ISBN1417940301#v=onepage&q=Rosecroix%20university&f=false> acessado em 19.05.2010.
- 10 *The Rosicrucian Digest*, 1935, p.271. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=kAscbVW4UWIC&printsec=frontcover&dq=related:ISBN1417940301#v=onepage&q=Rosecroix%20university&f=false> acessado em 19.05.2010.
- 11 *The Rosicrucian Digest*, 1936, p.314. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=6atj6YdvumwC&printsec=frontcover&dqrelated:ISBN1417940662#v=onepage&q=RoseCroix%20university&f=false> acessado em 19.05.2010.
- 12 *The Rosicrucian Digest*, 1940, p.218. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=9Bt1HlxPvSEC&printsec=frontcover&dq=rosicrucian+digest+1940&cd=1#v=onepage&q=rose-croix&f=false> acessado em 19.05.2010;
- 13 *The Rosicrucian Digest*, 1941, p. 375. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=tdFI0ml-OSQC&printsec=frontcover&dq=rosicrucian+digest+1941&cd=1#v=onepage&q=rose-croix&f=false> Acessado em 19.05.2010

- ¹⁴ *The Rosicrucian Digest*, 1942, p.66. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=FOyZCJ0TmQkC&printsec=frontcover&dq=Rosicrucian+Digest+1942&cd=1#v=onepage&q=Orval&f=false>. Acessado em 19.05.2010.
- 15 *The Rosicrucian Forum*, 1943, p. 176.
- 16 *Rosicrucian Activities Around the World. The Rosicrucian Digest*, June, 1973 p.34.
- 17 *Rosicrucian Activities Around the World. The Rosicrucian Digest*, July, 1973 p.34.
- 18 *The Rosicrucian Digest*, April, 1975, p. 30.
- 19 *Rosicrucian Activities Around the World. The Rosicrucian Digest*, June, 1975, p.34
- 20 *The Rosicrucian Digest*, September, 1975, p. 35.
- 21 *The Rosicrucian Digest*, May, 1978, p. 18-24.
- 22 *The Rosicrucian Digest*, December, 1978, p.34.
- 23 *The Rosicrucian Digest, Mindquest*, April, 1980, p.22-25,34.
- 24 “*Rosicrucian Activities*”, *The Rosicrucian Digest*, December, 1980, p.35.
- 25 *The Rosicrucian Digest*, April, 1981, p. 29; *The Rosicrucian Digest*, May, 1981, p. 19.
- 26 *The Rosicrucian Digest*, April, 1980, p. 25.
- 27 *The Rosicrucian Digest*, January, 1985, p. 19-20 .
- 28 *The Rosicrucian Digest*, September-October, 1998. p. 4-5.
- 29 *The Rosicrucian Digest*, January-February, 1989, p. 7-8.
- 30 *The Rosicrucian Digest*, July-August, 1989, p. 31.
- 31 *The Rosicrucian Digest*, November-December, 1989, p.14.
- 32 Atas e Cartas enviadas aos membros.
- ³³ Uma instalação mantida pela organização para a realização de retiros espirituais.
- 34 Fórum Rosacruz Anual, 3º Trimestre, 2001, p. 32.
- 35 *O Rosacruz*, número 240, 2º Trimestre, 2002 p.34.
- 36 Fórum Rosacruz Anual, 3º trimestre, 2004, p.30.
- ³⁷ Fórum Rosacruz Anual, 3º Trimestre, 2002, p.34.

Determinismo causal Newtoniano e os conceitos quânticos de probabilidade e incerteza. Fundamentos quânticos da transdisciplinaridade e possibilidades de diálogo com a tradição

Prof. Dr. Carlos Alberto Ferrari, Graduação em Física (UNESP), Mestrado em Física (USP), Doutorado em Física (UNICAMP), Pós-doutorado em Física (UC/Berkeley, USA), Membro da Academia Maçônica Campinense de Letras, Coordenador da URCI, Seção (F) Ciências Exatas

Apresentação

Determinismo e causalidade são conceitos bem estabelecidos na mecânica newtoniana, válida na escala humana de nossos envolvimento do dia-a-dia. Com o advento da mecânica quântica para escala microscópica, o comportamento destas partículas não obedece estes conceitos e uma formulação puramente probabilística deve ser usada. Firma-se no princípio da incerteza, na observação. Decorre, ainda, deste princípio, o caráter dual – onda/partícula - da radiação e da matéria. Tratamos, também, da transdisciplinaridade possível da conceituação quântica para uma proposta de início de diálogo com a tradição.

1. Determinismo Causal Laplaciano/Newtoniano e a Probabilidade Quântica.

Cientistas haviam trabalhado por três séculos na hipótese de que *todos* os eventos observáveis podiam ser interpretados pela lei universal da *causalidade*.

No início do século XX, entretanto, a atmosfera científica

mudou completamente. No advento da mecânica quântica, foi mostrado que as leis científicas não podem ser aplicadas com completa exatidão para o comportamento dos elétrons, que são dos últimos constituintes da matéria, logo estendido ao mundo subatômico.

Físicos que trabalham com mecânica quântica sentem-se seguros com a “interpretação de Copenhagen” dos dados experimentais no mundo microscópico, entretanto, existem controvérsias com sua fundamentação filosófica. ^[1]

Um dos principais arquitetos da “interpretação de Copenhagen” da mecânica quântica foi o físico Neil Bohr, que durante um bom tempo manteve debates com Albert Einstein, que a história da ciência registra como um dos mais fascinantes da inteligência humana. No auge desses debates, Einstein, desgostoso com esta interpretação, chegou ao ponto de afirmar: “*Deus não joga dados com o universo.*” Esta afirmação se referia à interpretação quântica do abandono da causalidade estrita a eventos individuais em favor de uma interpretação fundamentalmente estatística.

O que era e é aceito pela grande maioria dos físicos teóricos, menos Einstein, foi sucintamente colocado por Werner Heisenberg:

Nós assumimos que a teoria quântica, como oposto à teoria clássica, é essencialmente uma teoria estatística, no sentido que somente conclusões estatísticas possam ser tiradas de dados experimentais (...). Na formulação da LEI CAUSAL, explicitamente, ‘se nós conhecemos exatamente o presente, podemos predizer o futuro’, esta não é a conclusão, mas antes, a premissa que é falsa. Nós não podemos conhecer, na realidade o princípio, o presente em todos em seus detalhes¹.

Entre os críticos da interpretação de Bohr-Heisenberg, (“interpretação de Copenhagen”) de uma indeterminação

fundamental em física, estava Louis de Broglie:

O nível agora atingido pela pesquisa em microfísica está certo que o método de medida não nos permite determinar simultaneamente todas as grandezas que seriam necessárias para obter um quadro do tipo clássico de corpúsculos (isto que pode ser deduzido do “Princípio de Incerteza” de Heisenberg), e que a perturbação introduzida pela medição, que são impossíveis de eliminar, impede-nos em geral de prever precisamente o resultado que produzirá e permite somente previsões estatísticas. A construção de fórmula puramente probabilística que todos os teóricos usam hoje está, assim, completamente justificada. Entretanto, a maioria deles, frequentemente sob a influência de ideias preconceituosas derivada da doutrina positivista, tem pensado que eles poderiam ir além e afirmar que a incerteza e o caráter incompleto do conhecimento, que a experiência em seu presente estágio nos dá acerca do que realmente acontece em microfísica, é o resultado de real indeterminação dos estados físicos e de sua evolução. Tal extrapolação não parece, de qualquer maneira, ser justificada. É possível que olhando no futuro a um nível profundo da realidade física, seremos capazes de interpretar as leis de probabilidades e física quântica como sendo resultados estatísticos do desenvolvimento de variáveis completamente determinadas, que estão no presente, ocultas para nós. Pode ser que recursos poderosos que estão começando a ser usados para quebrar a estrutura do núcleo e produzir novas partículas nos darão um dia um conhecimento direto que não temos agora acesso a este nível profundo. ... Estas nos ensinam, de fato, que o estado atual do nosso conhecimento é sempre provisório, e que deve estar, além do que é usualmente conhecido, imensas novas regiões a descobrir².

Nota-se aqui a aceitação da interpretação quântica em nível atômico e nuclear. A pesquisa para um nível mais profundo onde a mecânica quântica pode ser substituída, é motivada muito mais por objeções ao seu indeterminismo filosófico que por outras considerações. De acordo com Einstein: “A crença em um mundo exterior independente do qual está sendo percebido é a base da ciência natural.” Mecânica quântica, entretanto, tem a interação entre o objeto observado e o observador como a realidade última. Ela usa a linguagem das

relações físicas e processos antes que das quantidades físicas e propriedades. *Ela rejeita* como sem sentido e sem utilidade a noção que atrás do universo de nossa percepção existe um mundo objetivo escondido, governado pela *causalidade*; em vez, ela se limita à descrição das relações entre percepções. Contudo, existe uma relutância por muitos para abandonar propriedades objetivas atribuídas a partículas elementares, e lidar, em vez, com nosso conhecimento subjetivo delas, e isto motiva suas pesquisas por uma nova teoria. De acordo com de Broglie, tal pesquisa está no interesse da ciência. Se ela levará a uma nova teoria que, em algum reino inexplorado em curso, contradiz a teoria quântica e, também, que altera seus fundamentos filosóficos, ninguém sabe.

Desde o final do século passado, físicos teóricos trabalham em uma teoria, a chamada “Teoria das Cordas”, em busca de uma teoria definitiva única que englobe as *dimensões cósmicas*, na qual a “Teoria da Relatividade” tem sucesso e a das *dimensões microscópicas* da bem sucedida “Mecânica Quântica”. Embora traga muita expectativa entre os físicos teóricos, no momento a matemática em desenvolvimento desta teoria mostra-se tão complexa que ninguém conhece suas equações exatas.

Neste cenário, ainda, está presente o aspecto de onda e partícula do mundo quântico.

Há mais de trezentos anos o físico inglês Isaac Newton proclamou que um raio de luz consistia de um fluxo de partículas. O físico holandês Christiaan Huygens, entre outros, discordava e argumentava que a luz era uma onda. O debate prolongou-se até o início do século XIX com o experimento do médico/físico inglês Thomas Young, que evidenciou o com-

portamento ondulatório da luz.^[3] Essa experiência tornou-se muito importante na mecânica quântica. O físico americano Richard Feynman gostava de dizer que “toda mecânica quântica pode ser deduzida a partir de uma reflexão cuidadosa sobre as implicações dessa experiência”³.

Young fez um raio de luz incidir sobre uma barreira em que havia duas fendas verticais e paralelas, separadas por certa distância. A luz que passou através delas foi registrada em uma placa fotográfica. A visão newtoniana da luz como partícula leva à previsão de que na placa fotográfica aparecerão duas imagens distintas, separadas por certa distância. Entretanto, o que Young observou não foi isso, mas uma figura própria de um comportamento padrão de interferência, análoga ao que pode ser visto quando ondas produzidas na superfície da água atravessam duas aberturas em um anteparo dispostas a certa distância entre elas. As ondas que saem de cada uma das aberturas encontram-se umas com as outras: se os picos das ondas se encontram, a altura da onda resultante neste ponto aumentará; se, ao se encontrarem as duas ondas, estiverem no ponto mínimo, a profundidade da depressão da água nesse ponto também aumentará; finalmente, se o pico de uma onda encontrar-se com a depressão de outra, elas se cancelarão mutuamente.

O mesmo raciocínio para a onda na superfície da água é aplicado ao tratamento do raio de luz como onda. Na placa fotográfica aparecerão áreas brilhantes onde coincidem os picos (ou depressão) das ondas procedentes de cada fenda; as áreas escuras estão onde os picos das ondas de uma fenda coincidem com as depressões da outra fenda, o que resulta em cancelamento. A sequência de faixas de luz e de ausência

de luz é conhecida como *padrão de interferência*.

Essa experiência de Young demonstrou, de maneira concreta, o comportamento ondulatório da luz. Essa interpretação foi posteriormente posta em termos matemáticos sólidos pelo físico escocês James Clerk Maxwell, em sua Teoria Eletromagnética que, ainda, unificava, elegantemente, a eletricidade e o magnetismo por meio do campo eletromagnético.

Em decorrência do comportamento ondulatório da radiação, o físico alemão Albert Einstein explicou, com sucesso, o chamado “Efeito Fotoelétrico”. Ficou evidente que a radiação luminosa, dependendo de sua frequência e não de sua intensidade, causava a emissão de elétrons de uma superfície metálica. Essa experiência configura-se como um dos fatos mais fascinantes e paradoxais na história da ciência.

Portanto, era natural que se colocasse a questão: como pode o modelo corpuscular, já bem sucedido na explicação do Efeito Fotoelétrico, explicar o padrão de interferência mostrado no experimento de Young?

Parece razoável supor que as propriedades típicas das ondas, como o padrão de interferência, possam também ocorrer no modelo corpuscular da luz, *desde que* estejamos diante de um *grande número* de fótons.

Feynman tinha razão pelo seu entusiasmo com a experiência de Young. As coisas não param por aí. Vamos retomá-la.

Mesmo que a intensidade da luz emitida pela fonte diminua, o que quer dizer que o número de fótons diminua cada vez mais, até o ponto em que os fótons atinjam a barreira *um por um*, - digamos, ao ritmo de um a cada 6 segundos -, a placa

fotográfica *continuará* a apresentar uma figura de padrão de interferência, desde que esperemos o tempo suficiente para que um número bem grande desses *pacotes de luz* passe pelas fendas e seja registrado como *um ponto* na placa fotográfica. Esses pontos terminarão por compor a imagem desse padrão de interferência!

Agora a pergunta: como é que os fótons, que passam um de cada vez pelas fendas e se imprimem um de cada vez na placa fotográfica, podem se entender para produzir as faixas claras e escuras do comportamento ondulatório que interferem? A lógica convencional – aristotélica – nos indica que cada fóton passa ou por uma fenda ou pela outra e, portanto, seria de esperar a produção de imagens verticais paralelas distintas separadas por certa distância. Mas isto não acontece!

Esta experiência apresenta mais coisas impressionantes!

Vejamos. Fecha-se a fenda da esquerda e lançam-se os fótons *um por um* contra a barreira. Ao atravessarem a fenda, imprimem na placa, *ponto por ponto*, uma imagem vertical. Em seguida, repete-se a experiência com uma nova placa fotográfica, mas agora com as duas fendas abertas. Naturalmente, espera-se que com o aumento do número de fótons que passa pelas fendas e atinge a placa, a película fotográfica receberá maior quantidade de luz do que na experiência anterior. Mas, examinando-se a imagem produzida, verifica-se que não só há regiões da placa que antes estavam escuras e que agora aparecem claras, como era de se esperar, *mas também que há regiões que antes estavam claras e que agora aparecem escuras, apresentando o padrão de interferência!* O aumento do número de fótons que atinge a placa produziu uma diminuição de brilho em certas áreas. *De algum modo, os fótons corpusculares*

e separados no tempo conseguem cancelar-se mutuamente!

Podemos concluir, das considerações acima, que o Efeito Fotoelétrico revela que a luz tem características de partícula, e a experiência de duas fendas revela que a luz manifesta as propriedades de interferência das ondas. Em conjunto, eles mostram que *a luz tem propriedades tanto de onda quanto de partícula*, isto é, um fóton se comporta ao mesmo tempo como partícula e onda, é a chamada “*dualidade onda-partícula*”. Traduzidas em fórmulas matemáticas, estas descrevem experiências do mundo real microscópico com incrível precisão, muito embora de difícil entendimento no nível intuitivo.

Até agora analisamos o comportamento dual onda-partícula do fóton, o “quantum” da radiação eletromagnética. Em 1924, o jovem príncipe francês, de Broglie, propôs a existência de *ondas de matéria*. De acordo com essa proposta, para a matéria, assim como para a radiação, a energia total de uma partícula material está relacionada a uma frequência de uma onda associada com seu movimento (velocidade, mais precisamente *momentum*). Essa proposta valeria para *todas* as partículas materiais, tais como elétrons, prótons, nêutrons etc. Assim, a dualidade partícula-onda alcançava, por conseguinte, todas as entidades macroscópicas. O físico dinamarquês Niels Bohr sumarizou esta situação no chamado “Princípio de Complementaridade onda/partícula”, comumente referida como “Princípio da Complementaridade”.

É muito importante notar, entretanto, que em qualquer dada medição *somente um modelo, de onda ou de partícula*, se aplica – ambos os modelos não são usados sob as mesmas circunstâncias. Quando a entidade é detectada por alguma espécie de interação, ela atua como uma partícula no sentido que ela está localizada; quando ela está se movendo, atua

como uma onda no sentido que fenômenos de interferência são observados e, claro, a onda está distendida, não localizada. Se uma montagem de medição fornece o caráter ondulatório de radiação ou matéria, então é impossível provar o caráter de partícula pela mesma montagem, e inversamente. Qual modelo usarmos é determinado pela natureza da montagem. Ainda mais, nosso entendimento de radiação, ou matéria, é incompleto a menos que tomemos em conta medidas que revelem o aspecto ondulatório e também aqueles que revelem o aspecto de partícula. Portanto, radiação e matéria não são onda *ou* partícula.

O elo entre o modelo ondulatório e o modelo de partícula é fornecido por uma interpretação probabilística da dualidade onda-partícula.

2. O Princípio da Incerteza

De acordo com Heisenberg e Bohr, o ponto de vista probabilístico é fundamental na física quântica e o *determinismo deve ser descartado*.

Na mecânica clássica as equações de movimento de um sistema, de escala humana, sob a ação de forças conhecidas, podem ser resolvidas para fornecer a posição e *momentum* (massa x velocidade) de uma partícula para qualquer tempo posterior. Tudo que necessitamos saber são a posição e *momentum* precisos da partícula no tempo inicial, e no futuro a posição e o *momentum* serão *determinados* exatamente.

Mas, em escalas microscópicas? Ao nível de observações de elétrons, prótons, nêutrons etc., enfim, partículas subatômicas? A resposta a esta questão é que em um tratamento de mecânica quântica, a medida ao mesmo tempo da posição e *momentum* de uma partícula material ou radiação não tem mais acurácia que o permitido pelo “Princípio da Incerteza”

de Heisenberg. Este princípio é, também, referido como “Princípio de Indeterminação”. Por este princípio, ao modificarmos a montagem de medida para melhorar a precisão da posição da partícula, por exemplo, pioramos a habilidade para determinarmos o seu *momentum*. Este “Princípio da Incerteza”, também, alcança a relação entre as medidas da energia e o tempo requerido para efetuarmos esta medida.

O “Princípio da Incerteza” nos permite entender por que é possível para a radiação e a matéria terem natureza dual (onda/partícula).

No experimento de Young de duas fendas, suponhamos que se substitua a placa fotográfica por uma superfície fotoelétrica. Medidas de *onde* (localização) os fotoelétrons são ejetados da superfície conduzem a um padrão correspondente ao padrão de interferência da fenda-dupla, assim o aspecto de onda da radiação parece estar presente. Mas, se medirmos as distribuições de energia e tempo dos fotoelétrons ejetados, obteremos evidências da natureza de partículas da radiação (fótons). Se, então, pensarmos a radiação como fótons (partículas), cujo movimento é governado pelas propriedades de propagação de onda, de certas ondas associadas (de Broglie), aparentemente surge um paradoxo. Cada fóton (partícula) deve passar através de uma fenda ou de outra; se este é o caso, novamente, como pode seu movimento além da fenda ser influenciado pela interação de suas ondas associadas (de Broglie) com uma fenda através da qual ele não passou?

A falácia desse paradoxo está na afirmação de que cada fóton deve passar através de uma fenda *ou* de outra. Mas, como podemos, realmente, determinar experimentalmente se um fóton detectado na placa fotográfica passou através de uma ou

outra fenda? Para nos certificarmos disto teríamos que colocar um detector após cada fenda, mas o detector que interage com o fóton na fenda rejeita o caminho que ele, de outro modo, seguiria. Podemos mostrar, pelo “Princípio da Incerteza”, que um detector com resolução espacial suficiente para determinar através de qual fenda o fóton passa, perturba seu *momentum* tal que o padrão de interferência de duas-fendas é destruído.

Em outras palavras, ao provarmos que cada fóton realmente passa através de uma *ou* outra fenda, não estaremos mais obtendo o padrão de interferência, pois uma das características de uma onda é sua não-localidade. Se desejarmos obter o padrão de interferência, devemos nos abster de perturbar o fóton e não tentarmos observá-lo como partícula ao longo de seu caminho até a placa fotográfica. Podemos observar se o comportamento da radiação é de partícula *ou* de onda, mas o “Princípio da Incerteza” impede de observarmos ambos ao mesmo tempo, e assim esse comportamento de dualidade onda/partícula não é, na realidade, auto-contraditório. O mesmo é verdadeiro para o comportamento onda/partícula da matéria (elétron, próton etc).

Tudo muito estranho para quem vive num mundo aparentemente governado pela lógica aristotélica. Einstein recusou-se a aceitar por completo conceitos quânticos. Bohr, um dos principais mentores da conceituação da mecânica quântica, observou “que se você não ficar tonto de vez em quando ao pensar em mecânica quântica, é porque não entendeu nada”. Feynman, conceituado físico americano, recentemente falecido, escreveu: “[A mecânica quântica] descreve a mecânica quântica absurda, do ponto de vista do bom senso. E ela concorda plenamente com os fatos experimentais. Portanto, eu espero que você aceite a natureza como ela é – absurda”³.

3. Transdisciplinaridade

A *transdisciplinaridade* nas diversas ciências corrobora o avanço global do conhecimento. Valendo-se das conceituações da mecânica quântica, e resgatando a cosmologia concebida por Jacob Boehme, o físico teórico romeno radicado na França, Bassarab Nicolescu⁴, propõe que entre todos os sistemas naturais do planeta, o relativo ao homem é que revela capacidade de tradução entre esses sistemas. Juntamente com capacidade do homem de estudar cientificamente esses sistemas, ele pode ultrapassar a ilusão moderna de haver um único nível de realidade. Ilusão que surge da confiança total na informação dada por seus sentidos, frequentemente amparados por instrumentação de medidas que os prolongam. Baseado fortemente nas concepções de Boehme, afirma que a estrutura dos sistemas naturais em *níveis de realidades* permite compreender o ressurgimento do “*sentido*”⁵ das obras do filósofo teutônico na física moderna.

A ciência abrindo-se para o “*sentido*”, para o sujeito, pode operar nos diversos níveis de realidade. Permite a *integração* do sujeito enquanto explorador desses níveis de realidade, tornando-se como o físico norte-americano John Aechbald Wheeler⁶ propôs, um participante no processo.

Assim, pode-se colocar “se não haveria Leis de Isomorfismos que atravessariam vários níveis de realidade, cujos efeitos seriam diferentes conforme a escala em que se manifestassem, mas que permaneceriam sempre as mesmas”⁷.

A ideia de isomorfismo não é nova, já passou por Jung, Pauli e outros. Niels Bohr⁸, físico que trabalhou nos fundamentos da mecânica quântica, não hesitou em estabelecer correlação entre a sociologia, a política e a física, partindo

de uma generalização do princípio de complementaridade descoberto na física quântica.

Essas Leis de Isomorfismo somente poderiam ser descobertas “através de uma nova abordagem científica e cultural – a transdisciplinaridade – na qual, todos os ramos do conhecimento, tanto as ciências ditas ‘exatas’ e as ciências ditas ‘humanas’, como a arte e a Tradição, deverão cooperar”⁹.

Essa transdisciplinaridade significa um fluxo de informação entre os diversos ramos do conhecimento, firmado no isomorfismo para os diversos campos do conhecimento, o que conferirá unidade na diversidade. Para isto, há necessidade de uma nova linguagem, uma nova lógica e novos conceitos para emergir um verdadeiro diálogo entre os diversos ramos do conhecimento, que resultará em um conhecimento unitário na totalidade do ser.

E para esta nova postura, Nicolescu afirma que “a ciência fundamental moderna é uma parte da cultura e pode contribuir para o reencantamento do mundo”¹⁰. Realça que a verdadeira transdisciplinaridade, viria da ciência “Cosmológica Quântica”, que se baseia na escala cosmológica e na escala quântica, que assume a ideia do surgimento espontâneo, e não causalidade material, do Universo, ideia tirada da física quântica para explicar o surgimento das partículas elementares. Assim, “o Universo parece capaz de autocriar-se e também de auto-organizar-se sem nenhuma intervenção ‘externa’¹¹, tendo-se como imagem para esta ideia, o “oroboros”, símbolo da Grande Obra da alquimia”.

Assumindo isomorfismo entre os diversos ramos do conhe-

cimento, autocriação e auto-organização do universo e uma dinâmica do tipo “bootstrap” de Geoffrey Chew¹², enquadrada entre os diversos níveis de realidade, Nicolescu afirma:

“cada nível de realidade é o que é porque todos os outros níveis de realidade existem ao mesmo tempo”. Finaliza sua proposta de transdisciplinaridade, nesta obra acima citada, afirmando: embora se situando resolutamente no campo da racionalidade, a transdisciplinaridade poderia permitir o surgimento de um diálogo polifônico entre racional e irracional (ou supra-racional), sagrado e profano, simplicidade e complexidade, unidade e diversidade, natureza e imaginário, homem e Universo. Estou convencido de que a transdisciplinaridade poderia demonstrar nas próximas décadas ser o meio privilegiado para a elaboração da epistemologia da complexidade e poderia iluminar o caminho para a formulação de uma nova Filosofia da Natureza¹³.

Encontramos no fecundo pensador místico e cientista Martins¹⁴, amplas ilações de conceitos da mecânica quântica com os da mente humana são estudos de fronteira. Em suas rigorosas reflexões, acostumadas ao método científico, trata de fenômenos considerados “paranormais”, tais como telepatia, pré-cognição, telecinesia, clarividência e outros.

É bem conhecido que tais fenômenos, ditos “paranormais”, denunciam a existência de um contexto de nível de realidade que transcende o universo de percepções objetivas do homem. Tais fenômenos lidam com tal tipo de energia sutil cuja velocidade de propagação é fantástica. Essa seria, então, a velocidade de projeção de imagens nos fenômenos de clarividência e de bilocação.

Já se faz notar contextos de realidades: as realidades objetivas do mundo físico e aquelas dos fenômenos ditos “paranormais”. A raridade destes últimos aponta para a existência de uma complexa barreira de bloqueios. Martins foi buscar conceitos quânticos da física nuclear, desenvolvidos por Gamow, agra-

ciado com o Prêmio Nobel de Física, para relacioná-los com a transparência de barreiras desses fenômenos “paranormais”. No estudo da desintegração espontânea do átomo de Urânio 238, por exemplo, observou-se que a energia cinética da partícula alfa emitida na reação era inferior àquela de potencial da barreira nuclear a ser transposta. Consequentemente, a partícula alfa não poderia deixar o núcleo atômico sem violar o Princípio Universal de Conservação de Energia. Gamow, à luz da mecânica ondulatória e, portanto, em termos probabilísticos, propôs a existência de uma determinada probabilidade para que a partícula alfa, num dado instante, se tornasse isenta do bloqueio imposto pela barreira de potencial nuclear, hoje conhecido como “Efeito Túnel”, ou de “Transparência de Barreira”. O essencial nesse fato está na ocorrência de circunstância que possibilita a violação aleatória do referido bloqueio.

Martins¹⁵ propõe que efeitos de paranormalidade têm essa correspondência na física quântica de transparência de barreira.

Outra elegante ilação entre a mecânica quântica e o ser humano é feita por Zohar¹⁶, ao afirmar: “a dualidade onda-matéria do ‘material’ quântico torna-se o relacionamento mente-corpo mais primário do mundo, e no cerne de tudo isto, em níveis mais elevados, os reconhecemos como os aspectos mental e físico da vida”. Vê, nessa primaridade – portanto irreduzibilidade em outra coisa ou processo - da dualidade onda-partícula, a origem do mental e do físico e aquilo que eles realmente significam.

O aspecto de partícula de um sistema quântico de duas ou mais partículas, dá a elas a “capacidade de ser” e seu aspecto de onda sua “capacidade de se relacionar”.

O filósofo e psicólogo R. A. Wilson¹⁷ propõe que a incerteza e indeterminação da mecânica quântica têm sua origem em nossos cérebros e sistemas nervosos; que todo e qualquer conhecimento tem a mesma origem e a lógica aristotélica, inventada por físicos quânticos, descreve todos os esforços dos seres humanos no sentido de conhecer e falar sobre o mundo da experiência, em qualquer nível.

Ainda, relaciona a ação dos neuropeptídios como hormônios (substâncias químicas que provocam alterações na função corporal) e às vezes como neurotransmissores (substâncias químicas que provocam alterações na função cerebral) com a dualidade onda/partícula da mecânica quântica. O conceito da *não-localidade* na mecânica quântica nos leva a reflexões.

Em 1965, o físico John S. Bell publicou suas pesquisas relativas à não-localidade. Este conceito é referido sucintamente como “Teorema de Bell”, que afirma o seguinte:

se existe algum tipo de universo objetivo em algum sentido e se as equações da mecânica quântica têm similaridade de estrutura (isomorfismo) em relação a esse universo, então existe algum tipo de correlação entre duas partículas quaisquer que, em um dado momento, entram em contato.

A *sincronicidade* de Jung envolve este tipo de correlação não-local e não-causal. Jung especificava que a sincronicidade talvez não se enquadre em qualquer teoria puramente *causal* do universo.

Os universos múltiplos criados pelo observador são outras implicações do Teorema de Bell. Everett, Wheeler e Graham apresentaram um modelo, a chamada teoria EWG, para as várias possibilidades de um sistema quântico que, segundo a mecânica quântica, devem existir em dado lugar e não podem coexistir no mesmo espaço-tempo. Eles existem então em diferentes universos, os chamados “Universos Múltiplos”.

O conceito de “universos múltiplos” também alcança a neurociência. Esta nega um “eu” essencial e detecta uma variedade de “eus” em cada cérebro, com uma dada química. O “eu” predominante em dado momento não parece mais real que os “eus” latentes possíveis de se manifestarem assim que uma droga é ingerida ou quando o indivíduo sente medo, ou se encontra em ambiente não familiar.

Segundo Wilson¹⁸:

E não se torna evidente que os ‘eus’ virtuais e as realidades virtuais se infiltraram na Psicologia e na Física porque todas as análises suficientemente avançadas devem, em algum momento, abandonar a certeza aristotélica e aceitar os modelos – túneis de realidade – com base em probabilidade?, um dos preceitos básicos da mecânica quântica.

Notamos, assim, nestas rápidas, concisas e limitadas referências, tentativas de mostrarmos a *transdisciplinaridade* na ciência moderna e que esta pode colaborar com outras áreas do conhecimento até então inexploradas.

Conclusão

Para que haja alguma unidade nos diversos ramos do Conhecimento, particularmente das Ciências Física, Química, Astronômica e Matemática, tem que se investigar “alguma hipótese, alguma abstração, a contemplação de algum fim ou alguma ordem, como incentivo para a ciência demonstrar a relação que existe entre essas revelações que ela faz”. Neste contexto surge a filosofia da ciência. Como disse o conhecido cientista liberal, o grande físico James Jeans: “Cabe à ciência tentar descobrir o padrão dos eventos. Cabe à filosofia (da ciência) tentar interpretar esse padrão quando descoberto”.

Temos dos ensinamentos da filosofia da Ordem Rosacruz,

AMORC:

As observações da ciência – eventos e coisas – e as definições e abstrações da filosofia, todas, giram em torno do Eu (consciência). O interesse do homem pelo universo, a eletricidade, o magnetismo, todo o espectro de energias, os planetas e as estrelas, e seu próprio organismo, dependem das sensações que designamos como o Eu. Seria possível ao homem, como a muitos outros animais, perceber o mundo, ter consciência da exterioridade, sem se aperceber de um ego ou Eu. Todavia, sem uma consciência do ego, não ocorreria essa relação intermediária que existe entre o Eu e o mundo, e que se constitui de noções como de ordem, unidade, Deus, espaço, tempo, etc. São estas noções que, ao mesmo tempo, desafiam e dão ímpeto à ciência e aos conceitos da religião e da filosofia. Analogamente, é a importância atribuída ao Eu que dá origem às doutrinas e às práticas que conhecemos como misticismo.

Sentimos, assim, vislumbres de identidade dos conceitos quânticos com a Tradição, particularmente da relação quântica sujeito/objeto, abrindo amplo espaço para aprofundamentos para ambos os lados, dos cientistas e dos místicos.

Notas

- 1 Eisberg, R. e Resnick, R. “Quantum Physics, of Atoms, Molecules, Solids, Nuclei and Particles”. John Wiley & Sons, New York, (1974). Heisenberg, W. “Física e Filosofia”. Ediciones LA ISLA / Buenos Aires (1959).
- 2 Bohm, David. “Causality and Chance in Modern Physics”, D. Van Nostrand Co., 1957.
- 3 Eisberg, R. e Resnick, R. “Quantum Physics, of Atoms, Molecules, Solids, Nuclei and Particles”. John Wiley & Sons, New York, (1974). Greene B.; “O Universo Elegante”. Companhia das Letras
- 4 Nicolescu, Basarab. “Ciência, Sentido & Evolução – Cosmologia de Jacob Boehme”, Attar Editorial, São Paulo, 1995.
- 5 ibidem, p.55

- 6 Tabold, Michael. "Mysticism and New Physics", p. 35
- 7 ref. 1, p.148.
- 8 ibidem p.149.
- 9 ibidem, p.149.
- 10 ibidem, p.150.
- 11 ibidem, p.152.
- 12 Capra, J. "O Tao da Física", Editora Cultrix, SP, p.213.
- 13 ref. 1, p. 152.
- 14 Martins, J. "A Ciência e o Mistério do Ser", Komedi Editores, SP, 1994.
- 15 ibidem, p. 27.
- 16 Zohar, D. "O Ser Quântico", Editora Best Seller, 1990 – São Paulo, SP.
- 17 Wilson, R. A. "Psicologia Quântica", Madras Editora Ltda, 1990, p. 66
- 18 ibidem, p. 157.

Arte e Transdisciplinaridade na literatura Esotérica, Cabalística e Rosacruziana de Jorge Luis Borges

Elisa Fernandes de Sousa da Rocha, mestre em Educação (UFPR), Especialista em Literatura Brasileira (UnB), Graduação em Letras – Francês (UFPR), Psicanalista Clínica (SPOB), Coordenadora da URCI, Seção (K) Literatura.

Introdução

O presente artigo se originou de dois momentos: A constatação da qualidade do texto do escritor Jorge Luis Borges, reconhecida internacionalmente, e a informação contida no livro *A Rosa e a Cruz, história, mitologia e rituais das ordens esotéricas*, de Christopher McIntosh (2001, p. 229), que diz: “um dos mais sutis tratamentos no campo da ficção sobre o tema Rosacruz ocorre no conto do escritor Jorge Luis Borges, classificado na literatura como um escritor universal, *Tlön, Uqbar, Orbis Tertius*, da enciclopédia Labyrinths”¹.

Além disso, os escritos de Borges, como refere Miceli (2007, p. 4), caracterizam-se pelo esoterismo: sua “entrega radical ao ofício literário, em meio a decepções e euforias, se fez acompanhar pelo tônus de esoterismo de que se revestem suas representações encantadas da atividade criativa”.

Da perspectiva de Josef (1974), o contista, ensaísta e poeta, Jorge Luis Borges (1899-1986) trabalha com duas proposições fundamentais: o mundo é governado pelo caos e toda literatura tem caráter de irrealidade, e esta é a condição da arte. Ora, se

a irrealidade é a condição da arte é porque esta flui de suas produções não meramente como ornamento, mas por sempre estar se fazendo, construindo-se a cada vez que o contista relaciona realidade e irrealidade.

Diante da desordem que se instalou nas sociedades modernas, o homem se sente perdido como em um labirinto e, “para impedir que o caos do real se transfira para o pensamento” (SARLO, 2008, p. 124), Borges utiliza não somente as linguagens imaginárias, que resistem a essa desordem, mas também a alternância entre ficção e realidade ao utilizar metáforas do tempo, do labirinto e do espelho.

Se a arte se faz mediante o caráter de irrealidade da literatura de Borges, a escrita o torna imortal, pois é a arma que tira o mundo do caos. Espelhos, portas-passagens, ecos e labirintos são figuras utilizadas por ele para que o leitor passe a viver em intertextualidade, ou seja, descubra a realidade.

E essa forma de intercalar a mágica com o mundo real mostra também relações com a transdisciplinaridade, pois esta, segundo Nicolescu (1999, p. 53), significa “aquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina, [tem como objetivo] a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento”.

Se é unidade do conhecimento, envolve o diálogo entre o real e o irreal de qualquer origem. Justamente o artigo 13 da Carta da Transdisciplinaridade, de 6 de novembro de 1994, citada por Nicolescu (2008, p. 165), estabelece:

A ética transdisciplinar recusa toda atitude que se negue ao diálogo

e à discussão, qualquer que seja sua origem – de ordem ideológica, cientificista, religiosa, econômica, política, filosófica. O saber compartilhado deveria levar a uma compreensão compartilhada, baseada no *respeito* absoluto das alteridades unidas pela vida comum numa única e mesma Terra.

Trabalhar a obra literária, seja qual for seu gênero e temática, requer múltiplas indagações. Em presença de recursos da utopia, dos labirintos, das imagens do espelho e das inspirações esotérica, cabalística e Rosacruziana, a indagação é necessária, muito menos para elencar algumas precárias certezas e mais para deixar fluir na alma de quem pergunta as questões igualmente ontológicas da condição humana.

Na literatura existente, referente a Borges, questões como arte, literatura e transdisciplinaridade nem sempre aparecem em relações recíprocas e, quando assim lembradas, ocorrem em breves menções, o que justifica a realização do presente trabalho, cujo objetivo é investigar como arte, literatura e transdisciplinaridade emergem na literatura esotérica, utópica, cabalística e Rosacruziana de Borges, principalmente nos contos “Tlön, Oqbar, Orbis Tertius” e “O Aleph”, e como se tornam elementos de diálogo com os leitores.

Tem-se como hipótese que arte, literatura e transdisciplinaridade não somente buscam-se constantemente nos contos acima especificados, como também estabelecem constantes relações sociais com os leitores, uma vez que, na explicação do próprio Borges (2007, p. 19), “o plural é inevitável”.

Optou-se neste artigo pela metodologia do ensaio, que, no sentido original, é o autoexercício livre da razão com teor literário, mas dissertativo. É desenvolvida mediante leitura e

interpretação de bibliografia referente à arte e à arte da literatura em Borges; leitura e reflexão sobre o desenvolvimento dos conceitos de arte, literatura e transdisciplinaridade, na inspiração cabalística e Rosacruziana da bibliografia em análise.

Tlön, utopia em Borges

Borges (2007, p. 13) relata a descoberta de *Uqbar* à “conjunção de um espelho e de uma enciclopédia”. E a história de *Tlön*, *Uqbar* e *Orbis Tertius* é relatada a partir de um livro *in-octavo* maior, encontrado por Borges em um pacote deixado em um bar, meses antes, pelo amigo Herbert Ashe, “engenheiro das ferrovias do sul”:

O livro estava redigido em inglês e continha mil e uma páginas. No amarelo do couro desbotado li estas curiosas palavras que o falso frontispício repetia: *A First Encyclopaedia of Tlön, V. XI. Hlaer to Jangr*. Não havia indicação de data nem lugar. Na primeira página e numa folha de papel de seda que cobria uma das lâminas coloridas havia estampado um óvalo azul com esta inscrição: *Orbis Tertius* (BORGES, 2007 p. 18).

Borges assim representou o momento da doce descoberta do manuscrito precioso, sonho de todo místico:

Agora tinha nas mãos um fragmento metódico da história total de um planeta desconhecido, com suas arquiteturas e querelas, com o pavor de suas mitologias e o rumor de suas línguas; seus imperadores e mares, com seus minerais e pássaros e peixes, com sua álgebra e seu fogo, com sua controvérsia teológica e metafísica. Tudo isso articulado, coerente, sem visível propósito doutrinário ou tom paródico (BORGES, 2007, p. 18).

E quem seriam os inventores de Tlön? Ele nasce como projeto e construção de cientistas, poetas, metafísicos abertos a todos os saberes. Em Tlön os idiomas têm todos os nomes das línguas indo-européias e muitos outros. Tudo é associado

e relacional: as ciências, as artes, as metafísicas. Seu objetivo comum: a alma do mundo, a alma do homem, ou seja, há uma relação transdisciplinar.

Borges (2007, p. 19 e 20) explica: “De início, pensou-se que Tlön era um mero caos, uma irresponsável licença da imaginação; agora se sabe que é um cosmos e as íntimas leis que o regem foram formuladas, ainda que de modo provisório”. Esse universo é concebido como uma série infinita de processos mentais que não se desenvolvem no espaço de modo sucessivo no tempo. “Sua linguagem e as derivações de suas linguagens – a religião, as letras, a metafísica – pressupõem o idealismo”. Esse idealismo invalida *per se* a existência da ciência, mas, paradoxalmente, ela existe e em número e natureza plurais. Tanto quanto as ciências, as filosofias também são diversas e derivam de jogos dialéticos. O diálogo é sua fonte.

Assim, Borges (2007, p. 13) inaugura sua utopia literária criando um mundo imaginário derivado “da conjunção de um espelho e de uma enciclopédia”, como diz no início do conto. E McIntosh (2001, p. 228) a anuncia:

A história lida com um grupo de pessoas que decide criar um país imaginário e apresentá-lo ao mundo como se de fato existisse. (...) Compilam uma enciclopédia sobre esse país, contendo detalhadas descrições sobre sua geografia, história, costumes, religiões, linguagem e ciência. (...) Aos poucos, esse misterioso mundo começa a fascinar de tal maneira as pessoas que o mundo real começa a imitá-lo.

(MCINTOSH, 2001, p. 228).

O grupo de pessoas que age por trás da invenção recebe o nome de *Orbis Tertius*, a Terceira Esfera, ou, melhor, uma sociedade secreta, conforme apresenta no *Pós-escrito* de 1947:

(...) Em princípios do século XVII, numa noite de Lucerna ou de

Londres, começou a esplêndida história. Uma sociedade secreta e benévola (...) surgiu para inventar um país. No vago programa inicial figuravam os ‘estudos herméticos’, a filantropia e a Cabala.² Dessa primeira época data o curioso livro de Andreae. (BORGES, 2007, p. 28-29).

Efetivamente, conforme McIntosh (2001), quando Borges escreveu essa história tinha em mente o movimento Rosacruz, porque ele atribui um dos livros sobre o planeta imaginário a Johan Valentin Andreae (1586-1654) – *Cristianópolis*. Mas consultou também Francis Bacon (1561-1626) – *A Nova Atlântida* – e Thomas Morus (1478-1535) – *Utopia*.

O próprio Borges refere-se à Ordem Rosacruz ao registrar que, no volume XXVI da *Anglo-American Cyclopaedia*³, (na seção “Idioma e Literatura”),

A literatura de Uqbar era de caráter fantástico e suas epopeias e lendas jamais se referiam à realidade, mas tão-só às regiões imaginárias de Mlejnas e Tlön... A bibliografia enumerava quatro volumes que não conseguimos encontrar até agora, embora o terceiro – Silas Haslam: *History of the Land Called Uqbar, 1847* – figure nos catálogos da livraria de Bernard Quaritch. O primeiro, *Lesbare und lesenswerthe Bemerkungen über das Land Uq̄q̄bar in Klein-Asien*, data de 1641 e é obra de Johannes Balentinus Andreae. (BORGES, 2007, p. 16)

Esse fato é significativo, conforme explica Borges (2007, p. 16) porque

Um par de anos depois, topei com esse nome nas inesperadas páginas de De Quincey (*Writings*, volume XIII), onde se refere a um teólogo alemão que, em princípios do século XVII, descreveu a imaginária comunidade Rosacruz – que outros fundaram mais tarde, à semelhança da que ele preconcebera⁴.

A utopia, tema filosófico, recebe diferentes tratamentos nessas obras, porém são semelhantes em sua essência – são

utopias filosóficas, espirituais, não dogmáticas; não são a expressão de alguma religião em particular, não contêm nenhuma ideologia política. Constituem-se, sobretudo, da busca por uma sociedade tolerante onde os grupos étnicos, as religiões e a liberdade individual e coletiva dos humanos buscam conquistar uma elevação da consciência.

A construção imaginativa é principalmente o processo construtivo da mente. Formas mentais combinam-se em novas imagens, processo que inclui a ideação ou visualização do ensinamento Rosacruz, de utilidade inestimável.

A consciência reúne os detalhes das coisas, em determinada ocasião (como no conto de Borges: o espelho reflete e reproduz e a enciclopédia nomeia os objetos), na representação de uma experiência real ou realidade percebida pela pessoa.

As possibilidades semânticas constroem-se da mesma forma, nesse mundo particular, numa tentativa de dar acesso a uma translinguagem⁵, talvez impossível de ser definida, mas possível de ser vivida na utopia de Borges. As noções de Tlön são congenitamente idealistas e por extensão sua linguagem e suas derivações pressupõem o idealismo, inclusive, a metafísica que considera uma derivação da literatura.

Josef (1974, p. 43) expressa que “um dos componentes básicos de literatura de Borges é o “*mise en abyme*”:⁶ a perspectiva infinita de textos que remetem a textos, que remetem a textos... como um caleidoscópio”. Constrói um modelo de mundo imaginário segundo regras que potencializam as possibilidades semânticas das figuras e valoriza, portanto, a transdisciplinaridade pelo respeito à alteridade.

A estrutura *en abyme* é explicada por sua organização conceitual do espaço e uma hipótese de inclusão do infinito.

É um paradoxo visual: induz a aceitar a existência de um infinito

espacial encerrado num espaço de representação não infinito! (...). Nela se reconhecem múltiplas imagens levemente distorcidas, reflexos de espelhos refletidos em espelhos, quando (como no barroco), a ilusão nega a supremacia de uma realidade ‘primeira’ (SARLO, p. 107 e 114).

Realismo fantástico? Essa representação concerne ao que pode ser aceito pela lógica e percebido pela sensação. Borges, no entanto, propõe que o que captam os sentidos humanos como um labirinto⁷ pode configurar o infinito. Assim, contradiz o que se entende na literatura como “realista”.

Os labirintos, os sonhos e a sociedade ideal supõem apoderar-se dessa estrutura *en abyme*. Tlön, região utópica, desdobra-se e se converte em planeta. E deve-se a reflexos de espelhos onde a ilusão reflete algo da realidade.

E o que é esse espelho na obra de Borges?

Em Borges, o espelho é metáfora de reflexo, de mimesis e é também tudo aquilo que estabelece relações, cria o duplo e supõe duas cenas, duas articulações, passagem para outra dimensão, que, sendo outra reflete a primeira, nunca se esgotando como repetição (CASTELO BRANCO; BRANDÃO, 1995, p. 334).

Nessa construção, o paradoxo serve à estrutura literária, demonstrando que a “realidade” ultrapassa alguns obstáculos, tais como a estrutura lógica do raciocínio, tornando a impossibilidade do “real” possível de ser comprovada logicamente e os fatos insólitos, ausentes na realidade, possíveis na ficção.

Em entrevista com Borges, a Revista Thot (1994, p. 2) explicita:

Quem conhece a obra de Borges sabe o quanto o escritor é obcecado por temas metafísicos: o caráter alucinatório do universo, a persistência da memória, a realidade do conceitual sobre a irrealidade do indivíduo e, sobretudo, o tempo, o abissal problema do tempo, com sua ameaça de contornos e repetições e seu iniludível poder devastador. Daí a fre-

quente presença de espelhos, desdobrando e perpetuando a imagem e que se multiplica criando o duplo, o falso com aparente realidade.

A literatura abissal é a via de transdisciplinaridade, pois é potencialmente criadora privilegiando todos os níveis de percepção entre as realidades. Porquanto essa via passa necessariamente pelo despertar da consciência para a dupla transcendência do Sujeito e do Objeto.

Em Tlön, entre as diferentes escolas que pensam o tempo e seus mistérios, a primeira nega a sua existência, considerando que o presente é indefinido, que o futuro não tem realidade, senão como esperança, e que o passado também não tem realidade a não ser como lembrança. A segunda pensa que o tempo já transcorreu em sua totalidade e que a vida humana é apenas recordação de um processo irrecuperável. A terceira considera que o universo é comparável às criptografias nas quais valem todos os símbolos e, por fim, a quarta escola postula que ainda que se durma aqui, se está desperto no outro lado e que, assim, cada homem é dois homens. Cada homem, cada consciência está relacionada à consciência universal, tendo nela a sua contraparte. É a natureza abissal. Assim como todas as coisas estão em Deus em essência e Ele mesmo não é propriamente aquela essência (e, contudo aquela essência de acordo com sua propriedade), assim também o homem espiritual é uma imagem da palavra formada do poder divino, e o homem exterior é uma imagem do interior como instrumento deste⁸.

Em Tlön, existe apenas um sujeito: um só sujeito e indiviso, mas que paradoxalmente é cada um dos seres do universo, todos eles órgãos e máscaras da divindade. O sujeito do conhecimento é uno e eterno, tanto que raramente livros são assinados. Não existe o conceito de plágio porque se acredita que todas as obras são de um único autor, anônimo

e atemporal. Também os livros são distintos: os de ficção têm um único argumento, mas com infinitas mutações, e os da filosofia contêm invariavelmente a tese e a antítese e todas as antinomias do jogo dialético. Só é completo o livro que em si encerra seu próprio contralibro (BORGES, 2007, p. 26).

Tlön é a utopia de Borges e também sua autobiografia: é ele quem lê e relê incansavelmente os livros sagrados, os textos herméticos, a literatura de todas as culturas e todos os livros reais mencionados no conto. Ele próprio é o espelho da Biblioteca⁹, sua mais orgânica paixão, porque nela se encerra a saga humana e o insaciável desejo humano de transcendência e da unidade do pensamento.

Tlön também é o labirinto em que se encerra o escritor, um labirinto emocional, filosófico, metafísico e intelectual que dá origem ao artista e o inscreve na indagação, primeira e última – quem somos? – e às derivadas dela: o que é o mundo? Por que se está nele? Qual é o sentido da vida?, questões transdisciplinares.

Talvez a resposta seja uma forma de emersão do estado expandido da consciência e impossível de ser descrita com o instrumento clássico do escritor – as palavras. Mas, então, existe a arte. Segundo Josef (1993, p. 53 e 54), Borges “é um dos escritores mais conscientes de sua arte” e sua obra de arte “é uma literatura que se constrói sobre a literatura; justifica-se e se explica a partir de si mesma, como obra dentro da obra (...) como crítica da linguagem e da experiência artística”. Ao se estabelecer como metáfora do universo a arte se torna literatura, que, então, já pode ser traduzida em palavras ou em espelhos, ecos e labirintos, como intertextualidade. Não

somente a arte e a literatura estão uma dentro da outra, como obra dentro da obra, mas também o leitor vive a interface com a intertextualidade, tornando-se também alguém incluindo alguém, conforme a dimensão transdisciplinar. Portanto, descobre a realidade.

A realidade é experienciada por um estado de consciência conhecida pelos Rosacruzes como Consciência Cósmica, cujo valor é compreendido pelo conhecimento total do universo. Borges, talvez, “sondasse” essa experiência, pois pressentia que nela a consciência simples e a autoconsciência não abandonam o indivíduo, mas deixam de comandar os sentidos, que se tornam mais sutis: outra visão, outra audição, outra voz, outra compreensão.

Filosoficamente, podem-se delinear alguns traços essenciais nessa experiência: o tempo não existe; o espaço é ficção, já que no espaço nenhum objeto é o mesmo ao ser considerado numa perspectiva temporal; a identidade é inconcebível, pois nenhuma substância ou ato se estende no tempo.

O Aleph: origem, inspiração cabalística e rosacruciana

Borges escreveu o conto *O Aleph*, inspirado, talvez, na procura do estado de consciência cósmica, presente nos ensinamentos da Ordem Rosacruz (SHOLEM, 1949). Ele pensa que do mesmo modo que se chegou ao conceito de eternidade pela ideia da coexistência do passado, do presente e do futuro, num só instante, também se podem imaginar todos os pontos do espaço em um só ponto. No Aleph, centro do horizonte, expandem-se todas as luzes.

O Aleph é a primeira letra do alfabeto da língua sagrada (hebraico). É ela que dá corpo, materialidade e existência às

palavras e ao significado nelas contido. “Para a Cabala, essa letra significa o *En Soph*¹⁰, a ilimitada e pura divindade”. Sua forma é a de “um homem que assinala o céu e a terra para indicar que o mundo inferior é o espelho e o mapa do superior; para a Mengenlehre (teoria dos conjuntos), é o símbolo dos números transfinitos nos quais o todo não é maior que as partes” (BORGES, 2001, p. 173).

O Aleph é o ponto de origem, mas nele está contido o espaço cósmico com toda sua vitalidade e movimento.

Vi no Aleph a terra e na terra outra vez o Aleph (...). Vi uma pequena esfera furta-cor, de quase intolerável fulgor. (...) O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava aí, sem diminuição de tamanho. Cada coisa (o cristal do espelho, digamos) era infinitas coisas, porque eu via claramente de todos os pontos do universo (BORGES, 2001, p. 170).

O Aleph é a única letra singular. É o princípio, a origem. O Aleph, revelação divina na Cabala, é o criptograma do macrocosmo. Lipner (1967, p. 45) revela: “Enquanto esta letra flutuava pelos ares, cem mil mundos se dividiram para serem contidos nela. E outras letras foram modeladas e desenhadas segundo ela, e ela se coroou com a coroa formada por todos os mundos”.

Em termos cabalísticos, o Aleph é o primeiro “relâmpago” de Deus e contém todo o universo e tudo que se refere ao homem. Corresponde ao número um, ponto básico na geometria. Sua estrutura corresponde à letra *vav* (V) (inclinada) cujo valor é 6 e dois *Iod* que valem 10 cada um, que equivale a 26, numa adição. Corresponde ao número do Tetra Gramaton – IHVH (*Yah Veh*). Portanto, faz parte do nome de Deus.

No conto, para ver este Aleph, o poeta Borges relata precisar

fixar o olhar no 19.^o grau de uma escada que conduz ao porão. O número 19, na Cabala, é a letra QOF, cujo valor é 100. Eis o segredo do Aleph. O personagem Daneri alega: “já sabes, o decúbito dorsal é indispensável. Também o são a escuridão, a imobilidade, certa acomodação ocular. Tu te deitas no piso de tijolos e fixas o olhar no décimo nono degrau da pertinente escada” (BORGES, 2001, p. 168).

Para Borges, não parece absurdo haver uma relação entre palavras, letras e seus sentidos, pois essa é a ideia da Cabala quando se lê: “Faça-se a luz e a luz se fez”. Segundo o *Sepher Yetzirah* (Livro da Criação), o universo foi criado através da conjunção de dez esferas (sefirot) e das vinte e duas letras do alfabeto hebraico. Três letras mães (o Aleph é uma delas), sete duplas e doze simples.

Não deve causar estranhamento ao leitor que à configuração do Aleph “tenha sido atribuída a dimensão do infinito [*Ein Sof*],¹¹ nem que seu desenho indique a noção do arquétipo” (SOSNOWSKI, 1991, p. 68). Do mesmo modo que a Cabala entende a criação do universo como revelação consequente da combinação de letras e palavras dos textos sagrados de Zohar, do *Sepher Yetzirah*, Borges entende o texto como representação e continuidade sem fim de combinações gramaticais, que se assemelham à tarefa do autor e à do demiurgo.

Enquanto a cabalística anseia chegar ao Absoluto através do Verbo, “a busca do Verbo é tarefa de poetas; o acesso final ao Verbo é um modo de vida que orienta os cabalistas” (SOSNOWSKI, 1991, p. 12), Borges se inscreve numa Ordem literária que cria um mundo novo à medida do humano e no qual cada homem carrega em si uma partícula da Divindade.

Borges certamente leu o livro sagrado judaico *Tora*, que

versa sobre a criação do universo. E qual o propósito do escritor? Re-criação.

Se, como diz Josef (1993, p. 54), em Borges “a criação artística é realidade independente, autônoma, possuidora de sua própria especificidade”, mediante o caráter de irrealidade da sua literatura, então a re-criação, seja do universo ou das pessoas, se dá pela palavra, que tira o mundo do caos. Mas – acrescenta-se – a palavra “Fiat”, pronunciada pelo Criador no início dos tempos, “precisa ser conquistada [pelo artista] vivendo-a”, para que tire o mundo do caos.¹² Assim, tem-se um tripé formado pelas forças arte, literatura e transdisciplinaridade, com sentido especial neste artigo: a arte, dinamizada pela irrealidade da literatura de Borges; e “a literatura, [que] não é a tradução de um pensamento ou experiência do autor, [mas] o lugar em que nasce um sentido que não existiria de outra maneira” (JOSEF, 1993, p. 54).

Ora, a irrealidade e a invenção de um sentido produzem novos significados ao se concretizarem, o que se realiza pela linguagem. Não somente a linguagem instrumento de comunicação e de expressão, mas aquela que se concretiza mediante a vivência da transdisciplinaridade. Segundo Nicolescu (1999, p. 135), “na base de todas as disciplinas, há um olhar transdisciplinar que lhes dá sentido”, caracterizado pela “inclusão do Outro”. Conforme a Ordem Rosacruz, AMORC (2001, p. 22-23) essa inclusão é também a vivência de uma “Cultura da Paz, fundada na integração e na cooperação, coisa em que os Rosacruzes sempre se empenham. (...) Sua felicidade só é possível favorecendo a de todos os seres humanos, sem exceção”.

Arte, literatura e transdisciplinaridade, além de se tor-

naram elementos de diálogo com o leitor, pois o incluem, proporcionam-lhe compreensões da visão do Aleph, a grande unidade. Que símbolo melhor teria a transdisciplinaridade no conto de Borges? Significativo o aparecimento do objeto cósmico numinoso (Aleph): onde a luz se ascende... “Vi o Aleph de todos os pontos, vi no Aleph a terra, e na terra outra vez o Aleph (...) esse objeto secreto e conjectural cujo nome usurpam os homens, mas que nenhum homem olhou: o inconcebível universo” (BORGES, 2001, p. 171).

A utopia Rosacruz privilegia a transdisciplinaridade dos saberes

Desde a sua criação, a Ordem Rosacruz teve por princípio e fundamento a conquista de um mundo ideal. Embora a ideia de um homem melhor, mental, afetiva, psíquica e socialmente persista ao longo dos tempos, como seu objetivo fundador, a *Ancient Mystical Order Rosae Crucis* (AMORC) preocupa-se, na atualidade, especialmente com a integridade e vitalidade do planeta.

Os temas esotéricos e Rosacruzcianos transformam-se para Borges em mundos fantásticos, abissais, onde o inefável transparece no assombro. A Ordem Rosacruz também penetra nos “mistérios” da natureza. É de sua estrutura acreditar na potencialidade das forças cósmicas para a transformação do caos em ordem e das forças humanas para transmitir a contingência em novas possibilidades de evolução e regeneração humana. Desse modo, semelhante à arte poética de Borges, de um mundo que monta e se desmonta “pode fazer-nos participar do absoluto” (JOSEF, 1993, p. 59).

É nessa instância – a da força espiritual do homem para vencer suas próprias limitações e a imanência de sua existência

– que a Ordem Rosacruz sonha a humanidade em contínua transformação para a compreensão do plano divino. É sua também a estrutural convicção de que a humanidade está destinada a criar uma sociedade ideal de amor e reverência mútuos entre os homens e destes com a Natureza, em consequência de sua eterna pulsão para o transcendente e pela construção da transdisciplinaridade.

Apesar do caos que caracteriza o novo milênio, a regeneração da humanidade, princípio fundamental da Ordem Rosacruz, é também fundamental para o advento de uma nova ordem e para o nascimento de uma nova humanidade e isto não é o “sem lugar”, como denota, do grego, a palavra *u-topos*, utopia, entre nós, mas é “o que terá lugar” porque se mostra factível “em virtude da convergência das consciências, da generalização das trocas internacionais, da expansão da mestiçagem cultural, da universalização da informação e da inter e transdisciplinaridade dos saberes” (ORDEM ROSACRUZ, 2001, p. 8).

Essa esperança de regeneração individual e coletiva pode vir a ser magnífica realidade mediante o cultivo particular e institucional de real humildade e reverência para com os mistérios, o que significa que nenhuma religião, filosofia, ciência ou política terá o monopólio da verdade.

Considerações finais

A arte, a literatura e a transdisciplinaridade, em suas relações recíprocas, se tornam elementos de diálogo com o leitor. Isso acontece todas as vezes que o leitor, conforme a bibliografia em análise, sente-se incluído, transportado para outra dimensão, o absoluto.

Lembra Josef (1993, p. 59) que, para Borges, a literatura é

“um princípio ordenador”, capaz de suprir a ausência da ideia de Deus, mas “só a arte pode fazer-nos participar do absoluto”, e a transdisciplinaridade, segundo Nicolescu (2008, p. 157 e 53), testemunha a esperança pelo fato de estar “ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” e a inclusão do Outro.

Mais do que qualquer outra forma, a literatura é transdisciplinar, desde sempre, embora nunca antes da modernidade tenha se falado desse conceito e dessa prática que hoje transcende a ciência para colocar-se plural, em todas as atividades humanas. O cerne sempre foi o desconhecido, o esotérico, o sagrado, o mistério e o imemorial assombro diante da finitude e da circularidade do tempo e da natureza. É a forma de recriar a vida mediante palavras e significados. Sua carne e substância em Borges são as metáforas... O escritor empreende a transformação simbólica do real, essa dimensão psíquica e antropológica que homem algum pode vislumbrar e compreender porque é da sua estrutura e natureza escapar e escapar sempre.

O que se propõe no universo Rosacruz é a prática permanente de reflexões transdisciplinares em direção à emancipação e resistência às barbáries civilizatórias e de uma nova razão, aquela que, aliada ao sentimento do sagrado, se tornará capaz de amar e cuidar da vida, do domínio da vida. Arte, literatura e transdisciplinaridade dão novo sentido à ética, pois a característica comum é o respeito à alteridade.

Referências Bibliográficas

BORGES revisitado. Entrevista de Borges. Associação Palas Athena, **Revista Thot**, Entrevista de J. L. Borges concedida em 1976 à revista Thot, e publicada dezoito anos mais tarde. São Paulo: Palas Athena,

- n. 59, p. 2, 1994.
- BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Globo, 2001.
- _____. **Ficções**. Tradução: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOROVICH, Beatriz. **Caminos de Borges: la kabala, los mitos y los símbolos**. Buenos Aires: Lumen, 1999.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia; BRANDÃO, Ruth Salviano. **Literateras: as bordas do corpo literário**. Belo Horizonte: Anna Blume, 1995.
- JOSEF, Bella. Borges: linguagem e metalinguagem. In: **O espaço reconquistado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.
- _____. **O espaço reconquistado: uma releitura**. 2. ed. rev. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- LIPNER, Elias. **Ideologia Fun yidish alef - beis** (Original em iidche). Buenos Aires: Instituto Judío – IWO, 1967.
- MCINTOSH, Christopher. **A rosa e a cruz: História, mitologia e rituais das ordens esotéricas**. Porto Alegre: Nova Era, 2001.
- MICELI, Sergio. Jorge Luis Borges: história social de um escritor nato. **Novos estud. - CEBRAP** [online]. 2007, n.77 [cit. 2010-03-11], pp. 155-182. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000100008&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0101-3300. doi: 10.1590/S0101-33002007000100008.
- NICOLESCU, Basarab.
- ORDEM ROSACRUZ. **Manifesto positio fraternitatis rosae crucis**, selado em 20 de março de 2001, Ano Rosacruz 3354. Curitiba, 2001.
- SARLO, Beatriz. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia**. Tradução: Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- SCHOLEM, Gershom. **Zohar, o livro do esplendor**. Rio de Janeiro: Renes, 1949.
- SOSNOWSKI, Saul. **Borges e a Cabala**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Notas

- 1 “Tlön é uma região imaginária de Uqbar”. Esta é “uma região vagamente localizada na Ásia, de fronteiras traçadas por rios e montanhas que, incluídos no espaço que deveriam delimitar, não remetem a nenhum outro país”. “Tlön se converte num planeta inventado por uma seita que se vale para tanto de meios exclusivamente discursivos. Finalmente, *Obirs Tertius* é o mundo descrito na língua do imaginário planeta Tlön, que, como já sabemos, fora definido previamente como região mítica de um outro país nebuloso, Uqbar” (SARLO, 2008, p.114).
- 2 Cabala (Kabbalah) em hebraico significa Tradição. O termo tem “aproximação mística ao Judaísmo” (SOSNOWSKI, 1991, p. 27).

- 3 Reimpressão da décima *Encyclopaedia Britannica*.
- 4 Adiante se voltará ao tema.
- 5 Translinguagem: percepção direta anterior às ideias e ao pensamento. Equivale a quebrar o espelho, que reflete a identidade de Borges.
- 6 Escrito também abîme, é termo que significa cair no abismo. O termo foi utilizado pela primeira vez pelo escritor francês André Paul Guillaume Gide (1869-1951), para denominar narrativas que contêm outras narrativas, quadros que contêm outros quadros, imagens que contêm outras imagens.
- 7 Labirinto tem para Borges o sentido da mudança. Transforma-se em círculos secretos, como acontece também no conto *A casa de Astérion*: “retas galerias que se curvam em círculos secretos” (Borges citado por Borovich, 1999, p. 96).
- 8 Ensino sigiloso da AMORC.
- 9 Para Borges “o Universo é a Biblioteca, a Verdade está na Biblioteca”. (Borovich, 1999, p. 92).
- 10 Também escrito *ein sof*.
- 11 Borges escreve *em soph*.
- ¹² SUCRE, Guillermo. **Borges, ele poeta**. México, Universidad Nacional, 1967, p. 80, citado por Josef (1993, p. 65).

A Universidade Rosecroix como agente de transformação

Prof. Paulo Roberto Paranhos Silva. Mestre em História. Especialista em Administração Escolar e História do Brasil. Bacharel em História, Direito e Museologia. Pesquisador do Projeto Goethe (UERJ), Presidente da Academia Caxambuense de Letras. Coordenador da URCI, Seção (I) Educação e Ensino.

Resumo: A proposta educacional da Universidade Rosecroix.

Abstract: The proposal's educational Rosecroix University.

I - Introdução

A Universidade tradicional, conforme bem sabemos, deve se distinguir como centro de criação de conhecimento, de produção de tecnologia e de cultura, aliás, como tem se mostrado em todo o mundo, disseminando o ensino, a pesquisa e a extensão. Sendo parte de uma realidade concreta da sociedade, suas funções devem ser pensadas e trabalhadas levando-se em conta as exigências desta última, brotadas de suas próprias transformações num mundo em constante mudança.

Deve, por sua própria natureza, ser um ponto de encontro de diversas culturas, de diferentes visões de mundo. Assim, por acaso os conflitos que nela surjam devem cingir-se tão somente aos lindes de busca de elementos novos para a instituição.

Enquanto educadores, devemos pugnar por uma instituição dedicada a possibilitar o avanço do saber, para que seja a

qualquer tempo o espaço aberto para a teoria e para a descoberta. Em síntese, para que seja fundamentalmente o lugar da pesquisa na busca de novos conhecimentos e que seja um campo fértil para a sua disseminação.

É a partir destas considerações conceituais que embasamos o presente artigo sobre a função da nossa URCI – Universidade Rosecroix Internacional – que se predispõe a ser um veículo de propagação de ideias nos mais diversos campos do conhecimento científico, abarcando estudos que podem complementar a cultura e a formação intelectual de seus participantes – *rosacruz voluntários que desejam realizar ou aprofundar trabalhos sobre temas específicos, relacionados com a filosofia, o misticismo, e os ensinamentos da Ordem Rosacruz, AMORC* –, enfim, uma instituição, ainda que atue hodiernamente no campo virtual, que contribua para a formatação de um conhecimento que leve à transdisciplinaridade, promovendo maiores e mais apurados estudos para a Ordem Rosacruz, AMORC.

O que se pretende é que a visão rosacruz do conhecimento, através de sua Universidade, seja alicerçada por seletivas seções de pesquisa, a seguir enunciadas, e que sejam efetivamente um instrumento útil para o auxílio nas pesquisas e na difusão do conhecimento acumulado há séculos pelos rosacruz.

Seção A – Medicina e Saúde	Seção G – Biologia, Ecologia e Meio Ambiente
Seção B – Psicologia e Análise Comportamental	Seção H – Tradições e Filosofias Místicas
Seção C – Egíptologia e História Universal	Seção I – Educação e Ensino
Seção D – Música	Seção J – Ciências Sociais Aplicadas
Seção E – Artes em Geral	Seção K – Literatura
Seção F – Ciências Exatas: Física, Química e Astronomia	Seção L – Tecnologias e Gestão de Conhecimentos

Contudo, há que se ter certo cuidado para não incorrerem no equívoco de considerar a nossa URCI uma universidade convencional, estruturada em departamentos e faculdades, e sujeita a toda sorte de intempéries e crises pelas quais passam as instituições de ensino superior no Brasil.

É oportuno lembrar, também, que essa mesma universidade está em crise por ter uma estrutura de poder centralizadora e conservadora, muitas vezes pela falta de competência profissional e pela falta de compromisso em fazer valer os interesses da própria sociedade que a gerou e dela depende. Não é esse o nosso perfil, como tentaremos demonstrar.

Portanto, a nossa intenção neste artigo é procurar discorrer sobre o conhecimento acumulado ao longo de nossa experiência, tanto como membro da Ordem Rosacruz, AMORC, quanto no desempenho de atividades docentes, sugerindo, ao final, que esse conhecimento adquirido se direcione efetivamente – a partir dos diversos núcleos de pesquisa da URCI –, a uma proposta de transdisciplinaridade, uma visão de universalidade, não pelo paradigma dos modelos atuais, mas, pretensamente, pelos modelos que a criaram no século XII, abarcando as diversas áreas do conhecimento numa prática “universal”, ou seja, num cenário onde o indivíduo se sinta realmente um ser “universalizado”.

II – A universidade fundada numa proposta de universalidade

O surgimento das universidades fez parte de um mesmo momento de explosão educacional na Alta Idade Média. No início, eram instituições que ofereciam especialização em estudos superiores que não podiam ser obtidos nas escolas

eclesiásticas comuns. Surgiram como *studium generalis* e depois como *universitas studiorum*, expressões nas quais a palavra universidade não significava a “enciclopédia dos estudos”, mas o seu caráter geral para todos os estudantes, de que região fossem.

Nesse sentido, as universidades se dividiam em *nationes*, que agrupavam os estudantes das diversas regiões, tendo organização autônoma, pois elegiam as próprias autoridades educacionais, consistindo o ensino na exposição e análise de um texto (*lectio*), na apresentação de argumentos (*quaestiones*) e na discussão de temas sugeridos pelo mestre (*disputationes*).

As primeiras universidades, segundo o historiador Georges Duby¹, foram as de Salerno, especializada em Medicina e a de Bolonha, especializada em Direito Civil e Canônico. Também a Universidade de Paris, que começou como uma escola religiosa, tornou-se um centro reconhecido da vida intelectual da região, transformando-se numa universidade especializada em Artes Liberais e Teologia.²

Cabe aqui assinalar que a instituição da universidade, num formato assemelhado ao que hoje temos, foi uma invenção medieval, mas havia escolas superiores na Antiguidade, porém sem currículos fixos ou corpos docentes organizados, e muito menos concediam diplomas.

Na Grécia, por exemplo, no século V a.C., apareceram os primeiros professores remunerados, ainda que não mantivessem escolas como instituições físicas. O método apresentado incumbia-se da formação completa dos jovens que lhes eram confiados.

No século seguinte, considerado um dos de maior expressão na cultura grega, a educação passou a apresentar um conjunto complexo de estudos com cursos de Retórica, Filosofia e Medicina.

Os romanos seguiram os passos dos gregos: em Roma o curso superior tratava basicamente da Oratória. No entanto, a originalidade do ensino latino foi oferecer a carreira jurídica, e sua importância foi a de ter difundido o ensino grego pelo mundo.

Com o advento do Cristianismo, as escolas laicas foram substituídas pelas religiosas, que se tornaram instrumento único de aquisição e transmissão de cultura; assim, podemos constatar que a partir do século VI d.C. o ensino que se ministrava na Europa continental o era a partir da Igreja Católica.

Dessa forma, a Universidade é o resultado de uma longa preparação que vai do século VII ao século XII, como corporação constituída juridicamente de mestres e discípulos, programas estabelecidos, cursos regulares e com graus acadêmicos. No início, eram menos estabelecimentos de ensino do que grupos de professores: na verdade, designava uma corporação, organizada como guilda³, com o intuito de proteger seus interesses e direitos.

Portanto, à luz do conhecimento histórico, podemos dizer que a Universidade emergiu da exigência de vida em comum daqueles que, como mestres e aprendizes, dedicavam-se às ciências e à vida intelectual. Em sua gênese estava a transição da humanidade de uma etapa para a outra: da vida rural para a vida urbana, do pensamento dogmático para o racionalismo, do mundo eterno e espiritual para o mundo temporal e terreno, da Idade Média para a Renascença. A Universidade, em

síntese e acompanhando o entendimento de um respeitado historiador⁴, é filha da transição e elemento dos novos tempos e de um novo paradigma.

Contudo, progressivamente a universidade perdeu as suas características corporativas, até que o impulso do Humanismo fez desaparecer o chamado *clerk* (intelectual profissional), integrado no universo medieval e que tirava da sua força de trabalho o próprio sustento, substituindo essa figura por um novo tipo de homem, o humanista, e fazendo surgir o mecenato de papas, reis ou burgueses ricos, típicos do individualismo renascentista.

III – URCI: um projeto de ensino de qualidade

No Brasil, para vencermos o hiato que nos separa dos países do primeiro mundo, precisamos avançar nos mais variados campos da atividade humana e, inegavelmente, a educação é um dos principais, senão o primeiro, dos meios para alcançarmos o fim almejado. Ao ensino universitário tradicional cabe papel preponderante nesse universo educacional.

Educadores, especialistas e demais profissionais e instituições que se dedicam ao ensino no Brasil, incluindo aí a nossa URCI, frequentemente têm-se manifestado, nos meios de comunicação e em congressos, a respeito do assunto pela relevância do mesmo. Suas preocupações, entre tantas outras, estão intimamente relacionadas com o ensino e a pesquisa.

A URCI, conforme assinalado em sua missão, *representa o ideal dos rosacruzistas que desejam expressar o conhecimento adquirido nos anos de estudos do misticismo amplo e abrangente*. Assim é que, no conceito de seus integrantes, deve estimular

a criação do saber. Para tanto, é fundamental o tripé no qual se apoia o ensino superior: ensino, pesquisa e extensão. Porém, não da forma aplicada nas universidades convencionais, mas numa tentativa de reeditar o modelo da universalidade que se aplicava às instituições universitárias do mundo antigo e da Alta Idade Média, procurando envolver todas as Seções que a compõem em um único projeto de transdisciplinaridade, a fim de que a mesma cumpra efetivamente a missão que lhe foi confiada.

Nesse sentido, é fundamental para a URCI o ensino na busca da pesquisa, com embasamento teórico, com envolvimento em todos os sentidos, contando com os indispensáveis arcabouços que cada um dos participantes traz de sua formação universitária, para que a disseminação do conhecimento que se pretende em nossa instituição seja condizente com os objetivos primordiais que a Tradição Rosacruz revelou.

Temos consciência de que uma das formas da Universidade tradicional desenvolver bem o ensino e a pesquisa é através da formação de cidadãos aptos a exercerem funções especializadas nas mais diferentes áreas do conhecimento. E essa formação de cidadãos deve se caracterizar como preparação de homens pensantes, que buscam continuamente novos caminhos. Assim, a Universidade, além de ser uma geradora de conhecimento, de cultura e de tecnologia, deve ser também a instituição onde se formam cidadãos e profissionais.

No caso da URCI, considerando-se a gama de linhas de pesquisa que se apresenta nas diversas Seções, a mesma deve ser pensada não como uma instituição onde fratres e sorores interessados em participar dessa obra educacional se iniciam em certos conhecimentos constituídos ou pré-estabelecidos,

mas onde são abertas possibilidades para que esses membros consigam uma formação que corresponda às suas aspirações e que sejam, também, multiplicadores de conhecimentos adquiridos ao longo do trabalho da nossa Universidade.

Por fim, o terceiro elo da corrente educacional: a extensão. Não restam dúvidas de que este é um dos principais compromissos da URCI, aliás, uma prática que a própria Ordem Rosacruz, AMORC, vem desenvolvendo há vários anos em suas dependências, oferecendo programas vinculados às atividades acadêmicas, técnicas, culturais, científicas e tantas outras a fim de atender demandas específicas não só da sociedade, mas, fundamentalmente, dos seus membros, através de cursos, seminários e treinamentos, além de projetos próprios, levando a cultura “extramuros”, onde os melhores esforços estão sendo envidados para o desenvolvimento da própria instituição e, por via de consequência, para os que dela se acercam e buscam conhecimento nas mais diversas especialidades.

IV – URCI: uma universidade corporativa?

A proposta de uma universidade corporativa surgiu em debates realizados ao longo dos trabalhos dos coordenadores da URCI com o seu reitor nesses últimos anos e deve ser uma questão bem pensada, considerando-se as características que envolvem tal figura no cenário educacional brasileiro.

Uma universidade corporativa, que também pode ser denominada de universidade empresarial, é uma instituição de ensino técnico e superior, em nível de graduação e/ou pós-graduação, vinculada a empresas privadas e públicas. Seu objetivo primordial é oferecer cursos específicos para os participantes da instituição a que se incorpora. Assim, a universidade corporativa difere das universidades tradicio-

nais porque possui características próprias: seus objetivos de aprendizagem estão sintonizados aos interesses, objetivos e estratégias das instituições que promovem a formação dos seus funcionários. Na maior parte das vezes, toda a estrutura da universidade corporativa é virtual, ou seja, seus cursos são oferecidos através da Internet. Assim, ela direciona os cursos exatamente de acordo com as políticas e estratégias das instituições que lhe são próprias, com a vantagem de reduzir custos de um treinamento convencional, além de obter com mais rapidez a formação de mão de obra qualificada.

Se levarmos em conta que a URCI procura reger todo o seu sistema através da integração de suas Seções, com propostas voltadas para a difusão do conhecimento, não só rosacruz, mas também o conhecimento laico, e que uma das ferramentas básicas no aperfeiçoamento desse processo é a virtualidade de sua atuação, não restam dúvidas de que o sistema corporativo é o mais indicado, momentaneamente, devendo ser aprofundado e apurado na sua essência, haja vista que a Ordem Rosacruz, AMORC não é uma empresa que se ajuste aos modelos de corporativismo educacional praticados, por exemplo, pela Petrobrás, pelo Banco do Brasil e outras tantas empresas públicas e privadas.

Corporativismo é uma palavra significativa no processo de formatação da URCI, mesmo porque se procuramos redefinir o nosso pensamento e a nossa visão do conhecimento - e estamos agregando com isso valores do passado, valores que foram importantes na difusão do conhecimento e das ideias na Grécia, em Roma, nas escolas medievais -, então vamos caminhar efetivamente para a forma de corporativismo em nossa universidade e que seja ela um agente de transformação nas relações de ensino da Ordem Rosacruz, AMORC.

V – Materializando a proposta de uma universidade corporativa

Para alicerçar a ideia da corporatividade a ser implantada na URCI, socorremo-nos de dois importantes documentos que podem ser implementados em nossa prática educacional. O primeiro deles, *mutatis mutandis*, demonstra regras que foram reveladas na declaração conjunta dos ministros da educação europeus em reunião ocorrida em Bolonha, em 19 de junho de 1999, que vieram a se consubstanciar na chamada “Declaração de Bolonha”.

As instituições europeias de ensino superior aceitaram o desafio e assumiram um papel preponderante na criação daquilo que definiram como “Espaço Europeu do Ensino Superior”, também à luz dos princípios fundamentais estabelecidos na Carta de Bolonha, do ano de 1998. Isto é da máxima importância, dado que a independência e a autonomia das universidades asseguram que o ensino superior e os sistemas de estudo se adaptem às necessidades de mudança, às exigências da sociedade e aos avanços do conhecimento científico.

A impressão que se tem, à leitura apressada de ambos os documentos – o de 1998 e o de 1999 – e de suas interpretações, é que existe um sentimento comum em relação à aplicação da maior prática de interdisciplinaridade nas universidades europeias, evoluindo-se sensivelmente para uma integração, inclusive, dos sistemas de ensino daquele continente, a exemplo do que fora feito com a moeda e com o comércio.

A Declaração de Bolonha simplifica todo o seu ideal quando enfatiza a necessidade de o Sistema Europeu do Ensino Superior adquirir tal grau de atração que se assemelhe às

tradições culturais e científicas que fizeram a grandiosidade da Europa.

O segundo documento, da lavra do Dr. Jacques Delors⁵, está consubstanciado naquilo que foi chamado de “Os quatro pilares da Educação”, com a intervenção da UNESCO, mais precisamente pela sua Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Ali foram inscritas condições para dar suporte ao tipo de aprendizagem que se pretende moderna e capaz de integrar as ações de aprendizagem abarcando diversas áreas do conhecimento. A primeira delas foi o aprender a conhecer. Este tipo de aprendizagem visa o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento e pode ser considerado como um meio e uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais e para minimamente se comunicar com outras pessoas.

O Dr. Delors anota que *um espírito verdadeiramente formado, hoje em dia tem necessidade de uma cultura geral vasta e da possibilidade de trabalhar em profundidade determinado número de assuntos. Deve-se, do princípio ao fim do ensino, cultivar simultaneamente estas duas tendências*”. A segunda das condições fala sobre o aprender a fazer que, segundo o autor, não pode continuar a ter o significado simples de preparar alguém para uma tarefa, uma tarefa material bem determinada. Consequentemente, a aprendizagem deve evoluir e não pode mais ser considerada como simples transmissão de práticas rotineiras. Este tipo de aprendizagem, ressalta, representa hoje em dia um dos maiores desafios da educação.

Uma terceira condição está centrada na descoberta do

outro. A educação teria por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, despertar nas pessoas a consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os homens.

Passando à descoberta do outro e, necessariamente, pela descoberta de si mesmo, a educação, venha ela da família, da sociedade ou da escola deve antes de tudo ajudar o estudante a descobrir a si mesmo. Somente desta forma ele poderá, verdadeiramente, pôr-se no lugar dos outros e compreender as suas reações. De acordo com o Dr. Delors, o confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI.

Finalmente, uma nova forma de identificação nasce de projetos quando os mesmos são trabalhados em conjunto, fazendo com que os mesmos ultrapassem as rotinas individuais, valorizando aquilo que é comum e não apenas as diferenças. Reduzem-se, inclusive, diferenças e conflitos e, em muitos casos, até mesmo desaparecem.

Assim, mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, o dom de conferir aos seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino.

Diante destas considerações e colaborações significativas para a evolução do sistema de ensino, surge-nos a indagação de poder o modelo de nossa URCI ser adequado, a uma, à

prática do ensino corporativo, e a outra, aos novos rumos que estão tomando as tendências educacionais mais modernas da Europa, visando, em última análise, a integração e a valorização do ser humano como um “homem total”, a exemplo daquilo que o passado nos relembra.

IV – Conclusão

Portanto, ainda que queiramos tornar imediatas práticas de ensino e experiências modernas, há que se atentar para o fato de que para uma educação transformadora impõe-se uma tecnologia educacional que impulse a didática para implementar um compromisso pedagógico e social.

Voltamos aqui ao exemplo da universidade brasileira tradicional: a mesma deve ter objetivos e propósitos claramente expressos e definidos para que a consecução de suas diretrizes seja uma realidade. Precisa assumir atitudes fundamentais, assim como uma política de atuação claramente definida na qual aqueles que nela trabalham possam se engajar, buscando o alcance dos objetivos comuns, elaborando um projeto pedagógico, que envolva um meticuloso planejamento das atividades de ensino que serão desenvolvidas ao longo do tempo.

A URCI, ainda que esteja direcionada para um público específico e com uma proposta que pode tender a um corporativismo educacional, deve seguir esse paradigma – aliás, esta é a intenção de seu projeto final de transdisciplinaridade proposta pelo seu I Congresso Nacional.

Notas

- 1 **O tempo das catedrais, a arte e a sociedade (980-1420)**. Ed. Estampa, Lisboa, 1979.

- ² As Artes Liberais eram consideradas as disciplinas próprias para a formação de um homem livre, desvinculado de preocupação profissional, mundana ou utilitária. Embora a expressão “Artes Liberais” e seus conceitos sejam originários da Antiguidade, foi na Idade Média que alcançou maior projeção. Eram 7 as artes liberais: Lógica, Gramática, Retórica, Aritmética, Geometria, Astronomia e Música.
- ³ Associação de artesãos de um mesmo ramo, isto é, pessoas que desenvolviam a mesma atividade profissional e que procuravam garantir os interesses de classe e regulamentar a profissão. Ocorreu na Europa principalmente durante a Idade Média. A guilda tinha também como finalidade proteger seus integrantes.
- ⁴ Maurice Crouzet, in **História Geral das Civilizações**. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1994, v. 7.
- ⁵ **Educação: um tesouro a descobrir**. Ed. Cortez, São Paulo, 1999, cap. 4.

Arte e Consciência: visões místicas e suas representações

José Eliézer Mikosz – Artista Plástico, pesquisador e professor da EMBAP (Escola de Música e Belas Artes do Paraná). Doutor em Ciências Humanas pelo DICH-UFSC (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina).

Introdução

Por volta do ano 40.000 a.C, durante o Paleolítico Superior, os seres humanos realizavam suas primeiras incursões artísticas como, por exemplo, as pinturas rupestres. Essas formas de expressão estão diretamente associadas ao desenvolvimento da consciência humana. Arte e religiosidade estavam então intimamente ligadas, muitos mitos e crenças se desenvolveram a partir dessa época e foram visualmente representadas.

Todas as religiões possuem mitos fundadores. Estes costumam ser o resultado de experiências de estados especiais de consciência, diferentes da consciência racional do dia-a-dia que, muitas vezes, considera o mito mera fantasia apenas. Não importa se a mente racional não compreende ou tenta invalidar o conteúdo dos relatos míticos, pois, de qualquer modo, os mitos podem cumprir o seu papel, estando aí seu poder, sua maior e inquestionável verdade, evidenciando, inclusive, as limitações da racionalidade nesse aspecto. Por exemplo, experiências místicas, tais como as descritas na Bíblia, geralmente são acompanhadas de visões. A descrição do sonho de Jacó, as visões do profeta Daniel, o Apocalipse

de São João, são apenas alguns exemplos dentro da cultura judaico-cristã. As visões são sempre descritas como fatos, não como subprodutos de mentes alucinadas, trazendo forte carga metafórica e simbólica, geralmente cercada de mistérios.

A Consciência e a sua Complexidade

Apesar da dificuldade em se conceituar o que é consciência, podemos considerar que há pelo menos dois tipos mais bem diferenciados dela: a *consciência comum* do dia-a-dia, que vai, resumidamente, desde o estado de vigília, passa por estágios como o hipnagógico, o dos sonhos, até o sono profundo inconsciente. Porém, há também um tipo especial, diferenciado ou não ordinário de consciência, muitas vezes associado a certos estados místicos ou transcendentais. Para se atingir esses estados são utilizadas diversas técnicas, dependendo da cultura local e preferência pessoal, como meditações, exercícios de concentração, técnicas respiratórias (hiperventilação, respiração holotrópica), jejum, abstinência sexual, danças circulares, tantra, ioga, uso de plantas ou substâncias psicoativas, rituais específicos, músicas, ambientes arquitetônicos especiais, estados emocionais intensos, inflingir-se dores como nas técnicas dos faquires, exaustão física etc.

A Ordem Rosacruz, AMORC ensina aos seus membros exercícios¹ que, se praticados diligentemente, proporcionarão de forma segura estados elevados de consciência, sem o auxílio de nada além dos recursos naturais do próprio indivíduo. Forte disciplina é necessária, não menor do que anos de prática constante como a que um músico necessita para dominar seu instrumento musical.

Bucke (1996) divide a consciência em três graus: primeiramente a *consciência simples*, onde “um cão ou um cavalo é tão consciente das coisas ao seu redor quanto um ser humano”;

em segundo a *autoconsciência*, onde o ser humano “torna-se consciente dele próprio como entidade distinta, separada do resto do universo” os animais não são autoconscientes. A autoconsciência está ligada à linguagem² “[...] são duas metades da mesma coisa – são o *sine qua non* da vida social humana” e, por terceiro, a *consciência cósmica*, que Bucke basicamente descreve como:

[...] uma consciência do Cosmo, isto é, da vida e da ordem do universo [...] ocorre uma aclaração ou iluminação intelectual [...] estado de exaltação moral, um indescrevível sentimento de elevação, êxtase e júbilo, um despertar do senso moral, que é plenamente tão maravilhoso e mais importante, tanto para a pessoa como para a espécie, do que o intensificado poder intelectual. Com isto vem o que pode ser chamado de senso de imortalidade.³

Bucke, porém, se refere a este estado como resultado de um complexo processo de evolução natural da consciência. Para ele, o estágio mais básico da consciência está na “aquisição e registro, mais ou menos perfeito, de impressões sensoriais – isto é, dos *perceptos*”, ou seja, o conteúdo de uma percepção ou impressão: “um som é ouvido ou um objeto é visto e a impressão produzida é um *percepto*”. A combinação de grupos desses *perceptos* se chama *recepto*, ou seja, é uma ideia que se forma através da repetição de *perceptos* similares: “Ideia ou imagem mental formada por percepções sucessivas dos mesmos objetos ou de objetos semelhantes, acentuando suas características comuns”. A ideia de árvore, por exemplo, é uma generalização de diversos *perceptos* de árvores compostos em um *recepto*, ou seja, todas as percepções de coisas que tenham raízes, troncos, galhos e folhas (ou ainda flores, frutos, determinado tamanho, cor etc.), é um *recepto* geral de árvore. Estudos dentro das ciências cognitivas procuram ainda compreender como o cérebro integra essas informações

através do que se conhece como o *binding problem*:

O *binding problem* consiste em saber como o cérebro pode integrar diferentes modalidades de informação acerca de um objeto para poder percebê-lo de forma unificada. Por exemplo, posso perceber um cão de diversas maneiras – diferentes perspectivas visuais. Existem várias raças de cães; uso a palavra “cão” para referir-me a esses objetos e uso também a palavra escrita “cão”. Contudo, meu cérebro é capaz de integrar todas estas modalidades de informação de maneira que invoco um único objeto quando ouço a palavra “cão”. Esta unificação operada pelo meu cérebro é particularmente importante na medida em que a partir dela componho objetos fora de mim, o que é um primeiro passo para definir-me como um ser consciente.⁴

A contínua acumulação de *perceptos* e *receptos* necessita uma elaboração mais complexa, “uma nova mudança e os *receptos* superiores foram substituídos por *conceptos*”, que é “a resultante de uma operação mental generalizadora; uma imagem mental genérica abstraída de *receptos*”. Para Bucke, essa relação entre um *concepto* e um *recepto* é semelhante à relação entre a aritmética e a álgebra. Sendo o *recepto* uma imagem composta de milhares de *perceptos*, “uma imagem abstraída de muitas imagens”, um *concepto* se trata de um “*recepto* nomeado (que recebeu um nome) – o nome, isto é, o signo (como na álgebra), representando daí em diante a própria coisa, isto é, o *recepto*”. Apenas como reforço de exemplo, como no caso da aritmética e da álgebra, processo parecido acontece na informática nas linguagens de programação, onde há linguagens de *nível baixo* e de *nível alto*. A linguagem de *nível baixo* é aquela onde o programador pode trabalhar diretamente com o sistema binário de 0’s e 1’s. A de *nível alto*, como a C++, por exemplo, trabalha com abstrações, isto é, são métodos de *programação orientada a objeto* (POO), onde a linguagem de *nível baixo* está embutida, mas são transparentes ao programador. Um automóvel pode ser visto como um objeto

chamado Porsche. Este é uma instância de uma classe chamada automóvel. A classe automóvel pode ser composta por rodas, portas, assentos, janelas, volante, ou então acelera, anda, freia, para, dependendo da abstração escolhida. Essas características estão *encapsuladas* na classe automóvel. No caso da consciência humana, não é preciso perder tempo e lembrar-se de todas essas coisas cada vez que se pensa em um Porsche, já se sabe imediatamente o que é e para que serve quando visto ou lembrado. O *concepto* pode ser considerado como um recepto bastante grande e complexo, ou mesmo composto por mais de um recepto que, quando nomeado, “etiquetado”, marcado assim como um signo, se torna um concepto. Portanto, por meio de seus signos: “[...] podemos desenvolver conceptos a cálculos complicados, poesias e sistemas de filosofia, sem saber na metade do tempo coisa alguma a respeito daquilo que é representado pelos conceptos individuais que estamos usando”.⁵

A mente conceptual, composta de perceptos e receptos, é a mente autoconsciente. Além dela, e somando-se a ela, está a mente *intuitiva*: “O intelecto supraconceptual – cujos elementos, ao invés de serem conceptos, são intuições”, que é a mente *superconsciente*, ou a *consciência cósmica*, a *iluminação*, já esboçada uma conceituação acima.

Pela descrição relatada por Bucke, o processo parece ser cumulativo de grande complexidade. Não haveria, pelo menos aparentemente, um atalho para que esse tipo de consciência se manifeste, salvo se potencialmente as condições já estivessem ali, pois, nas palavras de Bucke, em assuntos espirituais, assim como na Física e na Geologia, *natura non facit saltum*. Portanto, não devemos confundir a *consciência cósmica* com certos estados de elevação ou intensificação da consciência,

pois estes estados não ordinários podem ser mais como estados temporários, amostras ou vislumbres, mesmo que plenamente válidos, de um estado de consciência em preparação, não ainda um estado moral e de iluminação intelectual tão abrangente como o descrito por Bucke. Ressalva feita, podemos então analisar alguns pontos onde o conceito de transdisciplinaridade se toca com estes estados especiais de consciência.

A Consciência Transdisciplinar⁶

Quais são as possíveis relações entre a abordagem da transdisciplinaridade e os estudos sobre estados não ordinários de consciência? Nossa consciência racional trabalha normalmente com antípodas, ou seja, é mais fácil compreender as coisas através de seus opostos. Quente e frio, claro e escuro, masculino e feminino, bem e mal e assim por diante. Nossa consciência racional pode dar conta desses antípodas bem expressos pelo quadrado lógico de Aristóteles⁷, onde é impossível alguma coisa *ser* e *não ser* ao mesmo tempo, nos facilitando viver e compreender um mundo aparentemente coerente. Porém, com o desenvolvimento da consciência, situações ambíguas se tornam cada vez mais comuns. Dificuldades filosóficas desta natureza, mesmo que relativas a valores morais, já aconteciam no passado. Durante o período maneirista (Alto Renascimento), Maquiavel escreve *O Príncipe*, a primeira obra que mostra o homem ciente desse antigo dualismo⁸, uma ambiguidade de valor, evidenciando de forma clara uma moralidade dupla, do governante e do governado, o homem simultaneamente sincero e manipulador, dependendo do observador e do ângulo dessa observação. Maquiavel analisa a natureza humana em seu aspecto racional, contrariedade, e irracional, contraditória, e a ação política lida com estes dois movimentos.

A Transdisciplinaridade surgiu em meio a novas discussões

científicas como a física quântica. Nesta, os opostos não são necessariamente antagônicos, podem *ser e não ser* ao mesmo tempo. É a lógica do terceiro incluído versus o antigo conceito do terceiro excluído. Com a física quântica, que estuda a importância do observador no andamento dos fenômenos, viu-se que não há propriamente uma realidade única, imutável, que se manifesta sempre da mesma maneira. Algo pode ser e não ser, estar ali e não estar, ou estar simultaneamente em dois lugares diferentes, relativizando muito do que se conhecia ou se acreditava até então. São os diferentes níveis de Realidade que a transdisciplinaridade trata.

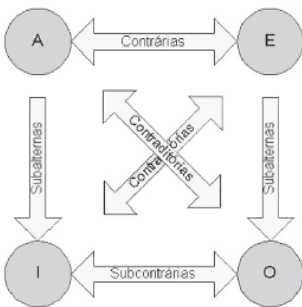


Fig. 01 – Quadrado lógico aristotélico
(Wikimedia commons)



Fig. 02 – Tai Chi - Yin e Yang
(Wikimedia commons)



Diversos símbolos místicos e religiosos representam a contrariedade. A conhecida imagem chinesa do Yin e Yang mostra

um círculo fechado que integra dentro de si os opostos, de forma tal que dão ideia de complementação e harmonia. Devemos ressaltar aqui que, qualquer experiência transcendente, só terá pleno sentido na própria transcendência. Quando se tenta traduzir a experiência, criando um símbolo para ela, o sentido estará presente de forma velada, metafórica apenas. As mandalas, por exemplo, servem como meio de concentração e meditação, favorecendo a experiência de expansão da consciência para o observador. No livro *Símbolos Secretos dos Rosacruz*⁹, há diversas imagens que trazem representações dos opostos como a árvore da ciência do bem e do mal. Os símbolos não são criados para esconder verdades, pelo contrário, mas para se compreendê-los é necessário ir além da mente racional. Os símbolos e outras representações artísticas dessa natureza são como portas nos convidando a penetrar nesses mistérios que fazem parte da natureza humana profunda, ou seja, outros Níveis de Realidade do ponto de vista transdisciplinar, transcendendo os limites da lógica aristotélica por outra capaz de compreender a lógica do terceiro incluído.

A Legitimidade das Experiências

Como vimos, nossa educação ocidental, nossa herança aristotélica, costuma sobrevalorizar nossa consciência lógica e racional. Não surpreende, portanto, que experiências de estados de consciência “não tão lógicos e racionais” possam ser encaradas como apenas desvios da consciência “normal”. Desse pressuposto surge a ideia de que experiências dessa natureza sejam meras ilusões ou possíveis desvios patológicos. A única certeza que se pode ter é que as experiências, mesmo não sendo possível delimitar uma fronteira precisa entre a percepção da *realidade* e do *ilusório*, são válidas em outro Nível de Realidade, ou seja, o que para a mente racional parece ilusório ou falso não o é neste outro nível. As

experiências, para o indivíduo ou grupo que delas participa, podem orquestrar condutas, transformações na vida pessoal, estabelecer importantes crenças e mitos.

Nossa consciência recebe uma torrente de impressões do mundo exterior e do próprio corpo que necessita ser filtrada. De fato, não estamos conscientes ao mesmo tempo de todos os estímulos oriundos do tato, olfato, audição, visão etc. O que nos chega à consciência deve seguir uma hierarquia de prioridades. Da mesma maneira que as impressões do mundo exterior são filtradas, as internas, as memórias, pensamentos e conteúdos inconscientes devem passar por alguma forma de seleção. Em condições “normais” as pessoas se relacionam com o mundo através dessas filtragens. Entretanto, algumas técnicas como as mencionadas anteriormente, podem driblar essas filtragens redutoras. As pinturas nas cavernas, por exemplo, eram realizadas em situações pouco comuns, possibilitando mudanças nos estados mentais. Lewis-Williams descreve:

Qualquer um que tenha se agachado e rastejado em um subsolo ao longo de uma estreita passagem, absolutamente escura, por mais de um quilômetro, deslizando ao longo de bancos lisos de lama, passando através de lagos escuros e de rios escondidos, ao confrontar, no fim de uma jornada tão perigosa, a pintura de um mamute extinto ou de um poderoso bisonte, nunca mais será o mesmo.¹⁰

Do que se pode inferir que, talvez, essa jornada, nessas condições especiais, fosse intencionalmente buscada; já no período pré-histórico, como meio de gerar um ambiente favorável para uma quebra na consciência usual. Esse sentimento é compartilhado por Campbell: “Qualquer que tenha sido a escuridão interior em que os xamãs daquelas cavernas mergulharam, em seus transes, algo semelhante deve estar adormecido em nós, e nos visita à noite, no sono”.¹¹ Campbell

relata sua experiência na primeira vez que viu essas pinturas nas cavernas:

Não queria ir embora. Você chega a uma câmara gigantesca, como uma imensa catedral, com todos esses animais pintados. [...] Estamos ali com luz elétrica, mas logo em seguida o homem que nos guiava apaga as luzes e você se dá conta de que nunca tinha estado em escuridão maior, em toda a sua vida. [...] Toda orientação se perde, e você está em meio a uma escuridão que nunca viu o sol. Então eles voltam a acender as luzes e você vê aquelas gloriosas pinturas de animais.¹²

Essas descrições reforçam a ideia do papel da arquitetura como outra técnica capaz de favorecer esse tipo de experiência especial. As construções de Newgrange, as pirâmides do Egito ou da América Central, todas parecem possuir esse mesmo propósito. O ambiente interno de um Templo Rosacruz ou de uma catedral foi criado para proporcionar condições de mudar o ritmo do mundo externo, trazendo o indivíduo para uma maior quietação e contemplação. As catedrais góticas, como a catedral de *Chartres* (século 12) ou como *Saint Chapelle* (século 13) em Paris, ambas com enorme pé-direito, vitrais que filtram a luz externa em um colorido mágico, pinturas religiosas, as estátuas e objetos sacros, o silêncio... tudo isso somado aos cânticos, sons vocálicos, aos rituais, colabora para proporcionar ao indivíduo um estado de consciência mais adequado à interiorização e concentração em si mesmo, livre da agitação externa. Campbell dá uma descrição de sua experiência em relação às catedrais: “A catedral me fala a respeito da estrutura espiritual do mundo. É um lugar de meditação, é só caminhar ao redor, é só ficar sentado, é só olhar para todas aquelas belezas”. Portanto, vemos como o simbolismo e as artes visuais têm sido usadas como um meio de ligação ao espiritual desde a mais remota antiguidade. Alguns movimentos artísticos tiveram mais explícita essa tendência. Veremos

adiante alguns deles.

Recorte na História da Arte Ocidental

*[...] os egípcios tinham desenhado preponderantemente o que sabiam existir; os gregos o que viam; na Idade Média, o artista aprendeu a expressar também na sua obra o que sentia.*¹³

Se forem observadas as tendências dos movimentos artísticos europeus desde o Gótico, é possível dividi-los entre períodos circulares, ora de predominância racionalista, antropocêntrica e ora mais voltados ao emocional, ao subjetivo, à imaginação, ao “irracional” ou ao teocêntrico. Não se deve pensar nessas oposições de forma radical ou estanque: naturalmente, os elementos clássicos (racionais) e anti-clássicos (românticos, emocionais) estão presentes em todos os movimentos artísticos, com diferentes ênfases apenas.

O Renascimento

Durante o Renascimento (séculos 14-16), os artistas desenvolviam seus trabalhos em um período de grande atividade intelectual, racionalidade, criatividade, onde o antropocentrismo contrastava com a religiosidade do período anterior. Não significa que o Renascimento fosse desprovido de religiosidade; pelo contrário, mas nele havia uma preocupação maior com o ideal humanista, o olhar se volta ao “criado”, não apenas ao “criador”. Essa época foi marcada pelo desenvolvimento do rigor científico, do estudo do mundo natural, da anatomia humana, da perspectiva, da reutilização das artes greco-romanas, um renascimento propriamente dito, que veio após a queda do Império Romano por tribos germânicas, como os godos e os vândalos. Porém, o Renascimento não tinha a intenção de imitar as artes greco-romanas; antes, buscava dar uma crescente autonomia à personalidade do artista. Apesar

das buscas científicas, intelectuais e racionais, diversos artistas conseguiram transmitir em suas obras um imaginário interior bastante rico, influenciando movimentos futuros como o Surrealismo.

Na obra de Leonardo da Vinci, por exemplo, há duas tendências: “a apresentação da realidade sob uma forma velada (hieroglífica) e a expressão abstrata das forças universais que provém de Deus”.¹⁴ Leonardo da Vinci recorria à escrita misteriosa – até seus textos eram escritos de forma espelhada – e aos pictogramas. Fascinado pelos labirintos, ele se lança no jogo abstrato dos entrelaçamentos, se afastando dessa forma do realismo e da natureza. Leonardo vai em direção ao “ritmo das forças universais que constituem a essência de toda a natureza: o pneuma misterioso”.¹⁵ No forro da Sala de Asse, no Castelo Sforza em Milão, há uma obra de Leonardo nessa direção. O entrelaçamento é realizado com uma única corda contínua por todo o padrão. Apesar da semelhança com os padrões celtas, é mais provável que Leonardo tenha se inspirado nos ornatos de origem árabe. Leonardo acreditava que leis naturais governavam as formas de todas as coisas. Ele criou regras baseadas em sua observação, de como os galhos das árvores se dividiam, apesar de as árvores não serem simétricas e serem diferentes entre si. Leonardo estudou também o movimento das águas e de como as ondas se subdividiam nesse movimento. A preocupação de Leonardo, séculos antes, parece ter sido a mesma que teria mais tarde, o matemático Mandelbrot com os fractais, ou seja, reproduzir a organicidade *aparentemente ilógica* das formas naturais.



Fig. 04

Estudo sobre o movimento das águas; Desenho de Leonardo da Vinci
 (Wikimedia commons).

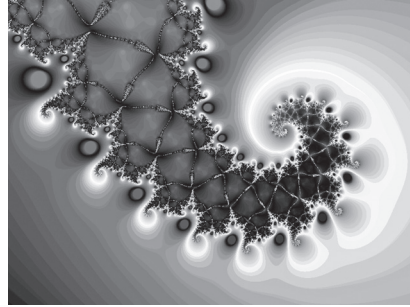


Fig. 05.

Fractais e Mandelbrot
 (Wikimedia commons).

O Maneirismo foi uma revolução, pois os artistas não precisavam romper com os estereótipos artísticos dominantes no Renascimento. Porém os artistas sentiam a queda do prestígio da perfeição clássica. Romperam com a perspectiva e com a proporcionalidade do Renascimento. Interessaram-se pelo ilusionismo, pelos artifícios pictóricos e pelos anaformismos, os exageros das formas. A beleza e a disciplina delas já não bastava. O repouso, o equilíbrio e a ordem da Renascença pareciam desprezíveis. A harmonia se afigurava irreal e morta, a falta de ambiguidade parecia supersimplificação, a aceitação incondicional das regras parecia autotraição. Em 1523, o autorretrato de Il Parmigianino (Francesco Mazzola), posado diante de um espelho convexo, é considerado o marco inicial do Maneirismo.¹⁶ O Maneirismo voltou a certas tradições religiosas medievais. Ruiu a fé no homem, aparece o anti-humanismo, através da Reforma e do maquiavelismo. Veio a desilusão com o Renascimento e seus ideais da beleza clássica grega e estoicismo romano. O maneirista expressa o espiritual apenas sugerindo, distorcendo as formas e rompendo fronteiras. O Maneirismo absorveu tensões e uniões dos opostos, mesmo os mais díspares, como o racional-irracional, tradição-inovação, sensual-espiritual, natural-formal, classicismo-anticlassicismo

etc.: “A tendência era de unir os extremos para poder exprimir visões paralógicas”.¹⁷ Havia o gosto pelo rebuscado, pelo estranho, pelo confuso, picante, estimulante, pungente, grotesco, audacioso, provocante. Ideia e experiência, o imitativo e o expressivo, amiúde se colocam inteiramente em segundo plano diante do arranjo composicional e ornamental. Artíficios formais assumem independência própria. Porém, essas características não são exclusivas apenas do período que vai de 1520 a 1650, pois as características maneiristas estão presentes em todo lugar onde houver tendências que se opõem ao Classicismo, mesmo na atualidade.



Fig. 06 – Auto-retrato de Parmigianino pintado em 1523 (Wikimedia commons)



Fig. 07 – Cristo e Madalena – Gravura de Ägidius Sadeler a partir de desenho de Bartholomäus Spranger (Wikimedia commons)

Devemos lembrar também que, na segunda década do século 17, apareceu na cidade de Cassel, Alemanha, um livro intitulado *A Descoberta da Fraternidade da Venerável Ordem*

da Rosa-Cruz (*Fama Fraternitatis*) contando a antiga história da Ordem. Em 1615 seguiu-se o *Confessio Fraternitatis* dando 37 razões para sua existência. Foram as primeiras publicações oficiais da Ordem. Durante esse mesmo período surgiram muitos artistas esotéricos, muitos assumidamente rosacruzes, como Janus Lacinius, Henrich Khunrath, Michael Maier, Achilles Bocchius, Athanasius Kircher, Robert Fludd, Andreas Cellarius, entre outros.¹⁸



Fig. 08 – *Tabula Smaragdina Hermetica* – Símbolos Secretos dos Rosacruzes. Em 1785, já durante o Romantismo, surge em Altona, também na Alemanha, a primeira parte de um trabalho, completado em 1788, onde apareciam 36 pranchas coloridas com diversos textos em latim e alemão, onde estão expressos por meio de alegorias, sinais, símbolos e números, vários ensinamentos de uma tradição secreta. Alguns dos símbolos já haviam sido publicados anteriormente. Esse material está disponível no livro *Os Símbolos Secretos dos Rosacruzes* publicado pela AMORC, dando uma boa visão do panorama

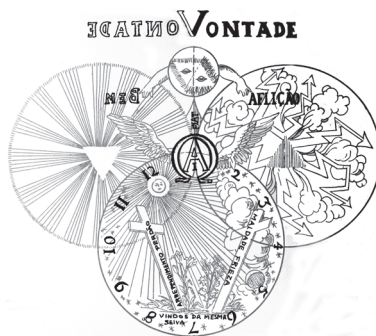


Fig. 09 – *Clemência-Escolha* – Símbolos Secretos dos Rosacruzes. Em 1785, já durante o Romantismo, surge em Altona, também na Alemanha, a primeira parte de um trabalho, completado em 1788, onde apareciam 36 pranchas coloridas com diversos textos em latim e alemão, onde estão expressos por meio de alegorias, sinais, símbolos e números, vários ensinamentos de uma tradição secreta. Alguns dos símbolos já haviam sido publicados anteriormente. Esse material está disponível no livro *Os Símbolos Secretos dos Rosacruzes* publicado pela AMORC, dando uma boa visão do panorama

artístico esotérico na época.

O Romantismo

Nas últimas décadas do século 18, durante o Romantismo, surgem artistas com fortes características visionárias, importantes referências para movimentos posteriores dentro dessa linha, como Johann-Heinrich Füssli (Henry Fuseli), Francisco Goya e William Blake. O pintor Fuseli (1741-1825), de origem suíça, mergulha nas sombrias profundezas do espírito humano,¹⁹ como na obra *O Pesadelo*. Goya (1746-1828), espanhol, produziu muitas gravuras, mas não buscava ilustrar temas conhecidos como os bíblicos ou históricos: “a maioria delas são de visões fantásticas de bruxas e aparições sobrenaturais”,²⁰ como na série *Provérbios*. Dentro do Romantismo, da mesma forma que os poetas, “os artistas sentiam-se agora livres para colocar no papel suas visões pessoais”.²¹ William Blake (1757-1827), inglês, pode ser considerado o mais notável exemplo dessa nova abordagem da arte. Blake era profundamente místico, desprezava a arte acadêmica e vivia de fazer gravuras, muitas das quais descritas por ele como verdadeiras visões que eram então reproduzidas em seus trabalhos como *Cantos da Inocência*, *Cantos da Experiência*, *Urizen*, *Jerusalém*, *Dante*, entre outros. Ele “estava de tal modo envolto em suas visões que se recusava a desenhar do natural e confiava inteiramente em seu olho interior”.²² Seus contemporâneos o consideravam um louco ou um excêntrico inofensivo. Poucos na época acreditaram na sua arte. As características de seus trabalhos, bem como de seu estilo de vida pessoal, levaram autores como Bucke a acreditar que se tratava de um verdadeiro caso de pessoa que passou pela experiência de iluminação, ou seja, aquele que atingiu a *consciência cósmica*.²³ Por outro lado, Lewis-Williams & Pearce criticam Blake por este acreditar na ligação

entre as terras descritas na Bíblia com as terras inglesas e por seu encantamento pelos escritos fantasiosos de uma figura autointitulada Arqui-Druída *Chyndonax*, William Stukeley (1687-1765). Entre outras coisas sem muito sentido, Stukeley acreditava que a religião de Abraão e Moisés tinha sido trazida para a Inglaterra pelos fenícios, acompanhados de sacerdotes Druidas.²⁴ Blake, impressionado com essas histórias, prometia não dormir até que Jerusalém fosse reconstruída na Inglaterra.



Fig. 10 – O Eterno – William Blake – 1794 (Wikimedia commons)

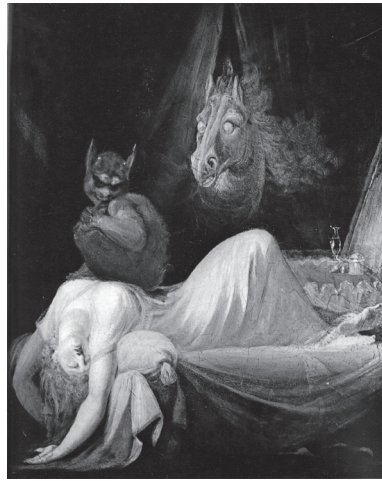


Fig. 11 – O Pesadelo – Fuseli – 1802 (Wikimedia commons)

Os Pré-Rafaelitas

A Confraria ou Irmandade Pré-Rafaelita, surgiu em 1848, na casa de John Everett Millais, em Londres, configurando um movimento poético, pictórico e de crítica de arte. O nome do grupo foi escolhido pela seguinte razão: “Sabiam que as academias se proclamam representantes da tradição de Rafael e do que é conhecido como o ‘Estilo Grandiloquente’. Se isso era verdade, então a arte tomara um rumo errado com Rafael e através dele”.²⁵

O grupo popularizou um estilo romântico, marcado pela

busca da beleza e por um apreço aos grandes mitos gregos e por lendas como a do Rei Arthur. O grupo buscou inspiração no período anterior ao de Rafael, quando os artistas ainda eram artífices “sinceros e fiéis à obra de Deus” e deviam retornar à “Idade da Fé”.²⁶ Retornar ao espírito dos mestres medievais não significava copiar sua pintura, como se pode ver na obra *Ecce Ancilla Domini* “Anunciação”, de Rossetti. A obra, apesar de buscar valores medievais como as cores pálidas, perspectiva forçada, insistência nas linhas verticais,²⁷ possui um minucioso realismo, de apuração técnica nada similar aos trabalhos antigos. Essa ambiguidade também está presente nos motivos das pinturas, que tratam de assuntos contemporâneos, mitológicos, históricos, literários e religiosos. As representações femininas Pré-Rafaelitas também já não possuem a graça inocente das madonas medievais. As mulheres possuem uma aura de androginia e de uma sensualidade distante e carnal. A aventura Pré-Rafaelita durou de 1848 a 1860.



O Simbolismo e a Art Nouveau

Fig. 12 – A Anunciação –
Rossetti – 1850
(Wikimedia Commons)



Fig. 13 – O Círculo Mágico –
Waterhouse – 1886
(Wikimedia Commons)

A obra *As Flores do Mal*, de 1857, do poeta francês Charles Pierre-Baudelaire (1821-1867), é considerada o marco inicial de um estilo que ficou conhecido na literatura como Simbolismo. Em 1881, surge um movimento que se torna conhecido como Decadentismo, estilo que mostra uma tendência estética subjetiva, voltada ao mundo do inconsciente e do prazer pelo mistério da existência. O Decadentismo é formalmente próximo do Simbolismo. De índole pessimista, descrente no ser humano, busca saída pela espiritualidade, pela sensualidade e sensações não usuais, muitas vezes pelas drogas, típicas também do Romantismo. Mais tarde, em manifesto publicado pelo poeta grego Jean Moreas, em 1886, o termo é substituído por Simbolismo, que, menos que um movimento artístico, é um estado mental.²⁸ Os artistas desse movimento procuravam mostrar que as coisas, naturais ou artificiais, podem assumir um significado simbólico. O Simbolismo é uma forma de expressar o inexpressável, liberando o artista do dever de representar o que era visto para dar vazão à imaginação, às emoções e aos símbolos. Reagindo à forma cientificista do Impressionismo, os artistas dirigiram o olhar para seu próprio interior.

Na pintura, as cores eram muito importantes, representavam os estados de espírito do artista. Gustave Moreau (1826-1898), pintor francês, tornou-se célebre por ser um dos principais impulsionadores da arte simbolista: “[...] no seu autoisolamento criou um universo próprio, preenchido com retratos encantadoramente estranhos nos quais interpretou temas mitológicos”.²⁹

Moreau, inicialmente Realista, sofre influência dos Impressionistas e Pré-Rafaelitas, evoluindo para uma pintura mais romântica e espiritual. Os temas favoritos de Moreau eram as

cenar bíblicas e de obras literárias clássicas. A luz foi utilizada por Moreau para obter essa atmosfera ao mesmo tempo mística e mágica, que caracterizou a pintura simbolista.

Arnold Böcklin (1827-1901), pintor suíço, além da visível preocupação com a morte, retrata em seus quadros figuras mitológicas em meio a elementos arquitetônicos clássicos, criando, assim, um estranho mundo fantástico, como a pintura *A Ilha dos Mortos*.

Gustav Klimt (1862-1918) foi um dos fundadores do movimento de Secessão de Viena, que recusava a tradição acadêmica nas artes. A primeira exposição do grupo foi em março de 1898. O trabalho de Klimt, com temas ainda tabus para a época, expressava tensões entre êxtase e terror, tornando a sedução da vida ainda mais forte, com a presença da morte em alguns quadros, como *Esperança I*.³⁰ Seu trabalho foi criticado e marginalizado, por longo tempo, antes de ser aceito. O mesmo se deu com Alfred Kubin (1877-1959), artista solitário, com desenhos misteriosos, muitas vezes cheios de morbidez e erotismo. Em 1908, Kubin escreve um romance intitulado *O Outro Lado*, reunindo experiências pessoais, visões e pesadelos.

Do mesmo modo que o Barroco e o Maneirismo, a Art Nouveau e o Simbolismo precisaram ser resgatados por movimentos artísticos posteriores. A Art Nouveau chegou a ser rotulada de “o último suspiro esteticista da vulgaridade vitoriana, sendo que o Simbolismo não era conhecido o suficiente nem para ser desprezado”.³¹ Muitos movimentos de arte são mais bem compreendidos após o surgimento de outros que os revitalizam: “Todo renascimento da arte do passado geralmente reflete tendências contemporâneas [...] É duvidoso que a revitalização da Art Nouveau em meados da década de 1960, tivesse ocorrido sem a Pop Art, que reabilitou o colorido

exuberante e a decoração linear”.³²

Como foi para os simbolistas representar esse mundo de visões interiores? O estilo do Impressionismo não serviria, estava interessado em fenômenos reais, da luz nos objetos e até nas questões científicas a respeito. O estilo Realista seria preciso demais, também voltado ao que se vê lá fora. Gauguin busca uma solução, que “se mostra surpreendentemente precisa e completa. Em vez de pintar uma paisagem ‘real’, ele pinta uma paisagem emocional”.³³ A pintura de Gauguin, *Visão depois do Sermão*, representa o trecho bíblico sobre a luta de Jacó com o anjo. A cor vermelha, plana de fundo, remete a associações emocionais dessa luta e, colocado dessa forma, dá a impressão de que as mulheres observam não uma cena real, mas uma visão interna, como bem diz o título da obra.

A primeira exibição da arte simbolista foi no Salão da Rosa-Cruz, liderado pelo extravagante Sâr Peladan, em 1892: “A ideia consistia em que a função da arte não é explicar o óbvio, mas evocar o indefinível”.³⁴ Os salões continuaram até 1897.



Fig. 14 – *A Aparição (detalhe)* –
Gustave Moreau – 1875
(Wikimedia commons)



Fig. 15 – *Jacó e o Anjo* –
Gauguin – 1888
(Wikimedia commons)

O Abstracionismo

Vale lembrar que artistas do início do século 20, que desenvolveram trabalhos na linha do Abstracionismo, se referiam constantemente a essa forma de arte como algo muito próximo do espiritual, muito além das representações miméticas do mundo real.

É possível encontrar muitos elementos geométricos entópicos na arte abstrata e que estavam já presentes desde as pinturas rupestres: “O emprego de figuras geométricas constitui uma experiência estética antiquíssima”.³⁵ Hocke cita Marcel Brion,³⁶ a respeito de um comentário feito por este sobre as obras de Worringer: “Assim, por exemplo, ele se refere a temas ‘arquétipos’, tais como: os labirintos, os entrelaçamentos, as espirais, a granulação, as filigranas, as escadarias etc.”, parece que “tudo isto pode ter inspirado a arte ‘não figurativa’”.³⁷

Kandinsky (1866-1944) e Malevich (1878-1935), só para citar dois grandes artistas com preocupações espirituais na arte, foram inovadores muito importantes no contexto das buscas artísticas no período. Kandinsky, após passar por várias fases estilísticas, se dedica a estudos de formas não objetivas laboriosamente repetidas e aperfeiçoadas. “Era uma informalidade calculada”.³⁸ Ele procurava ligar a arte à vida interior do homem. Em seu livro *Do Espiritual na Arte* (editado em 1912), Kandinsky cita três fontes de inspiração, uma direta da natureza exterior, que ele chama *Impressão*; outra de predominância inconsciente e espontânea (espiritual), chamada de *Improvisação* e, finalmente, uma expressão de “um sentimento interior lentamente formado, repetida e quase formalisticamente elaborado”,³⁹ que ele chama de *Composição*. Podemos ver na busca de Kandinsky uma arte transcendente, calculada e objetiva. Seus seguidores são aqueles que “acreditam na existência de uma realidade psíquica ou espiritual que só pode

ser apreendida e comunicada através de uma linguagem visual, cujos elementos são símbolos plásticos não figurativos”.⁴⁰ Sobre a genialidade de Kandinsky, Read comenta: “Como pintor, como gênio criador, pode parecer muito mais limitado do que Picasso; mas Kandinsky era mais do que um pintor: era um filósofo e até um visionário”.⁴¹

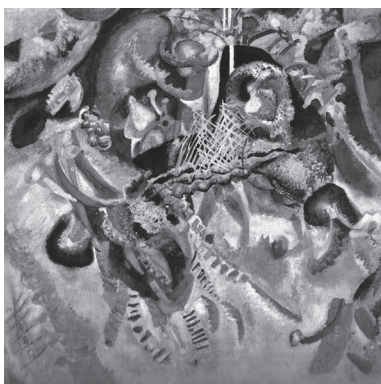


Fig. 16 – *A Fuga* – Kandinsky – 1914
(Wikimedia commons)

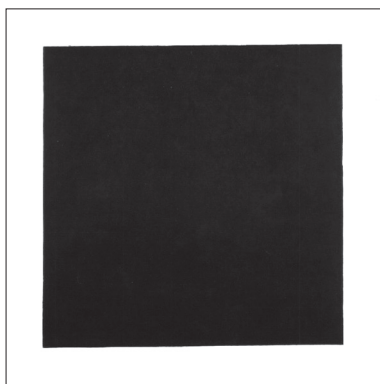


Fig. 17 – *Quadrado negro sobre fundo branco* – Malevich – 1915
(Wikimedia commons)

Já Malevich procurava criar uma obra onde os elementos visuais mostrassem a ascendência do homem sobre o caos da natureza, isto é, a supremacia do espírito sobre a matéria. Ele encontra na linha reta a forma elementar suprema e, no quadrado, que nunca se encontra na natureza, o elemento suprematista básico, fecundador de todas as outras obras suprematistas.⁴² “Esse transcendentalismo cósmico faz eco ao jargão metafísico de Wassily Kandinsky e às especulações teosóficas da lendária Madame Blavatzky, cujos espíritos germinais influenciaram Malevich”.⁴³ As ideias de Petyr Demianovich Ouspensky (famoso discípulo do pensador russo

Ivanovich Gurdjieff), presentes no livro *Tertium Organun*, também exercem grande influência sobre Malevich. Apesar das buscas espirituais de alguns artistas abstratos, Hocke nos lembra que:

É verdade que certas composições abstratas pretendem simbolizar o supra-real inacessível, mas os elementos da composição já não correspondem (de maneira diretamente simbólica) a uma gnose tradicional. Muitas vezes eles se convertem em “decorações” que não têm fundamento histórico.⁴⁴

O Surrealismo

O termo é usado por André Breton (1896-1966) já em 1922, originalmente cunhado por Guillaume Apollinaire (1880-1918) para designar algo além do realismo. O Surrealismo dá ênfase ao irracional e ao inconsciente, “exclui o maravilhoso elaborado sem necessidade interior; é mais evocação de um possível completado pelo desejo e pelo sonho do que a descrição do impossível”.⁴⁵ Foi uma reação ao racionalismo e construtivismo de movimentos anteriores. Breton encontrou nas revelações de Freud uma possível diretriz para a libertação da imaginação: “Quis fazer da linguagem poética uma exploração do inconsciente”.⁴⁶ O Surrealismo é o primado do interior sobre o exterior, o aprofundamento em regiões abissais, onde as contradições desaparecem. O surrealismo sugere o exame da relação entre a arte e o mundo fisiognômico e eidético dos loucos, dos primitivos e da arte infantil. Ligado ao interesse de libertar conteúdos do inconsciente, alguns membros do grupo de surrealistas faziam experimentos de hipnose individual e coletiva, “o sono hipnótico parecia oferecer uma fonte direta de imagística poética do inconsciente”.⁴⁷ Realizavam também algumas formas de automatismo na escrita, nos desenhos chamados *Cadavre Exquis* (cadáver requintado) e na *frottage* (fricção) desenvolvida por Max Ernst.

O objetivo do Surrealismo consiste na descoberta de no-

vas relações entre os objetos, que excluam qualquer controle mental consciente, que só podem aparecer por processos irracionais do inconsciente, do espontâneo, do fortuito ou do automatismo: “Todos conhecem o objeto onírico dos surrealistas. Trata-se de imagens insólitas, nascidas do acaso e da fantasia, e não de uma intenção estética deliberada. Destas circunstâncias fortuitas, surgiram criações sensacionais, ainda que irreais”.⁴⁸ No Surrealismo, a ideia de acaso e de escolha aleatória é tomada como fonte de inspiração, como expressa a célebre frase: “Belo como [...] o encontro fortuito sobre uma mesa de dissecação, de uma máquina de costura e um guarda-chuva!”.⁴⁹

Como no Dadaísmo, o Surrealismo apresenta-se como crítica cultural mais ampla, que interpela não somente as artes, mas modelos culturais, passados e presentes. A crítica à racionalidade burguesa em favor do “maravilhoso”, do fantástico e dos sonhos, reúne artistas de feições muito variadas sob o mesmo rótulo. Os temas mais comuns são o sexo e o erotismo; o corpo, suas mutilações e metamorfoses; o manequim e a boneca; a violência, a dor e a loucura; as civilizações primitivas e o mundo da máquina. O surrealismo buscou também, na arte primitiva, um modo de escapar das mitologias greco-romanas e judaico-cristãs presentes nos artistas do passado, buscando, assim, inovar, criando sua própria mitologia de fontes inexploradas: “Os cubistas quiseram apoderar-se da solução plástica proposta pelas máscaras africanas; os surrealistas tentaram se comunicar com o espírito que ditara essas formas”.⁵⁰

O Realismo Fantástico

Após a Segunda Guerra Mundial, um grupo de artistas funda em 1946 a *Escola de Viena do Realismo Fantástico*, termo inventado pelo crítico vienense Johann Muschik.⁵¹ Esse grupo

de artistas era formado por estudantes do professor Albert Paris Gütersloh, na Academia de Artes Plásticas de Viena. Foi a ênfase que Gütersloh dava às técnicas dos velhos mestres que deu aos pintores do Realismo Fantástico a base realista nos trabalhos (expressado com uma clareza e detalhe que alguns compararam à pintura flamenca inicial), combinado com o simbolismo religioso e esotérico. Além da influência dos velhos mestres, o Realismo Fantástico mostra afinidade com os trabalhos de artistas do Simbolismo e uma continuação das ideias e da estética do Surrealismo. Inclui os seguintes nomes: Ernst Fuchs (1930), um dos mentores do grupo e considerado atualmente como um dos grandes pintores visionários; Rudolf Hausner (1914-1995); Wolfgang Hutter (1928); Fritz Janschka (1919); Arik Brauer (1929); Anton Lehmden (1929).



Fig. 18 – Moisés diante da Sarça Ardente (1962) – Ernst Fuchs

(Fonte: A Manifesto of Visionary Art de Laurence Caruana).

O Psicodelismo

Na década de 1950/60, houve um *boom* em relação ao uso de substâncias chamadas psicodélicas ou alucinógenas, notadamente o LSD e o haxixe, onde muitas formas de expressão artística se inspiraram, nas famosas viagens com esses psicoativos, criando um estilo particular de estética, na época associado aos movimentos *beatnik* e *hippie*: a Arte Psicodélica. As experiências psicodélicas ficaram com a pecha de alucinações propriamente ditas, nenhum conteúdo delas era levado muito a sério. Casos como o do escritor norte americano Ken Kesey, autor de *Um Estranho no Ninho*, de 1962, considerado um dos heróis do psicodelismo, foi relatado por Tom Wolfe no livro *O Teste do Ácido do Refresco Elétrico*, de 1968. Kesey, sua banda *Pranksters* e amigos, saíram num velho ônibus escolar reformado, pintado no melhor estilo psicodélico, com equipamentos de som de última geração e uma filmadora de 16 mm, para realizar essa missão “evangelizadora” por várias cidades americanas.

Além de Kesey, outros escritores já haviam se interessado pelas experiências psicodélicas, entre eles Williams Burroughs, autor do livro *Almoço Nu* (*Naked Lunch* - 1959). Amigo de Burroughs, o poeta Allen Ginsberg também relata suas experiências em viagens por países da floresta amazônica, no livro *Cartas do Yagé* (*The Yage Letters* - 1963). Antes da proibição, o governo americano, movido por interesses da CIA em novas armas e lavagem cerebral, apoiava as pesquisas sobre o LSD, sendo que muitos dos pesquisadores e voluntários estudados na Universidade de Harvard se tornaram figuras famosas, como o próprio Ken Kesey, Timothy Leary (1920-1996), considerado por muitos como o pai do psicodelismo, Ralph Metzner (1936) e Richard Alpert (1931), autores do livro *The Tibetan Book Of The Dead - The Psychedelic Experience*. O psicodelismo foi um caminho que interessou grande parte da juventude na década de 1960, tendo forte influência na moda, nas artes visuais, na literatura e na música. Havia

rejeição quanto aos padrões da grande arte estabelecida. O psicodelismo foi um movimento de contracultura. Não que fosse imprescindível o consumo de drogas para as criações; a criatividade está no indivíduo, não na substância, mas o estilo ditado pelas experiências psicodélicas criou uma estética que era seguida pelos artistas de então. O período passou relativamente rápido, mas marcou profundamente toda uma geração, que não apenas rompeu com muitos paradigmas estéticos, mas abriu discussões sobre comportamento, liberdade de expressão, expansão da consciência e religiosidade, novas tendências musicais e literárias, discussões sobre a guerra e autoritarismos, sexo, drogas, sociedade de consumo, poluição, ecologia e cuidados com o planeta, como nunca havia sido feito até então. Foi uma época em que a globalização, devido aos meios tecnológicos de comunicação cada vez mais eficientes, aumentou rapidamente as trocas de informação e cultura por todo o planeta livre.



Fig. 19. Further, o ônibus psicodélico de Ken Kesey e amigos.

(Wikimedia commons).

Considerações Finais

A divisão entre o mundo material e o espiritual foi estabelecida entre a ciência e a religião como um “acordo entre cavalheiros” no tempo de Descartes. Essa divisão parece cada vez menor. A religião teve que aceitar no passado as inevitáveis constatações da ciência, como o fato de nosso planeta não ser o centro do universo, como também a ciência teve que encarar a espiritualidade como um fenômeno que vai além da fantasia ou imaginação. A transdisciplinaridade é um dos métodos que permitem essa aproximação. Atualmente as pesquisas sobre manifestações que envolvem arte e consciência têm se desenvolvido bastante. Neurocientistas, psicólogos de várias áreas, artistas, antropólogos, estudos interdisciplinares, buscam investigar o fenômeno como algo tão válido e real como o mundo material.

Esse artigo pretendeu dar uma breve abordagem sobre o tema. Viu-se que os temas visionários, de maneira geral, têm caráter numinoso tão vivo e criativo quanto são os mitos presentes nas diversas sociedades primitivas e atuais em todo o planeta. Se a ênfase entre racional (antropocêntrica) e emocional (teocêntrica) costumou se intercalar entre os movimentos artísticos, a Arte Visionária, correndo quase sempre à margem dos grandes movimentos, manteve de forma bastante constante sua busca pela representação das visões de mundos subjetivos que afloram de uma fonte natural nos indivíduos. Faz parte da mais profunda experiência humana diante do mistério da vida. Mesmo em meio às valiosas agitações artísticas criativas das modernidades e “pós-modernidades”, ela encontra seu espaço nos lados mais recônditos da condição e da natureza humana.

Referências Bibliográficas

ADES, Dawn. *O Dada e o Surrealismo*. Barcelona: Editorial Labor do

- Brasil, 1974.
- ALEXANDRIAN, Sarane. **O Surrealismo**. Cacém: Editorial Verbo, 1973.
- AMORC, Antiga e Mística Ordem Rosacruz. **Símbolos Secretos dos Rosacruzes dos Séculos XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Renes, 1978.
- BUCKE, Richard Maurice. **Consciência Cósmica – Um Estudo da Evolução da Mente Humana**. Curitiba: Biblioteca Rosacruz, 1996.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- GIBSON, Michael. **Symbolism**. London: Taschen, 1995.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- HAUSER, Arnold. **Maneirismo: A crise da renascença e o surgimento da arte moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- HOCKE, Gustav René. **Maneirismo: O mundo como labirinto**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- JANSON, H. W. **História da arte**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- LAUTRÉAMONT. **Obra completa**. Tradução de Cláudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- LEWIS-WILLIAMS, David. **The mind in the cave: Consciousness and the origins of art**. New York: Thames & Hudson, 2004.
- _____ ; PEARCE, David. **Inside The neolithic mind: Consciousness, cosmos and the realm of the gods**. New York: Thames & Hudson, 2005.
- MACINTOSH, Alastair. **O Simbolismo e o Art Nouveau**. Barcelona: Editorial Labor do Brasil, 1974.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: Centro de Estudos Marina e Martin Harvey Editorial e Comercial, 2008.
- READ, Herbert. **História da pintura moderna**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- ROOB, Alexander. **Alchemy & Mysticism**. London: Taschen, 2006.
- SCHURIAN, Walter. **Arte Fantástica**. Köln: Taschen, 2005.
- SHARF, Aaron. Suprematismo. In: STANGOS, Nikos (org.). **Conceitos da arte moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mentes e máquinas: Uma introdução à ciência cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- WRIGHT, Tony; GYNN, Graham. **Left in the dark**. London: Kaleidos, 2008.

Notas

- 1 Conhecimento e controle das energias físicas e mentais, meditações, técnicas de visualização e criação mental, harmonização etc.

- 2 A compreensão sobre mapeamentos cerebrais é continuamente atualizada e muita descoberta deverá acontecer no futuro, porém, atualmente se aceita basicamente que “conceitos lógicos como tempo, sequência, fala e linguagem são manipuladas pelo hemisfério esquerdo e a criatividade, noção espacial e reconhecimento de padrões, pelo hemisfério direito” (WRIGHT & GYNN 2008, 3).
- 3 BUCKE 1996, 36.
- 4 TEIXEIRA 1998, 150.
- 5 BUCKE 1996, 47.
- 6 Para se aprofundar nesse conceito, sugerimos a leitura de *O Manifesto da Transdisciplinaridade* de Basarab Nicolescu.
- 7 Em Platão já se compreendia que existem contrários que, de alguma forma, participam da mesma essência e outros que são contraditórios. Aristóteles tirou dessa reflexão o seu quadrado lógico.
- 8 HAUSER 1993, 88.
- 9 AMORC 1978.
- 10 LEWIS-WILLIAMS 2004, 11.
- 11 CAMPBELL 1991, 82.
- 12 *ibid*, 94.
- 13 GOMBRICH 1981, 120.
- 14 HOCKE 2005, 161.
- 15 *ibid*, 163.
- 16 HAUSER 1993, 17.
- 17 HOCKE 2005, 115.
- 18 ROOB 2006, 11.
- 19 JANSON 1977, 567.
- 20 GOMBRICH 1981, 385.
- 21 *ibid*, 386.
- 22 GOMBRICH 1981, 388.
- 23 BUCKE 1996, 227.
- 24 LEWIS-WILLIAMS & PEARCE 2005, 169.
- 25 *Ibid*, 404.

- 26 *id.*
27 JANSON 1977, 612.
28 GIBSON 1995, 7.
29 SCHURIAN 2005, 18.
30 GIBSON 1995, 138.
31 MACINTOSH 1974, 3.
32 *id.*
33 *ibid*, 11.
34 *ibid*, 13.
35 HOCKE 2005, 180.
36 HOCKE se refere à obra *Léonard de Vinci*, escrita por Brion em 1952.
37 *ibid*, 178.
38 READ 1980, 165.
39 *ibid*, 169.
40 *ibid*, 171.
41 *ibid*, 161.
42 SHARF 2006, 121.
43 *ibid*, 122.
44 HOCKE 2005, 165.
45 ALEXANDRIAN 1973, 11.
46 *ibid*, 55.
47 ADES 1974, 33.
48 HOCKE 2005, 113.
49 LAUTRÉAMONT 1997, 228.
50 ALEXANDRIAN 1973, 26.
⁵¹ SCHURIAN 2005, 6.

A Psicologia do Esoterismo

Rosacruz da AMORC:

Uma compreensão com enfoque Trans (pessoal e disciplinar)

Luiz Eduardo Valiengo Berni, Psicólogo (CRP06-35863), Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP), Doutor em Psicologia (USP). Membro fundador e pesquisador do Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS); Pesquisador do Grupo de Pesquisa Estudos Transdisciplinares da Herança Africana (UNIP/CNPq); Conselheiro do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRP-SP), Coordenador Científico e de Psicologia da URCI.

Introdução

A dimensão psicológica encontrada nos ensinamentos rosacruzes da AMORC é bastante significativa, e normalmente designada sob o título de *Alquimia Mental*. A proposta deste artigo é de fazer uma releitura dessa psicologia. Assim, durante o ano rosacruz de 3362 (2009/2010) muitas atividades foram realizadas pela Seção B da URCI - Psicologia e Análise do Comportamento - no sentido de criar referenciais teóricos para a orientação de seus pesquisadores, no desenvolvimento de seus projetos. No *Seminário Psicologia, Ciência e Rosacruçianismo*, o enfoque foi eminentemente transdisciplinar. Depois, uma série de conferências foram realizadas na Loja Rosacruz São Paulo, sob o título genérico de *A Psicologia do Esoterismo Rosacruz da AMORC*, onde as bases do enfoque psicológico praticado na Ordem foram abordadas. Este artigo, apresentado em duas partes, é o produto dessa reflexão. Na primeira parte – *Psicologia e Tradição* – aborda-se de maneira

bastante sintética, a título introdutório, o histórico da Psicologia Científica e dos fundamentos da Tradição Rosacruz da AMORC, procurando situar o leitor em termos cronológicos e conceituais nesse cenário. Na segunda parte, *Áreas da Psicologia Esotérica da AMORC*, a Psicologia da AMORC é apresentada em suas quatro áreas: (a) Desenvolvimento Humano; (b) Personalidade; (c) Função e (d) Educacional. Nesta apresentação inédita, procurou-se, ainda, fazer uma leitura transdisciplinar desse conteúdo, de modo que o leitor, sobretudo aquele interessado na pesquisa, encontrará os fundamentos dessa Psicologia que se situa do ponto de vista disciplinar no campo da Psicologia Transpessoal.

1. Psicologia e Tradição

Do século XVII a meados do século XX a cultura ocidental esteve obcecada com as questões do conhecimento, com o foco na *produção e validação* das crenças. Nesse período o conhecimento religioso e tradicional, que havia dominado o cenário até então, sucumbiu ao cientificismo. O triunfo da consciência reflexiva clamava por uma nova organização das crenças. *Nesse contexto, o recurso às experiências subjetivas individualizadas e de caráter privativo* (em oposição às experiências coletivas promovidas pela religião) *passou a ser tanto uma possibilidade como uma exigência na tarefa de reconstruir crenças e regras de ação, valores e critérios de decisão seguros e confiáveis.*¹ Foi nesse cenário que a Psicologia tornou-se uma ciência.

A Psicologia científica ensinada ainda hoje nos cursos de graduação é pautada por esse viés, que pode dificultar amplamente seu diálogo com o pensamento veiculado pelas grandes tradições esotéricas e religiosas. Ao narrar sua *História da Psicologia*, Mueller afirma categoricamente que *foi considerando a psicologia como uma criação da mentalidade*

*ocidental que tomou a liberdade de excluir de sua história não só as concepções animistas dos povos ditos primitivos, mas também as grandes tradições orientais.*²

Apesar desse enfoque, o status científico da Psicologia é amplamente questionado por diversos epistemólogos que levantam essa problemática, não apenas no campo da Psicologia, mas no que diz respeito a todo o campo das Ciências Humanas, visto que essas ciências não apresentam unicidade de campo e, não raro, suas proposições podem ser conflitantes entre si.³ A pluralidade da Psicologia é tão grande que chega a ser *aparentemente caótica e antagônica*, dada a diversidade de posturas metodológicas e teorias nela existente.⁴

O que vem a ser, então, a Psicologia? O estudo da alma? É isso que sugere o termo grego que lhe dá origem ao nome. Mas, não seria a alma o objeto de estudo da Religião? Então, talvez fosse melhor dizer que o objeto de estudo da Psicologia é o homem? Mas, esse não seria o objeto de todas as “ciências humanas”? O comportamento? Mas a Antropologia, e a Sociologia, também não o estudam? Talvez a definição mais adequada para a Psicologia seja *a ciência que estuda a consciência humana, suas estruturas, estados e modos, assim como seus aspectos relacionais e comportamentais.*⁵

Infelizmente não há resposta certa. A Psicologia pode ser tudo isso e muito mais. Essa é a grande angústia que acompanha essa ciência desde sua formulação, como já se afirmou. Mas é possível reconhecer-lhe grandes linhas de pensamento. Abraham Maslow, o renomado psicólogo estadunidense, estabeleceu uma classificação para a Psicologia que denominou de “forças”, com isso querendo agrupar escolas que partilham de

um mesmo enfoque epistemológico. Identificou quatro forças no campo da Psicologia: a primeira força é o Behaviorismo; como segunda a Psicanálise; como terceira a Psicologia Humanista e como quarta a Psicologia Transpessoal.⁶

O Behaviorismo⁷ está intimamente vinculado à constituição da objetividade da Psicologia, a partir da qual esta se fundamentou como ciência. Seu foco está no clássico esquema estímulo-resposta onde os fatores externos (ambientais) assumem papel preponderante na determinação dos comportamentos. Seu maior representante foi Burrhus Frederic Skinner (1904-1990).

Sigmund Freud (1856-1939) é, sem sombra de dúvida, o representante mais importante da Psicanálise, a segunda força, que enfatiza, ao contrário do behaviorismo, a preponderância dos fatores internos na determinação dos comportamentos, onde as pulsões de vida e de morte (sexualidade e agressividade), que jazem no inconsciente, assumem uma função preponderante na determinação dos comportamentos.

Abraham Harold Maslow (1908-1970) e Carl Ransom Rogers (1902-1987) dentre outros, são considerados os pais da Psicologia Humanista, que não negou os fatores internos e externos abordados pelas psicologias de primeira e segunda forças, mas acrescentou àqueles os elementos propriamente humanos na determinação dos comportamentos, como a capacidade de escolha, a liberdade e uma tendência inata à realização humana.

Maslow é também considerado o pai da Psicologia Transpessoal, pois ele via a terceira força apenas como um

trampolim para uma força mais abrangente, *mais elevada, transpessoal, transumana, centrada mais no cosmos do que nas necessidades e interesses humanos, indo além do humanismo, da identidade, da individuação e quejandos*.⁸ Essa psicologia tem vários representantes na contemporaneidade dentre os quais se destacam o rosacruz Pierre Weil (1924-2008), Stanislav Groff (1931-), Ken Wilber (1949-), entre outros.

O início do século XX marcou um dos momentos mais importantes para a Psicologia contemporânea que, àquele momento, completava 21 anos, tendo sido formalmente iniciada em 1879 com a instalação do Laboratório de Psicologia de Leipzig, por Wilhelm Wundt.⁹ Freud aos 44 anos publicava *A Interpretação dos Sonhos*, dando início formal à Psicanálise, e Willian James, aos 60, publicava *A Variedade da Experiência Religiosa*, um marco da Psicologia Pragmática estadunidense.

Nesse mesmo período, o jovem Harvey Spencer Lewis, então com apenas 20 anos, assumia a presidência da Liga de Pesquisa Psíquica de Nova York, uma instituição dedicada ao estudo e difusão do *Novo Pensamento, que propunha uma senda de evolução individual orientada para a realização do eu através das aplicações concretas destinadas a resolver os problemas cotidianos*.¹⁰ Os estudos de Lewis levaram-no a encontrar na *meditação respostas para as questões dos mistérios do ser e*, a partir desses estudos¹¹, chegou ao rosacruzianismo. Foi iniciado em Tolouse em 1909 e desde então se dedicou à estruturação dos ensinamentos veiculados com a fundação da AMORC em 1915. Autor proeminente de inúmeros artigos e livros impregnados de psicologia, fonte utilizada como referência para a fundamentação do presente artigo, como se verá.

A Ordem Rosacruz, AMORC é uma organização tradicional, internacional, que se situa dentro do pensamento esotérico ocidental. O termo esotérico tem origem grega (*esôterikōs*) que significa *conhecimento interior ou daquilo que pertence ao místico*. E o que é ser místico? Ser místico é ser esotérico, ou seja, *ir ao fundo de seu pensamento e encontrar o ponto central e de lá lançar-se para as extremidades, porque esse centro abriga todo o conjunto*.¹²

Do ponto de vista tradicional, a AMORC remete-se às Escolas de Mistério do Egito antigo e, mais recentemente, ao surgimento do Rosacrucianismo na Europa do século XVII, a partir da publicação dos “Manifestos” que tornaram pública a existência da Ordem. Historicamente, entretanto, está vinculada ao pensamento de Harvey Spencer Lewis, seu primeiro *Imperator*¹³, e responsável pela estruturação de seus ensinamentos e pelo surgimento da organização nos EUA no início do século XX.

A AMORC hoje se define como uma organização *de caráter místico-filosófico, que tem por missão despertar o potencial interior do ser humano, auxiliando-o em seu desenvolvimento, em espírito de fraternidade, respeitando a liberdade individual, dentro da Tradição e da Cultura Rosacruz*.¹⁴

Analisando-se a missão da AMORC, *o despertar e desenvolvimento do potencial humano*, pode-se afirmar com segurança tratar-se de um objetivo de desenvolvimento psicológico, mas também esotérico, como já se viu. A figura central no pensamento psicológico da AMORC é, sem dúvida, seu fundador, Harvey Spencer Lewis.

2. As Áreas da Psicologia Esotérica da AMORC

A partir das questões levantadas no item anterior, cabe afirmar que a Psicologia do Esoterismo Rosacruz situa-se entre as psicologias de quarta força. Portanto, trata-se de uma Psicologia Transpessoal, cujo foco está no estudo da consciência humana e suas manifestações no comportamento.

Numa definição mais específica pode-se dizer que para a AMORC a Psicologia *é ciência que trata da alma, seus atributos, mente, consciência e sua finalidade, localização e funcionamento, assim como de sua influência em nossa vida com respeito aos hábitos, sua formação, adoção, rejeição ou transmutação, da ação e interação das duas fases da mente, a objetiva incluindo sua fase subjetiva, e subconsciente, e muitos outros aspectos da existência psíquica e mental.*¹⁵

Alma é, portanto, o termo-chave nesta abordagem psicológica. Para os rosacruzes alma é sinônimo de consciência. *Existe apenas uma alma por todo o universo que é a consciência suprema de Deus. As almas dos homens não são separadas, independentes, mas partes inseparáveis da Alma universal, nunca perdendo sua associação ou seu contato com essa consciência de Deus, Divina essência que constitui a energia essencial da vida.*¹⁶

Analisando-se essa definição é possível destacar pelo menos quatro áreas de estudo da Psicologia Rosacruz, são elas: (1) Psicologia do Desenvolvimento – cujo estudo está ligado à *finalidade* da consciência e sua evolução. Nos ensinamentos rosacruzes os temas ligados a essa área são: Ciclos da Vida e sua influência no comportamento, Destino (Carma), Livre Arbítrio, entre outros; (2) Psicologia da Personalidade – cujo estudo está ligado à estrutura ou *atributos e localização* da psique humana. Nos ensinamentos rosacruzes os temas ligados

a essa área são: Eu Interior (Self) e Eu Exterior (Ego), Personalidade, Caráter, Faculdades Psíquicas e Modos de Consciência (estético, moral etc.), Centros Psíquicos, entre outros; (3) Psicologia Funcional – cujo estudo está ligado à dinâmica da mente ou da consciência, sua *influência* na formação dos *hábitos*. Nos ensinamentos rosacruzes os temas ligados a essa área são: Mente Objetiva, Subjetiva e Subconsciente, Percepção, Estados de Consciência (normal, alterado etc.), Visualização (Criação Mental), entre outros; (4) Psicologia da Educação – cujo foco situa-se na metodologia de ensino utilizado pela AMORC. Nos ensinamentos rosacruzes os temas ligados a essa área são: Rituais, Iniciação, Simbologia, entre outros.

É importante que se diga que essa é uma divisão meramente didática requerida para o estudo e a pesquisa, pois a proposta Rosacruz é uma proposta holística, ou seja, integral e integrada.

A seguir apresentaremos cada uma dessas áreas.

2.1 – A Psicologia Rosacruz do Desenvolvimento

Como se afirmou, a Psicologia Rosacruz do Desenvolvimento tem por objeto de estudo a *finalidade* da consciência e sua evolução. Nos ensinamentos rosacruzes os temas ligados a essa área são: Ciclos da Vida e sua influência no comportamento, Destino (Carma), Livre Arbítrio, entre outros.

Na concepção holística da Psicologia Rosacruz, desenvolvimento e evolução são sinônimos, pois se trata do *desenvolvimento progressivo e aperfeiçoamento de tudo que se manifesta ou está na concepção da Mente Cósmica. Mesmo a chamada degeneração ou desintegração faz parte da evolução, represen-*

*tando uma de suas fases. Evolução significa evolução progressiva. É a lei fundamental da Natureza e todo elemento da Natureza tende à perfeição e está se tornando cada vez mais elevado em sua frequência vibratória e mais perfeito em sua manifestação.*¹⁷

Nesta perspectiva, o desenvolvimento humano não está desconectado do desenvolvimento do universo, pois há uma interpenetração do todo na parte, formulado no antigo axioma “assim como é em cima é embaixo”. Essa forma de abordagem evoca a compreensão da realidade conforme a compreende a Transdisciplinaridade. Trata-se de uma realidade complexa, multidimensional, constituída por diferentes níveis, os níveis de realidade, e compreensível por diferentes abordagens lógicas ou dialógicas.

Essa visão de realidade encontra ressonância no corpo de conhecimento de muitas culturas tradicionais e se contrapõe à visão apresentada pela Física Clássica, de uma realidade explicável por uma lógica causal e determinista.

*A Realidade não é somente um construto social, um senso coletivo. É também uma dimensão trans-subjetiva composta por Níveis de Realidade. Um Nível de Realidade é um conjunto estruturado de sistemas que têm permanência. São invariantes, agindo sob a ação de determinados princípios ou leis, compreensíveis por lógicas específicas. Fato que confere ao nível a “solidez” necessária para que este se configure.*¹⁸ Esses níveis podem ser infinitos e são orientados por um aspecto fixo, ontológico ou imutável - o Sagrado. O Sagrado penetra todos os Níveis de Realidade e lhes confere coerência. Trata-se de um *bootstrap*¹⁹ cósmico, uma imensa autoconsciência, Consciência Cósmica, que a tudo penetra.

Assim, para o rosacruz a Realidade, ou o universo, pode ser compreendido a partir da Teoria do Big-Bang em diálogo com seu pensamento Tradicional. Trata-se de um universo fundamentado numa concepção trina: Deus, o Cósmico e o Ser humano. Cada um desses elementos é de natureza dual: estático e dinâmico, sagrado e profano. Embora esse universo seja concebido de forma trina e cada um de seus elementos se manifeste de maneira dual, ele é unificado num grande *holos*²⁰, uma teia cósmica, um corpo vivo e único, sustentado por relações qualitativas (sistêmicas) e quantitativas (mecânicas).

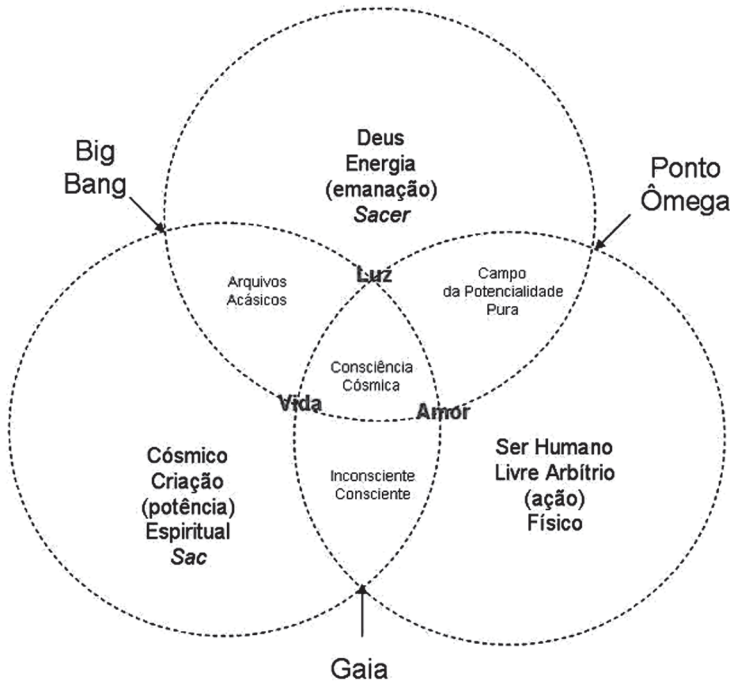
Trata-se de uma manifestação da sagrada²¹ energia de Deus, cujo núcleo incognoscível jamais poderá ser desvelado. Parte-se do pressuposto de que ao emanar de Si mesmo, Deus promove a Criação ou o Cósmico, cujas leis, embora sagradas, podem agora ser compreendidas. O ser humano, entendido como parte desse universo, corresponde ao terceiro elemento dessa emanção e é dotado de livre arbítrio podendo, portanto, escolher (evoluir). Ele é dotado, também, da capacidade de criação que o assemelha ao Criador.

Na narrativa cosmogônica dos rosacruzes se podem distinguir-se três ocorrências fundamentais: A *Luz* concretamente materializada no Big-Bang, com o surgimento do Cósmico propriamente; A *Vida* por meio da manifestação dos sistemas dinâmicos como as galáxias, os grupos locais e os sistemas planetários, especificamente de Gaia, a Terra com capacidade para conter ou manifestar a vida. E a terceira ocorrência é o surgimento do *Amor* que se manifesta no coração do Homem, revelando todo o seu potencial, sua capacidade para o desenvolvimento de si mesmo.

Ao emanar de Deus, esse universo – trino - expressa Sua

própria Inteligência ou Consciência Cósmica. A história da emanção desse universo se mantém eternamente registrada nos chamados *Arquivos Acásicos*²² que *contêm os registros indelévels de todos os eventos e conhecimentos integrantes da Consciência Cósmica, registros tanto de acontecimentos passados como futuros.*²³ Os acontecimentos futuros acham-se registrados nos Arquivos Acásicos em termos probabilísticos como acontece no nível quântico e são alimentados por concretizações advindas do *Campo da Potencialidade Pura* que é *o campo criativo do Eu, inerente à consciência mais elevada do ser humano em sua comunhão com Deus.*²⁴ Para ilustrar essa concepção de universo vejamos esse excerto da ontologia da AMORC, representado também na figura 1:

*Para o Ser nunca houve começo, pois o nada não pode dar origem a alguma coisa. Tudo era trevas antes de surgir a luz. A luz, porém, não veio das trevas, pois as trevas são a ausência da luz. A luz é um atributo do Ser, uma vez que o Ser é sempre luminoso na irradiação de sua energia, causada por seus ininterruptos esforços para existir. A luz não tinha calor, e assim o Ser era insensível. A luz não tinha reflexo, e assim o Ser não tinha forma. O Ser, em seu eterno movimento e progresso, expandiu-se. Inúmeras tornaram-se suas formas e complexa sua natureza. A complexidade da evolução do Ser deu origem à densidade. E a densidade produziu o calor da luz. Então, surgiram os seres viventes. Com a vida, veio a sensibilidade do Ser, transformando-se na magnificência da percepção do Eu. Na consciência humana foram refletidas as glórias do universo. Em sua profundidade o Ser tomou forma sensível e a mente lhe conferiu amplitude. Então, a luz brilhou, pois ela refletia pela primeira vez a sua própria natureza.*²⁵



Esse universo é fundado a partir de um princípio de conservação da matéria e da energia, ou seja, *matéria e energia são indestrutíveis*.²⁶

Trata-se de um universo dinâmico que se manifesta em ritmos e ciclos. O ciclo pode ser entendido como a repetição de um mesmo tipo de evento no tempo, enquanto o ritmo é o tempo que um evento demora em se repetir, ou o tempo de duração de um evento. Podemos dizer que um ciclo tem um ritmo acelerado quando há uma grande frequência de repetições do evento num curto espaço de tempo. Alguns eventos, todavia, acontecem apenas uma vez, portanto têm apenas um ciclo, enquanto outros demoram tanto a se repetir que se tem a impressão que são únicos; outros ainda são claramente

frequentes e perceptíveis.

A biografia de uma estrela, por exemplo, pode levá-la a ter uma morte luminosa, numa explosão conhecida como Supernova, ou sombria como um Buraco-negro.²⁷ A Hipótese Gaia²⁸ afirma que os planetas, no caso Gaia, a Terra, são seres vivos. A Terra nasceu e morrerá, seguindo um determinado caminho evolutivo, marcado por ciclos e ritmos. A existência biológica da Terra está vinculada ao Sol e ao que tudo indica será encerrada por este, porque um dia o Sol se transformará numa estrela gigante vermelha, expandindo-se em tamanho para além da órbita da Terra.

Na Terra os ciclos são definidos por seus movimentos de rotação, translação e precessão. O dia é um ciclo cujo ritmo é de 24 horas e está associado ao movimento de rotação do planeta em torno de si mesmo; o ano, com suas quatro estações é um ciclo que se repete num ritmo de 365 dias, e está associado ao movimento de translação ao redor do Sol; as eras astronômicas são ciclos que têm a duração de 2.240 anos²⁹ e estão associadas ao movimento de precessão do eixo do planeta como se fosse um pião. A força gravitacional que a Lua exerce sobre a Terra, também provoca ciclos e ritmos. Sua influência nos elementos líquidos do planeta é notória, especialmente nos grandes volumes de água, como os oceanos e mares, estabelecendo um ciclo conhecido como marés, que têm o ritmo, ou duração, de 12 horas. As marés influenciam tanto a navegação marítima, quando a atividade de pesca. O ciclo da evaporação e da chuva é outro exemplo de ciclo fundamental para a plantação e a colheita, sendo que sua definição rítmica, entretanto, pode ser bastante variável.

Do ponto de vista biológico, a vida segue ciclos e ritmos, ou biorritmos.³⁰ Para os seres humanos, alguns ciclos e ritmos

são facilmente observáveis, como o ciclo menstrual feminino, que tem um ritmo médio de 28 dias; o ciclo de vigília e sono, que acontece no período de um dia, e tem um ritmo médio 8/16 (8 horas de sono por 16 de vigília); o ciclo digestivo, de aproximadamente 2 horas, e que pode acontecer várias vezes ao dia; assim como o ciclo respiratório que acontece imperceptivelmente a todo instante no organismo; bem como o batimento cardíaco, cujo ritmo ou frequência média é de 60/100 batimentos por minuto.

Assim como as estrelas têm sua evolução seguindo um caminho pré-determinado, como seres únicos que são no grande todo galáctico; ou o planeta, Gaia, cuja biografia é impressa em seus ciclos e ritmos próprios, o Ser Humano tem também uma história marcada por ciclos e ritmos comuns a toda a espécie. No desenvolvimento humano, todavia, as pessoas são capazes de registros individuais e indelévels em suas biografias, a partir das escolhas que são capazes de fazer. Tais escolhas podem alterar de maneira significativa sua trajetória, conferindo diferentes sentidos às suas vidas.

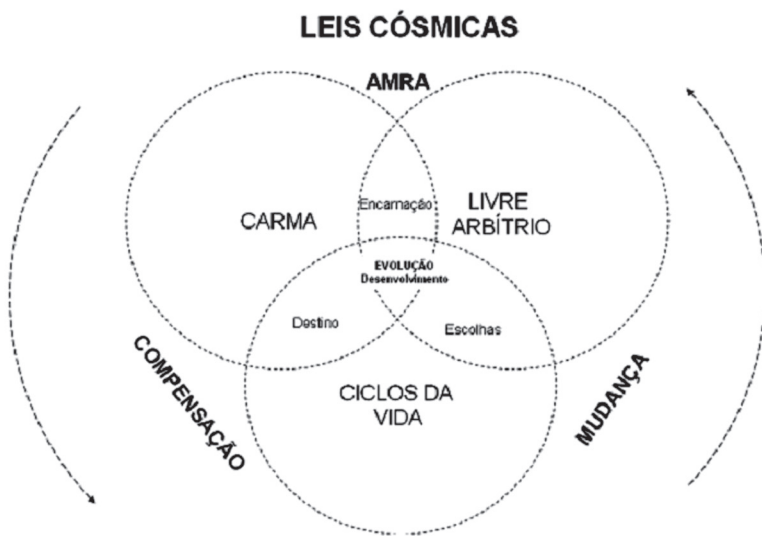
A compreensão da vida humana como passível de ser dividida em fases ou ciclos de desenvolvimento tem sido, há bastante tempo, um ponto de controvérsia para muitos estudiosos. Os gregos compreenderam o curso de vida organizado em períodos de sete anos. Os romanos dividiram-na em cinco ciclos de aproximadamente 10 anos.³¹ A AMORC, além de trazer uma visão da vida como organizada em ciclos de sete anos, aos quais denomina de *Períodos Simples da Vida Humana*³², divide o ano em sete períodos de 52 dias, o dia em 7 períodos de 3 horas e 25 minutos, atribuindo-lhes características fundamentais para o desenvolvimento de projetos pessoais e profissionais. Apresenta, também, o que denominou de *Ciclos da Alma*, a

partir de uma perspectiva reencarnacionista, e apresenta 7 períodos de nascimento com duas polaridades cada um, ao longo dos 365 dias do ano. Esses períodos poderiam ser vistos em perspectiva semelhante à do zodíaco, que é, no entanto, apresentado em 12 ciclos, ou signos, com duração de mais ou menos 30 dias. Assim, tanto ritmos e ciclos físicos quanto períodos e fases de desenvolvimento podem ser observados como marcos na biografia humana.

A vida humana é, portanto, regida por ritmos e ciclos que lhe são impostos, ou destinados, pela dimensão física tanto do corpo do universo, quanto do corpo físico do ser humano. Esse destino biológico é amplamente influenciado pelas escolhas num reflexo do livre arbítrio. *A alma é livre para escolher, livre para decidir, livre para aceitar ou rejeitar os impulsos que provêm de sua memória de experiências passadas, ou as sugestões do mundo exterior. O homem tem o poder de escolher, sendo esse livre arbítrio um fator fundamental de sua consciência. Sua motivação estabelece-se por dois fatores: o impulso (animal) e a escolha (humana).*³³

O desenvolvimento humano, porém, acontece num grande ciclo de vida-morte ou processo de (re) encarnação. Esse processo não deve ser compreendido como um credo religioso: *trata-se de uma lei natural, que diz respeito à evolução da natureza e à manifestação dos seus princípios. Baseia-se no fato de o homem estar encarnado num corpo físico no presente vivendo experiências terrenas. Existem três razões para a encarnação: primeiro a alma deve passar por experiências na terra; o corpo humano deve contar com a experiência da iluminação, e terceiro a personalidade ou o caráter pode ser aperfeiçoado.* Esse processo também está subordinado ao movimento cíclico, pois

a alma reencarna aproximadamente a cada 144 anos, passando por um período de intervalo entre uma encarnação e outra. A finalidade desse período de repouso é a purificação do Ego e a iluminação pela Mente Divina e equivale ao período do sono que a alma encarnada vivencia.³⁴



Portanto, a Psicologia do Desenvolvimento na AMORC procura levar o estudante à compreensão desses grandes e pequenos ritmos e ciclos, de modo que ao situar-se neste contexto ele seja capaz de harmonizar-se com essa perspectiva e, com isso, possa evoluir.

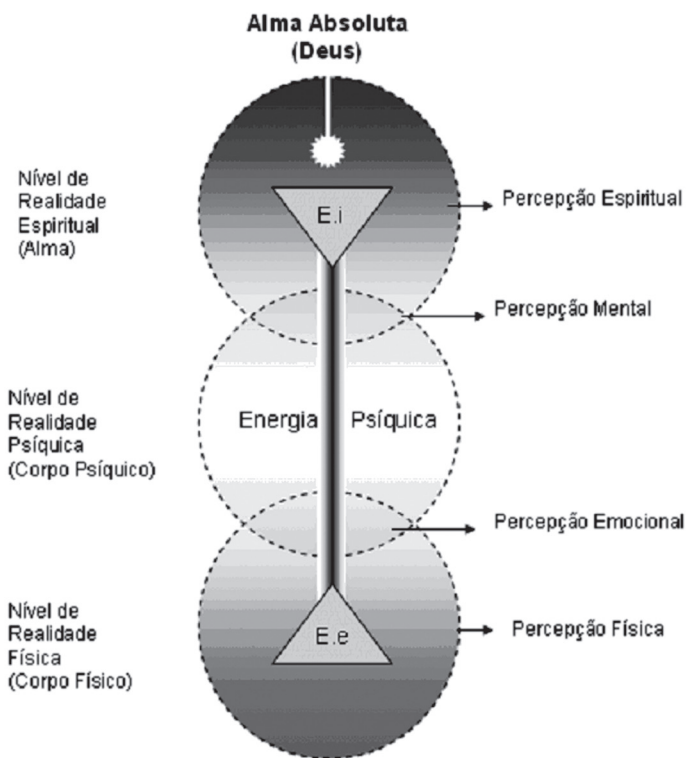
2.2 – A Psicologia Rosacruz da Personalidade

Do ponto de vista teórico, complementando a Psicologia Rosacruz do Desenvolvimento está a Psicologia Rosacruz da Personalidade, cujo estudo está ligado à estrutura ou *atributos*

e localização da psique humana. Nos ensinamentos rosacruzes os temas ligados a essa área são: Eu Interior (Self) e Eu Exterior (Ego), Personalidade, Caráter, Faculdades Psíquicas e Modos de Consciência (estético, moral etc.), Centros Psíquicos.

Do ponto de vista rosacruz, a psique ou personalidade-alma é a *manifestação objetiva da reação do indivíduo ao segmento inseparável da alma universal com que o homem está infundindo. Revela tudo que foi acumulado através de incontáveis experiências, e absorvido como parte de sua própria essência de expressão. Trata-se da Identidade psíquica de cada membro da raça humana. Forma-se a partir da encarnação da Alma no Corpo Físico.*³⁵ É concebida, portanto, como uma emanção do espiritual, uma diferenciação desse campo da realidade contendo dois núcleos plasmados por uma energia psíquica ou por uma *tendência à perfeição de modo a tornar-se cada vez mais elevada em sua frequência vibratória.*³⁶ O núcleo interior é denominado Eu Interior ou Self e o outro núcleo é o Eu Exterior ou Ego.

O Eu Interior ou Self é, portanto, o núcleo da Personalidade-alma e permanece mais centrado no Nível Espiritual, concentra todas as potencialidades da pessoa. Essas potencialidades referem-se a tudo aquilo que a pessoa pode vir a ser biológica, social e espiritualmente. O Eu Interior é o receptáculo da alma, ou centelha divina, que emana diretamente de Deus ou da Alma Absoluta³⁸. A alma é a geradora da energia psíquica que orienta as ações humanas para a criatividade e para atualização das potencialidades de modo a contribuir para a construção do si mesmo.



O Eu Exterior ou Ego, por seu turno, é o núcleo da psique mais conectado ao Plano Físico, acha-se susceptível à estimulação ambiental, o que lhe confere um caráter altamente modelável pelo ambiente. Neste núcleo concentra-se a consciência simples que direciona as ações e as percepções.

A partir da tensão gerada pela circulação da energia psíquica de consciência entre os núcleos da Personalidade-alma centrados simultaneamente nos Níveis Espiritual, onde se situa a Alma, e Físico, onde se situa o Corpo Físico, cria-se um terceiro Nível, o da Realidade Psíquica, ou psicológica, onde se situa o Corpo Psíquico ou o campo da autoconsciência.

Cabe lembrar que, do ponto de vista transdisciplinar, níveis de Realidade são estruturas complexas regidas por leis próprias que lhe conferem consistência. Tais leis são estruturadas a partir de lógica própria acessível por meio dos níveis de percepção formando um todo complexo, ou, nas palavras de Arthur Koestler, *hólons inteiros que são simultaneamente partes*³⁹, pois fazem parte de um todo maior. Embora cada nível tenha uma lógica própria e uma consistência, eles são *per se* incompletos. A compreensão dos níveis só é possível a partir de uma compreensão lógica dessa incompletude. *Um novo Princípio de Realidade emerge da coexistência da pluralidade complexa e da unidade aberta: nenhum nível de Realidade se constitui um lugar privilegiado do qual se pode compreender todos os outros. Os níveis são o que são porque todos os níveis existem ao mesmo tempo.*⁴⁰

Como cada nível de Realidade tem suas leis próprias, a interconexão entre os níveis se dá por zonas de não resistência. Definem-se quatro zonas, aqui denominadas de zonas de percepção: Espiritual, Mental, Emocional e Física.

A Consciência se expande, ou se desenvolve à medida em que o ser humano é capaz de perceber os elementos próprios de cada um desses níveis, o que faz com que a Consciência seja entendida como um *continuum*, uma manifestação de diferentes graus de auto-percepção, de percepção da realidade, sendo seu maior grau de consciência o da Consciência Cósmica, caracterizada pela percepção de transcendência e não-separatividade, ou seja, pela consciência de unicidade do universo e da pessoa.

A Consciência é reconhecida como dotada de diversos atributos ou faculdades: ela é criativa quando capaz de semear

ideias no Campo da Potencialidade Pura; é lógica, quando capaz de compreender processos e de criar raciocínios; é emocional, quando capaz de experimentar emoções; é transpessoal quando capaz de transcender e perceber de maneira inclusiva e abrangente todos os atributos citados anteriormente e dimensionando a grandeza do Cósmico.

O Corpo Físico é, portanto, compreendido como a máxima densificação da energia Espiritual e, em última instância, de Deus (Alma Absoluta). Este corpo forma um todo integrado e tem nos sistemas nervoso e endócrino importantes chaves para o desenvolvimento de seu potencial inerente.

A Energia Psíquica é a consciência em movimento entre os núcleos mais densos da Personalidade-alma. No Corpo Físico, determinados pontos, denominados vórtex ou Centros Psíquicos, permanecem sensíveis a essa circulação energética gerando a dinâmica psicológica. Embora tais pontos encontrem materialidade física, não se restringem ao corpo físico, pois contêm essa energia de Consciência. Esses pontos tornam-se ativos (despertos) à medida que a Consciência vai se expandindo do nível Físico ao Espiritual.

Do ponto de vista físico, os centros psíquicos estão situados em determinados órgãos e, principalmente, em glândulas do sistema endócrino. Quando a Consciência é despertada o centro psíquico torna-se ativo e seus atributos conscientes. O processo do despertar da consciência, na AMORC denominado despertar psíquico, se dá do nível Físico para o Espiritual, podendo ser estimulado, também, por ressonância sonora e cromática. No Corpo Físico, *cada centro psíquico está associado a uma glândula, um centro nervoso, e a um princípio*

*ou força organizadora de consciência.*⁴¹

A meta fundamental da Personalidade-alma é a evolução, retorno ao Criador, ou espiritualização da matéria, como diria Teilhard de Chardin,⁴² ou Consciência Cósmica na perspectiva de Richard Bucke.⁴³ Portanto, não se trata de um simples retorno, mas de um retorno consciente. Ao retornar, a entidade humana deverá acrescentar algo ao todo Cósmico, e esse algo é consciência. Desta forma, os seres humanos têm um papel de grande importância no esquema Cósmico, que é o de ampliar a Consciência do Todo e essa ampliação, essa evolução, se faz pela capacidade de transcendência.

Ao inventar ferramentas para colher e produzir alimento, o homem transcendeu. Ao domesticar animais e construir meios de transporte, o homem transcendeu. Ao criar sinais de fumaça, comunicação por tambores, telégrafo, telefone, rádio, o homem transcendeu. Ao olhar para os planetas, para as estrelas, para as galáxias, e para as células, os átomos, e o quantum, o homem transcendeu. Portanto, pode-se afirmar que o homem é um ser de transcendência. *Fomos obrigados a transcender os limites impostos pelo meio para podermos viver. Então, transcendência fundamentalmente é essa capacidade de romper todos os limites, superar e violar os interditos, projetar-se sempre num mais além.*⁴⁴ *Transcendência refere-se ao mais elevado, inclusivo e holístico nível de Consciência, comportamento e relacionamento, como um propósito a ser atingindo para a unidade do eu, para significação do outro, para os seres humanos em geral, para outras espécies, para a natureza, para o cosmos.*⁴⁵ A transcendência é, portanto, uma função superior da consciência e reflete a capacidade de deslocamento de um nível para outro. A Energia Psíquica é o elemento propul-

sor da transcendência. Manifesta-se no organismo humano como uma tendência natural, tendência à auto-atualização e transcendência, hierarquizada em necessidades básicas que buscam constantemente serem transcendidas. Ao atualizar seu potencial físico, social, e espiritual, que está concentrado no Eu Interior, a pessoa está transcendendo, portanto evoluindo.

Essa evolução se manifesta no fortalecimento do caráter compreendido com os princípios morais e éticos que constituem o código de vida de uma pessoa e orientam seu comportamento. Formado pelos pensamentos e pela conduta dos seres humanos. Trata-se do aspecto mais exterior da personalidade: Eu exterior. Seu desenvolvimento permite ao homem descobrir a si mesmo e aprimorar suas capacidades latentes, aparando as arestas grosseiras de sua natureza (animal).⁴⁶

2.3 - A Psicologia Rosacruz Funcional

A Psicologia Rosacruz Funcional é uma Psicologia Aplicada, cujo estudo está ligado à dinâmica da mente ou da consciência e sua *influência* na formação dos *hábitos*. Nos ensinamentos rosacruz os temas ligados a essa área são: Mente Objetiva, Subjetiva e Subconsciente, Percepção, Estados de Consciência (normal, alterado etc.), Visualização, Intuição, Imaginação, entre outros.

Na tradição rosacruz, mente e consciência são sinônimos, assim como consciência é sinônimo de alma. Isso se justifica dependendo do nível de realidade em que essa energia for “observada”, ou seja, se estiverem no nível Espiritual consciência e mente são normalmente denominadas alma. Se for ao nível Psíquico, o termo mais utilizado é consciência, principalmente em função da “autoconsciência”, enquanto no nível Físico

pode-se usar tanto mente, normalmente mente objetiva, ou consciência simples.

Por isso se afirma que *a mente do homem é imortal porque é parte da alma. Em misticismo pode-se afirmar que a mente é dual. Pode ser compreendida num matiz entre dois polos ou campos: o subconsciente e o objetivo. A mente continua a existir após a transição do corpo físico (morte) detendo o completo armazém da memória.*⁴⁷

A função da mente, conforme é estudada na AMORC, foi amplamente influenciada pelo *Movimento do Novo Pensamento* que, como vimos, influenciou o jovem Harvey S. Lewis no começo de sua busca espiritual. Um dos autores mais proeminentes dessa corrente foi Joseph Murphy (1898 -1981), cujo trabalho maior, *O Poder do Subconsciente*⁴⁸, é ainda bastante usado nos círculos de prática de hipnose. Aliás, os processos de hipnose, auto-hipnose, são muito focados nesta linha de pensamento e amplamente difundidos na prática rosacruz.

Reconhecem-se três fases da mente: mente objetiva, mente subjetiva e mente subconsciente.

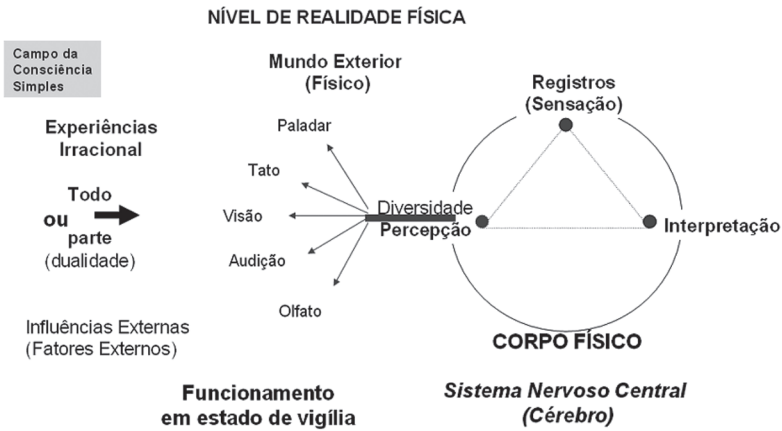
A mente objetiva ou *mente mundana que funciona no mundo material, através do corpo físico e de maneira egoística, com o objetivo principal de preservar o corpo físico. Atua com os cinco sentidos físicos e suas funções sobre os atos voluntários, sobre a memória, sobre o raciocínio. É subserviente à Mente Subconsciente.*⁴⁹

A mente objetiva, ou fase objetiva da mente, está diretamente ligada ao Eu Exterior, portanto conectada ao campo da consciência simples ou à percepção e Corpo Físico. Portanto, refere-se ao Nível de Realidade Físico. É a mente objetiva que

recebe a carga de estimulação que provém do mundo exterior. Essa dimensão da mente funciona no período de vigília, ou seja, as percepções só são registradas pela mente objetiva enquanto a pessoa está acordada.

A psicofisiologia do cérebro humano e o processo de captação e transmissão de estímulo por meio do Sistema Nervoso estão totalmente conectados com essa dimensão objetiva da mente. Portanto, um estímulo do mundo exterior é captado por um dos cinco sentidos (visão, audição, paladar, tato e olfato), transformado em estímulo que, por meio do Sistema Nervoso Periférico, é transmitido pelos neurônios (célula nervosa) para o Sistema Nervoso Central, onde é registrado e interpretado. Esse processo de transmissão neuronal se dá por uma série de mediadores químicos e impulsos elétricos. Qualquer dano no sistema nervoso poderá comprometer o processo de percepção de estímulos.

O processo de decodificação perceptual é dual, bifásico, ou binário, muito associado à lógica clássica, portanto remete a esquemas simples do tipo: sim/não; claro/escuro; todo/parte; em cima/embaixo, figura/fundo, etc. ligados ao objeto (exterior) de percepção.



to. Trata-se de um processo intermediário que é amplamente sugerido nos ensinamentos rosacruzes, mas poucas vezes explicitado de forma independente, como faremos aqui. Nesta fase da mente, nível de realidade psicológica, é que se dá o processo de interpretação que se realiza tanto em função das percepções emocionais quanto das percepções racionais. Este é o campo da autoconsciência que diferencia o ser humano dos animais, onde o homem é capaz de perceber que “é capaz”. O processo de interpretação é complexo e envolve tanto as percepções emocionais quanto as mentais.

Partindo-se do mundo exterior as sensações recebidas provocam emoções, que é um processo que desencadeia uma série de reações fisiológicas no Corpo Físico. Estas podem ser classificadas em duas formas básicas, agradáveis ou desagradáveis, ou as que proporcionam prazer e as que proporcionam desprazer. Evidentemente, as emoções agradáveis têm uma tendência a serem mais bem aceitas que as emoções desagradáveis. Entretanto, essa classificação não deve ser entendida como um padrão universal, pois o conceito de agradável e desagradável pode variar amplamente em função das interferências da cul-

tura e/ou do meio ambiente de maneira geral.

Há uma profunda interação entre as percepções emocionais e mentais. Percepções mentais estão vinculadas ao processo de pensamento que é um processo trino marcado por três tipos de raciocínio: os raciocínios indutivo (de alguns para todos), dedutivo (de todos para alguns) e silogístico (um jogo entre todos, alguns e nenhum).

A dinâmica entre as emoções e os raciocínios forma os julgamentos e, conseqüentemente, os padrões de verdade aceitos pelos indivíduos e pelos grupos (cultura).

O *insight*⁵⁰ é mola propulsora do processo de raciocínio; essa operação da consciência se dá a partir das associações que o ser humano é capaz de fazer a partir do desenvolvimento de noções, juízos e inferências.⁵¹

Por fim, temos a Realidade Espiritual, ou o mundo interior, que se situa no campo da Consciência Cósmica. Neste nível, encontram-se os potenciais acumulados ao longo das encarnações que podem ser atualizados.

A mente subconsciente é a *consciência do Eu Interior, diretamente relacionada com a Consciência Cósmica ou Universal*.⁵² Seu funcionamento é ininterrupto, ou seja, atua na pessoa durante o estado de vigília ou de sono, e recebe estímulos tanto do exterior (de fora) por via da mente subjetiva, quanto do interior (de dentro), diretamente da Consciência Cósmica.



premissa maior. Por estar conectada diretamente com a Mente Cósmica, que constitui o Campo da Potencialidade Pura, os elementos, ao serem tomados como verdadeiros ao nível da mente subconsciente, direcionarão toda a vida da pessoa, seu sucesso ou fracasso. Trata-se, portanto, de uma mente executiva.

A sugestão que é uma proposição imperativa, uma ordem, é o elemento chave do funcionamento da mente subconsciente. Embora a mente subconsciente esteja em contato direto com a Consciência Cósmica, ela também recebe estimulação da mente subjetiva; portanto, das sugestões que tanto podem ser oriundas do mundo exterior, de ordem sensorial elaboradas pelo raciocínio, quanto podem ser oriundas do mundo interior, de ordem extra-sensorial, atemporais, simbólicas,

por meio do contato com a Consciência Cósmica, com os Arquivos Acásicos etc.

É a partir da mente subconsciente que se consolidam os afetos expressos por meio dos sentimentos positivos e negativos. Estes, por sua vez, irão interferir diretamente na formação dos hábitos e na modelagem dos comportamentos. Os ambientes cultural e social em que as pessoas vivem atuam como condicionadores para o desenvolvimento de práticas que favorecem as influências internas, como práticas ligadas à Meditação, Contemplação e Oração; ou externas, com práticas centradas nos processos de comunicação como a Internet, o rádio ou a TV.

O período mais ativo da mente subconsciente é quando o corpo físico está inerte e o corpo psíquico está ativo recebendo impressões. Esse período é denominado *estado intermediário*, que ocorre naturalmente quando a pessoa está ligeiramente assonada nos momentos em que está despertando do sono ou indo dormir. Este é um período crítico, pois todas as informações que chegam à mente subconsciente são tomadas como verdadeiras.

Tanto as práticas mundanas, como as veiculadas pelos meios de comunicação, como TV, rádio, Internet, quanto as práticas sagradas, como a meditação, oração, contemplação, etc., irão exercer grande influência na formação dos padrões de hábito e comportamentos das pessoas.

Os ensinamentos rosacruzados praticados no *Sanctum* do Lar⁵³ ou nos Templos dos Organismos Afiliados favorecem o desenvolvimento das faculdades interiores e o contato com a Consciência Cósmica.



entre outros.

Desta forma, o processo iniciático é o cerne da injeção educacional da AMORC. Tal processo é normalmente desenvolvido por meio de um drama ritualístico, onde se apresenta uma história exemplar, através da qual os ensinamentos são revelados aos participantes - os iniciados. Espera-se que este processo seja altamente estimulante impactando profundamente o participante de modo a levá-lo ao autoconhecimento por meio da autotranscendência, de modo que este possa

acessar e atualizar seus potenciais pessoais superiores.⁵⁴ Assim, acredita-se que os participantes serão beneficiados pelo crescimento autoconsciente ampliando-se as percepções: (a) Física, com a otimização da saúde corporal; (b) Mental, por meio da paz e felicidade, e da clareza proporcionada pelas técnicas de meditação; (c) Emocional, pela manutenção de um estado de serenidade; (d) Espiritual, por meio do despertar das faculdades superiores que levam à transcendência; (e) Sagrado, por meio da integração com o Todo.⁵⁵

Tomando a definição de competência como aquela *capacidade de agir a partir da mobilização dos conhecimentos, habilidades e atitudes adequadas para realização de uma determinada ação*⁵⁶, vemos que essa mobilização se articula entre os aspectos psicofilosóficos que se configuram na Visão de Mundo e os instrumentais: as habilidades, conhecimentos e atitudes. Desta forma, pode-se afirmar que o enfoque educacional veiculado pela AMORC visa o desenvolvimento de competências. O ponto central de uma competência é algo absolutamente intangível, ou seja, trata-se da *capacidade de mobilização*.

os membros devem praticar no dia-a-dia para o desenvolvimento de habilidades. Além das práticas individuais, propostas nas monografias, o ambiente dos Organismos Afiliados constitui-se um verdadeiro laboratório de convivência onde o membro é estimulado à aplicação desses ensinamentos, seja na administração dos conflitos próprios do convívio humano, seja no ambiente sagrado do templo onde experimentos são cuidadosamente propostos visando o desenvolvimento da coletividade dos membros.

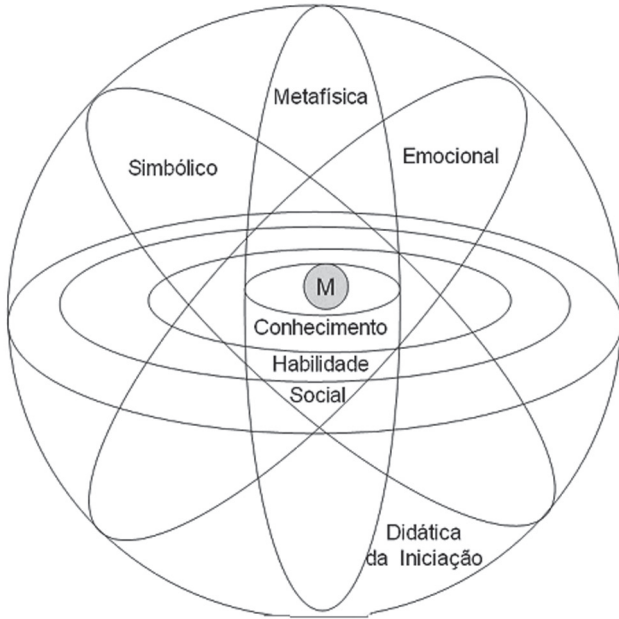
*A estimulação emocional, de caráter eminentemente vivencial, se dá por meio da prática do ritual. Os ensinamentos e rituais na AMORC têm caráter privativo, ou seja, apenas os membros podem acessá-los. Essa estratégia educacional proporciona a criação de um ambiente reservado e seguro (sem interrupções) para que o membro possa se desenvolver com maior agilidade. O ritual é um recurso para meditação, concentração e harmonização. Basicamente, o ritual faz com que o homem se integre, pelo sentimento, naquilo que está realizando. O ritual confere ao indivíduo um sentimento de associação com outros indivíduos, bem como com forças que o transcendem. O ritual, em si mesmo, não é uma chave mágica. Não constitui, por si mesmo, harmonização; porém, é um recurso motivador que ajuda o indivíduo a se aperceber de sua própria natureza interior e se tornar com ela mais familiarizado.*⁶⁰ Os rituais podem ser realizados na casa do membro, em seu *Sanctum* (santuário particular), ou nos Templos dos Organismos Afiliados. São quatro os tipos de rituais praticados pela AMORC: (1) Iniciações de Grau; (2) Convocações Ritualísticas Regulares; (3) Rituais Especiais; (4) Cerimônias Abertas ao Público. A estimulação emocional é a base para outras estimulações mais profundas.

A *estimulação social* se dá fundamentalmente pelo desenvolvimento do espírito de fraternidade no convívio em que os membros, como fratres e sorores da AMORC, desenvolvem num Organismo Afiliado na prestação do Serviço voluntário em prol do desenvolvimento da humanidade e de seu próprio desenvolvimento.

A *estimulação simbólica*, como se viu, é própria da Mente Subconsciente. O processo ritualístico desenvolvido na AMORC é altamente simbólico. A estimulação simbólica se dá pela realização do drama ritualístico, pela contemplação simbólica e mítica que acontece pautada no esoterismo ocidental veiculado pela Ordem.

Por fim, mas não menos importante, há a *estimulação metafísica*, que revela o caráter místico da organização, pois por meio de todos esses processos de estimulação a AMORC objetiva levar seus membros a vivenciarem o contato direto com a divindade e a comunhão com o Sagrado.

Con
N
rism
lógic
cam
tes c
a Psi
send
abor



sote-
:mo-
.do o
:ren-
ituar
omo
l. Ao
nto,

foi possível descrever três níveis de realidade por ele contemplados, quais sejam, os níveis Físico, Psíquico e Espiritual. Isso possibilitou a descrição de quatro áreas abordadas pela Psicologia da AMORC, sendo duas teóricas (a Psicologia Rosacruz do Desenvolvimento e a Psicologia Rosacruz da Personalidade) e duas práticas (a Psicologia Rosacruz Funcional e a Psicologia Rosacruz da Educação). Nesse conjunto, espera-se que os leitores, sobretudo os pesquisadores, encontrem o fundamento para uma compreensão abrangente da importância da Psicologia veiculada pela AMORC no desenvolvimento de um ser humano mais consciente e responsável por si mesmo.

Referências e Notas

1. Luís Claudio Figueiredo. *Revisitando as Psicologias*, 2ª ed. (São Paulo/ Petrópolis: EDUC/Vozes. 1996) p. 15.
- 2 Fernand-Lucien Mueller. *História da Psicologia da Antiguidade aos*

- Nossos Dias*. (São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968) p. XVIII.
- 3 Hilton Japiassu. *Introdução à Epistemologia da Psicologia*. 3ª ed. (Rio de Janeiro: Imago, 1982.)
- 4 Luís Claudio Figueiredo. *Revisitando as Psicologias*, 2ª ed. (São Paulo/ Petrópolis: EDUC/Vozes. 1996)
- 5 Ken Wilber, *Psicologia Integral*. (São Paulo: Cultrix, 2002) p. 15.
- 6 Abraham H. Maslow. *Introdução à Psicologia do Ser*. (Rio de Janeiro: Eldorado, 1968).
- 7 Do inglês “behavior” (comportamento) também conhecida como Psicologia Comportamental
- 8 Abraham H. Maslow (1968) Pp.cit. p. 12.
- 9 Duane P. Schultz e Sydney El Schuz. *História da Psicologia Moderna* (São Paulo: Cultrix, 2002), p.19.
- 10 AMORC, Ordem Rosacruz. *Harvey Spencer Lewis: Um Mestre da Rosacruz*. (Curitiba: AMORC, 2009), p. 15.
- 11 *Ibidem*, p.17.
- 12 Pierre A. Riffard. *O Esoterismo* (São Paulo: Mandarim, 1990), p. 9.
- 13 Do latim “imperador”, título tradicional outorgado àquele que é o líder supremo da organização no mundo.
- 14 Ordem Rosacruz, AMORC “Missão” disponível em www.amorc.org.br acessado em 30 de março de 2010
- 15 Ordem Rosacruz AMORC. *Manual Rosacruz*. (Rio de Janeiro: Rénes, s.d.) p. 252.
- 16 Harvey Spencer Lewis. *As Mansões da Alma*. (Curitiba: AMORC, 4ª ed, 1980) p. 141, 146, 147
- 17 AMORC, Ordem Rosacruz (s.d.) Op. Cit. p.230.
- 18 Basarab Nicolescu. “Um novo tipo de conhecimento- Transdisciplinaridade” In *Educação e transdisciplinaridade* (São Paulo: Triom, 2000) p. 21-22.
- 19 Do inglês “tira de bota”, semelhante a um cadarço de calçado.
- 20 *Holos*, do grego todo
- 21 Do latim *sacer*, aquilo que não pode ser tocado
- 22 Do sânscrito *Akasha*, caixa que tudo contém
- 23 AMORC, Ordem Rosacruz (s.d.) Op. Cit. p.270.
- 24 Deepak Chopra. *As Sete Leis Espirituais do Sucesso*. (São Paulo: Best-Seller, 1994). p.16.
- 25 Ary M. Arduíno. *A Era de Aquarius*. (Curitiba: GLP-AMORC, 1987) p. 41-59.
- 26 Harvey S. Lewis (1980) Op. cit. p. 92
- 27 Carl Sagan, *Cosmos*. 5.ed., (Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1984)
- 28 James Lovelock, *The Revange of Gaia Earth’s Climate Crisis and*

- the Fate of Humanity* (New York: Basic Books, 2006)
- 29 É esse tipo de ritmo que define a Era de Aquário, ou Nova Era.
- 30 Do grego *bio*, vida e *rythmos*, movimento. O biorritmo é a repetição de um ciclo biológico.
- 31 Bernard Lievegoed. *Fases da Vida*. 4. ed. (São Paulo: Antroposófica, 1997)
- 32 Harvey S. Lewis. *Autodomínio e o Destino com os Ciclos da Vida*. 8. ed. (Rio de Janeiro: Renes, 1981).
- 33 Havery S. Lewis (1980) Op.cit. p.83, 98.
- 34 Ibidem, p. 23, 24, 26, 85.
- 35 Ibidem, p.64.
- ³⁶ No âmbito da Psicologia Humanista Transpessoal, conforme formulada por Maslow, trata-se da tendência à auto-atualização e à transcendência.
- 37 Onde: E.i – Eu Interior; e E.e. – Eu Exterior
- 38 Ou Alma Universal.
- 39 Ken Wilber(2000) Op. Cit. p. 21.
- 40 Basarab Nicolescu (2005), Op.cit., 7.
- 41 AMORC, Ordem Rosacruz, *O Homem: Alfa e Ômega da Criação, Volume 2* (Curitiba: AMORC, 1984) p. 89.
- 42 Teilhard P. de Chardin. *O Fenômeno Humano*. (14,ed., São Paulo: Cultrix, 1995). Na obra, o autor afirma o avanço da consciência rumo ao ponto ômega, ou o da espiritualização da matéria, conforme foi representado na Figura 01.
- 43 Richard M. Bucke. *Consciência Cósmica*. (Curitiba:AMORC, 1996).
- 44 Leonardo Boff. *Tempo de Transcendência*. (Rio de Janeiro: Sextante. 2. ed, 2000) p. 31.
- 45 Abraham Maslow. *The Further Reaches of Human Nature*. (New York, 7th Printing. 1976) p. 269.
- 46 Harvey S. Lewis (1980) Op. Cit. - p. 55,56, 61, 63,64, 97
- 47 Harvey S. Lewis (s.d.) Op. Cit. p.237.
- 48 Joseph Murphy, *O Poder do Subconsciente*. (Rio de Janeiro: Record, 1963)
- 49 Ibidem, p. 238
- 50 Termo em inglês que significa “iluminação”, “intuição”. No caso da mente subconsciente uma forte percepção de algo é verdadeiro,

- correto. Em termos filosóficos, os lógicos denominam esse elemento como intuição, porém como a intuição para o rosacruz tem um caráter específico, optou-se pela denominação inglesa insight que é amplamente utilizada na Psicologia também.
- 51 Louis Liard, *Lógica* (São Paulo: Companhia das Letras, 1971)
- 52 Havery S. Lewis (1980) Op.cit. p.238
- 53 Na tradição da AMORC os estudantes são incentivados a manterem em seus lares um local/momento semanal dedicado ao estudo. Simbolicamente seu *Sanctum* ou *telesterion* (sala dedicada à iniciação).
- 54 Ordem Rosacruz – AMORC, *O Processo de Iniciação*. (Curitiba: AMORC, s.d.)
- 55 Ordem Rosacruz – AMORC, *O Domínio da Vida*. (Curitiba: AMORC, 2006)
- 56 Luiz Eduardo V. Berni. “A Questão das Competências e o Ensino” (Revista Momento do Professor, São Paulo, 2004; 1, primavera, 8-13)
- 57 Esse processo foi objeto de estudo de um grupo de educadores rosacruzes nos anos 1980 na Loja Rosacruz São Paulo, AMORC. A partir desse trabalho se estabeleceram as bases da Educação Rosa-Cruz Integrada que foi materializada nos anos 1990 na Escola Rosacruz Integrada com sede em Curitiba.
- 58 Ordem Rosacruz – AMORC, *Educação Rosacruz Integrada*. (Curitiba: AMORC, 1988)
- 59 A diferenciação se dá em função do número de membros
- 60 Revista “Fórum Rosacruz”, vol. III, nº 5, janeiro, 1972, p. 181.
- ⁶¹ Na figura 8 o círculo com a letra “m” no centro quer significar o membro da AMORC cercado pelas estimulações promovidas pela Metodologia Iniciática.

O processo Rosacruz de cura e sua vocação transdisciplinar

Aracy Mautari Niwa* / Moacir Fernandes de Godoy**

Introdução

Os ensinamentos Rosacruzes consideram o homem como um ser trino, composto de corpo, mente e alma. A harmonia ocorre quando o homem permite a manifestação de cada um desses elementos de um modo integral interagindo com o meio ambiente onde vive e com as manifestações cósmicas. Este estado de harmonia representa uma abordagem verdadeiramente Rosacruz de saúde, onde o corpo é um laboratório alquímico onde ocorrem de modo contínuo a transformação e a regeneração.¹

Complementando, esse organismo humano de estrutura complexa possui autoconsciência que se mostra variável de acordo com o contato que tem com diferentes sensações como a intuição, a razão, as emoções e as sensações profundas ou impressões morais.²

O objetivo deste capítulo é o de discutir os Processos de Cura pelo sistema Rosacruz – AMORC, situando-o no campo da Medicina Complementar buscando indícios de sua vocação Transdisciplinar e, conseqüentemente, da possível inter-relação com a Complexidade e a Teoria do Caos.

1. Indo além de um simples panorama da saúde

Falar de saúde é tarefa hercúlea, pois se trata de uma área onde muito conhecimento já foi produzido. O grande interesse por parte da população que avidamente busca por novas abordagens para a cura de seus males visa, na verdade, encontrar resposta aos seus anseios de longevidade e qualidade de vida. O homem contemporâneo nunca desejou tanto viver com sentimento de paz, saúde e felicidade! Diante de uma agenda diária de trabalho sufocante, o ser humano perde a sua identidade de sentido de vida, não entendendo porque vive “correndo” e estressado. Como consequência, fica dominado por pensamentos negativos, sendo este um passo para o aparecimento de ansiedade, estresse, depressão, síndrome do pânico, doenças cardiovasculares, câncer e, no extremo, até o pensamento suicida. Geralmente busca reparo no uso crescente de medicamentos e, muitas vezes, como não encontra solução satisfatória, recorre às terapias ditas complementares, alternativas ou integrativas.

Uma retrospectiva histórica nesse campo, ainda que panorâmica, nos revela que as primeiras noções contemporâneas de saúde surgiram na Antiga Grécia, onde esta se fundamentava no princípio do equilíbrio entre os humores corporais (sangue, bile amarela e bile negra), associadas aos elementos ar, água, fogo e terra e em crenças e rituais, os mais diversos, ligados a questões transcendentais e ao sobrenatural. Com a colonização portuguesa no Brasil nos séculos XVI e XVII, houve migração dos conhecimentos da medicina hipocrática que se miscigenaram com as culturas africanas e indígenas, dando origem à Medicina Popular ou Rústica que é definida como aquela empregada pelo povo com o uso de drogas, substâncias, gestos ou palavras para se conseguir saúde.³ Mas mesmo nos dias atuais, quando as pesquisas no campo da

saúde avançam respaldadas pela tecnologia, essa perspectiva metafísica ainda persiste. Santos Filho⁴ e Araújo⁵ referem-se, respectivamente, aos conceitos de curandeirismo e medicina rústica, identificando por “curandeirices” as práticas populares exercidas no passado.

O homem dito primitivo considerava a doença pessoal e coletiva como castigo ou punição de demônios ou de maus espíritos ou ainda como sinal de cólera divina em função dos seus pecados, entre outras representações.⁶

Em função de sua vulnerabilidade frente às manifestações dos deuses ou dos inimigos, buscava proteger-se e, para tanto, diversos rituais, amuletos e outros procedimentos eram acionados pelo médico-sacerdote ou pelo xamã. Algumas dessas intervenções, buscando o afastamento daqueles “demônios”, levavam até a realização de procedimentos cirúrgicos rudimentares, como sugere um crânio pré-histórico exposto no Museu Etnológico de Berlim, que apresenta um orifício de bordos regulares, o que poderia ser associado, atualmente, a uma intervenção de trepanação.⁷

Ainda nos dias de hoje se pode observar que boa parte da população de muitos países, onde a medicina convencional é bem desenvolvida, se vale de benzedeadas, videntes, astrologia ou passes espirituais na busca de cura de suas mazelas.

Pode-se argumentar que isso seria uma prerrogativa dos menos privilegiados, mas isso parece não ser verdadeiro, pois mesmo entre os mais abastados pode-se observar essa busca, mormente quando se esgotam as esperanças pela utilização de métodos convencionais.

É aqui que surge uma modalidade terapêutica que, fugindo

da Medicina Convencional, tem recebido o nome, às vezes em tom pejorativo, de Medicina Alternativa, certamente mais bem denominada de Medicina Complementar.

No Brasil, esta modalidade da Medicina foi reconhecida no dia 4 de maio de 2006, quando foi publicada no Diário Oficial da União a Portaria de número 971 do Ministério da Saúde, que dispõe sobre a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde – PNPIC SUS. Nessa portaria foram incluídas como Práticas Integrativas e Complementares (PIC) ou Medicinas Alternativas e Complementares (MAC): Acupuntura, Fitoterapia, outras técnicas da Medicina Tradicional Chinesa, Práticas Corporais/Atividade Física, Homeopatia, Termalismo/Crenoterapia (uso de águas minerais) e Medicina Antroposófica. Já a Resolução 371, editada no Diário Oficial – Imprensa Nacional – no dia 14 de junho de 2007, do Conselho Nacional de Saúde, considera que “a saúde é um direito de todos e um dever do Estado e que a assistência à saúde deve ser integral, sendo fornecidos ao indivíduo todos os recursos terapêuticos necessários para a promoção, prevenção e recuperação de sua saúde”. Instituiu a Comissão Intersetorial de Práticas Integrativas e Complementares no âmbito do SUS – CIPICSUS, com a composição multidisciplinar, tendo a participação das seguintes Organizações representativas de classes: Fisioterapeutas, Terapia Ocupacional, Odontologia, Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Psicologia, Acupuntura, Homeopatia, Farmácia, Fitoterapia, representante das Organizações indígenas da Amazônia Brasileira, Nutrição, Vigilância Sanitária, Termalismo, Enfermagem, Biomedicina, Entidades Médicas, Medicina Antroposófica, Fitomedicina e Farmácia Homeopática.

A OMS (Organização Mundial de Saúde), através do

Comitê Regional para o Pacífico Ocidental, em setembro de 2001, endossou uma Estratégia Regional para a Medicina Tradicional para 2002-2005 “a fim de guiar os governos nacionais, a OMS e outros parceiros nos esforços para garantir o uso adequado da medicina tradicional e sua contribuição para manter a saúde e combater as doenças na região”. Segundo a OMS, as práticas da MAC incluem, além das terapias com medicação, com emprego de ervas, partes de animais e/ou minerais, as ditas terapias sem medicação, como é o caso da acupuntura, das terapias manuais e espirituais.

A definição de Medicina Alternativa e Complementar, de acordo com o Centro Nacional de Medicina Complementar e Alternativa dos Estados Unidos, seria “o conjunto de diversos sistemas, práticas e produtos médicos e de atenção à saúde que não se consideram atualmente parte da Medicina Convencional”. Por sua vez, aquela medicina não-conven- cional englobaria “as intervenções que não são amplamente discutidas em escolas médicas e que geralmente não estão disponíveis nos hospitais ou que não estão em conformidade com os padrões da comunidade médica”.⁸

Como podemos diferenciar a MAC da Medicina Con- ventional?

Na visão da Medicina Convencional (MC) a doença é a condição do organismo quando perde a saúde; um distúrbio objetivo do corpo e que pode ser diagnosticado por exames adequados. Em outras palavras, a doença ocorreria na presen- ça de algum distúrbio que impedisse o funcionamento perfeito dessa máquina humana. Essa medicina convencional é uma medicina de cunho científico amparada pela Lógica Clássica e,

consequentemente, representa uma visão reducionista embora com inegáveis benefícios.

Essa abordagem foi criada por Descartes, no séc. XVII, que estudou e estabeleceu esta ideia aplicável para os seres viventes, complementando à de Galileu que mostrou que o método científico era capaz de interpretar de modo mecânico o mundo físico.

Apesar de poder ser vista com controvérsia, há uma corrente de pensamento na medicina que reconhece que a saúde dos indivíduos é determinada pela interação de fatores físicos, mentais, sociais e espirituais.⁹ Em várias nações está sendo redefinido o conceito de Saúde no sentido de incluir uma perspectiva mais integral.

Cada vez mais instituições estão chegando à conclusão de que construir uma comunidade saudável não se restringe a prover o cuidado físico individual de cada cidadão, mas sim criar deliberadamente níveis de saúde em múltiplas dimensões: física, emocional, social, ambiental, educacional, econômica, cultural, estética e espiritual.¹⁰

Vale observar que esse conceito contemporâneo de Saúde não se restringe ao disciplinar, e nem mesmo à mais recente visão multidisciplinar, mas vai além, sem criar oposições, atuando de forma integrativa, como é próprio da abordagem Transdisciplinar. No seu Manifesto da Transdisciplinaridade, Basarab Nicolescu apresenta o que chama de “as quatro flechas de um único e mesmo arco, o do conhecimento, e que são: a disciplinaridade, a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade”.¹¹

A necessidade indispensável de laços entre as inúmeras disciplinas traduziu-se pelo surgimento da multidisciplinaridade

e da interdisciplinaridade, mas faltavam a elas ainda os meios que permitissem apreender simultaneamente os diferentes níveis da Realidade.

Vivemos simultaneamente no mundo da Realidade Clássica, evidenciada por Galileu, Descartes e Newton entre tantos outros, mas vivemos também no Mundo da Realidade Quântica de Planck, Einstein e Heisenberg.

No mundo da realidade clássica há uma separação total entre o Indivíduo Conhecedor e a realidade que é tida como completamente independente do indivíduo que a observa. Ali, a simplicidade e o isomorfismo das leis levam necessariamente ao conceito de continuidade, causalidade local e determinismo.

No mundo quântico, a energia passa a ter estrutura descontínua, o que caracteriza um novo Nível de Realidade que, curiosa e paradoxalmente, apesar de descontínuo, mantém uma não-separabilidade, ou seja, as entidades quânticas continuam a interagir qualquer que seja o seu afastamento, levando agora aos conceitos de causalidade global e indeterminismo.

Nossa interpretação pessoal sobre o indeterminismo é de que não corresponde à falta de determinismo, mas sim à baixa previsibilidade, apesar da existência de um determinismo implícito, por oposição ao determinismo da realidade clássica ao qual chamaríamos de determinismo explícito.

Parece-nos intuitivo que numa realidade na qual exista descontinuidade, mas onde, ao mesmo tempo, esteja presente a não-separabilidade, essa realidade só possa manter-se em

decorrência de interações múltiplas que justamente sirvam para sustentar sua coesão.

Fica claro então que isso só possa acontecer não de forma simples e isomórfica como na realidade clássica, mas sim de forma complexa. Abre-se então o campo da Complexidade, o qual, se atentarmos bem, é predominante em nosso sistema planetário. É relevante ainda acrescentar que a Complexidade se rege por um sistema de leis caracteristicamente não-lineares convencionalmente abordadas pela Teoria do Caos.

A Complexidade, juntamente com o Princípio do Terceiro Incluído e os Níveis de Realidade são, de acordo com Nicolescu, os três pilares da Transdisciplinaridade, e com isso ficam fornecidos os elementos que permitirão discutir o relacionamento dos conhecimentos e práticas rosacruz de cura com a Transdisciplinaridade e, por extensão, com a Complexidade e a Teoria do Caos.

2. O Campo da Saúde Complementar

Antes de discutirmos a Medicina Complementar, parece importante destacar que é justo que a Medicina Convencional tenha uma posição importante e reconhecida, pois o valor das pesquisas científicas é inegável em função de sua tecnologia diagnóstica e terapêutica altamente avançada.

À guisa de esclarecimento, não é propósito deste artigo desacreditar a alopatia, mas apenas sugerir a possibilidade de sua complementação. Apesar de ser uma medicina reducionista, e talvez justamente por isso, ela é coerente e esse é o seu ponto forte.¹²

A partir da segunda metade do século XX, iniciou-se um novo movimento na tentativa de quebrar o clássico paradigma

de entendimento do binômio saúde/doença. Coincidiu com o movimento social urbano conhecido como contracultura, dos anos 60 até 70, nos Estados Unidos e Europa, ocorrendo importação de modelos e sistemas terapêuticos em saúde e cura em contraposição ao modelo da medicina racional e mecanicista, comumente conhecida como Medicina Convencional.

Provavelmente isto aconteceu em atendimento ao movimento de rejeição cultural ao modelo cartesiano. Houve o recrudescimento de antigos sistemas médicos como a fitoterapia, a medicina tradicional chinesa, a ayurvédica e até a chamada medicina popular. Observou-se também o mesmo movimento no Brasil e em outros países latino-americanos com o reaquecimento de religiões afro-indígenas como a umbanda e o candomblé. Ocorreu também nos centros urbanos um aumento frenético de farmácias, lojas de produtos naturais e as tradicionais barracas de “erveiros”. Paralelamente, aumentou a procura por terapeutas da chamada Medicina Alternativa e Complementar pela população tanto carente como da classe média.¹³

Esta alta demanda virou “moda” até para as faixas populacionais jovens com formação universitária e para a camada mais liberal e culta, criando-se a onda do naturismo. Interessante observar que, apesar da oposição da classe corporativa médica ao desenvolvimento da Medicina Alternativa e Complementar, sempre houve certa parcela da própria classe médica querendo acrescentar aos seus trabalhos as práticas da medicina não convencional, e os próprios pacientes que se tratavam pela alopatia concomitantemente procuravam os terapeutas para serem cuidados, à revelia do seu médico.

Em trabalho realizado com 100 pacientes adultos, portadores de neoplasias malignas, atendidos no Hospital Mario Kroeff, na cidade do Rio de Janeiro, durante o ano 2008, 65%

dos pacientes revelaram fazer uso de MAC conjuntamente com o tratamento convencional sem o conhecimento da equipe médica. Ervas medicinais (40%) e suplementos vitamínicos (17%) foram os tipos de MAC mais empregados por esta amostra.¹⁴

No Reino Unido, cerca de 50.000 profissionais praticam alguma forma de MAC, sendo que em torno de cinco milhões de pessoas procuram anualmente este tipo de atendimento.¹⁵

Dando continuidade, faremos a apresentação de algumas abordagens que se situam no campo das técnicas complementares mais populares procuradas nos centros urbanos. São elas: Medicina Tradicional Chinesa (MTC), Acupuntura, Medicina Ayurveda, Homeopatia, Reiki, Práticas Espirituais de Cura e Toque Terapêutico.

a. Medicina Tradicional Chinesa

A Medicina Tradicional Chinesa reconhece o fato de que determinados estados emocionais estão relacionados com alguns distúrbios orgânicos. Os órgãos físicos recebem a sua nutrição através da circulação sanguínea, considerada como um conjunto de correntes energéticas que transitam sem parar nos meridianos, interligando as áreas físicas com os campos psíquicos e emocionais.¹⁶ Esse padrão de fluxo de energia que percorre o nosso corpo é conhecido como *chi*. Com base na suposta alteração do *chi*, os estudiosos dessa modalidade de medicina explicam a origem de muitas doenças. Seriam os desgastes e desequilíbrios que ocorrem nos canais energéticos que transparecem nas variações dos estados emocionais e comportamentais. Em virtude desse conhecimento entende-se por que Saúde nem sempre significa ausência de transtorno físico e por que o doente pode

sentir-se mal sem seus exames laboratoriais constatarem anormalidade alguma.¹⁷

De acordo com a MTC, busca-se um estado de espírito onde exista a harmonia das funções corporais, mentais, espirituais e psíquicas, levando a um sentimento de paz com o mundo e consigo próprio. Utilizando-se os próprios termos da MTC, almeja-se a condição que resulta do equilíbrio dinâmico entre as forças Yin e Yang (positiva-negativa) que movimentam o nosso ser. Um dos componentes mais conhecidos da Medicina Tradicional Chinesa é sem dúvida alguma a Acupuntura. É considerado um tratamento complementar, segundo a nova terminologia da OMS (Organização Mundial de Saúde), consistindo na aplicação de agulhas nos chamados “pontos de acupuntura” ou “Acupontos”, os quais também podem ser estimulados pelos dedos (acupressão), ventosas, pelo aquecimento provocado pelo moxa (um bastão de Artemísia em brasa) e finalmente estimulação por laser.

Além do uso destas agulhas, podem-se empregar ervas especiais para auxiliar na correção dos desequilíbrios.¹⁸

No Brasil, a terapêutica pela Acupuntura foi introduzida na tabela do Sistema de Informação Ambulatorial – SIA/SUS em 1999, através da Portaria n° 1230/GM (Brasil, 1999), e sua prática reforçada pela Portaria 971, publicada pelo Ministério da Saúde em 2006, que aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde.

A acupuntura pode ter ação segmentar, ação supra-segmentar e ação central. A ação é denominada segmentar quando as agulhas atingem pontos que desencadeiam um conjunto de mecanismos fisiológicos que ocorrem do local

do estímulo até a medula espinhal. A ação é denominada supra-segmentar quando o estímulo progride do trato espinotalâmico até o córtex cerebral, desencadeando reações em diversos níveis da medula espinhal, com liberação de beta-endorfina e afetando vias neurológicas descendentes, reforçando o efeito analgésico e o sentimento de bem estar ao liberar o neurotransmissor serotonina. Esse efeito é buscado para o tratamento de dor, depressão e estados de ansiedade. A ação central da acupuntura atinge áreas mais elevadas do encéfalo, como o Hipotálamo e a Hipófise, promovendo um equilíbrio no funcionamento destes órgãos, o que irá refletir no funcionamento de glândulas como as suprarrenais, tireóide, ovários e testículos. Esse efeito se aplica no tratamento da hipertensão arterial, da dismenoréia, da tensão pré-menstrual e de outras patologias.

b. Medicina Ayurveda

A Ayurveda é considerada a medicina clássica da Índia¹⁹, e tem como significado a ciência da vida (*ayu* significa vida e *veda*, conhecimento). Foi muito difundida no Ocidente graças às obras do médico endocrinologista Deepak Chopra, trazendo o conhecimento de conceitos como os doshas (vata, pitta e kapha), que representariam os desequilíbrios de todos os movimentos e estruturas do nosso corpo, os quais apresentamos com maior ou menor intensidade. Para estar doente é necessário que os padrões de doshas levem a um desvio dos níveis básicos individuais. Para reequilibrar, e retornar à saúde, utilizam-se ervas, alimentação personalizada, massagens, cores, sons, pedras e aromas. Para o Ayurveda teríamos, além do corpo físico, os movimentos de um corpo vital, mental e supra-mental. Considera as células, os tecidos e os órgãos que formam o corpo físico

como representações das matrizes do corpo vital (campos morfogenéticos não físicos). Os doshas ajudariam o ser humano a trabalhar o seu potencial interior mantendo sua harmonia emocional, espiritual e psicológica por meio de práticas diárias, realizadas com disciplina e responsabilidade.²⁰ A título de ilustração citamos que Gasperi, Raduns e Ghiorzi²¹, de Santa Catarina, publicaram na revista *Ciência & Saúde Coletiva* um trabalho propondo a implementação de consultas de enfermagem com o auxílio da compreensão ayurvédica sobre alimentação e nutrição, na realidade das Unidades Básicas de Saúde, como uma forma de cuidar de pessoas portadoras de diabetes mellitus (DM) e hipertensão arterial sistêmica (HAS). Justifica esta publicação a importância de se levar informações, conhecimentos e práticas mais completas para que os enfermos possam ter opções de escolhas de cuidado para si, para os outros e para com a natureza onde vivemos e nos integramos, enfatizando a necessidade de cada um estar comprometido com a evolução do mundo e a integração com o todo.

c. Homeopatia

A Homeopatia é reconhecida no Brasil como especialidade médica desde 1980, mas sua presença na grade curricular dos cursos de Medicina ainda é rara, dificultando assim o conhecimento dessa área entre os profissionais médicos. Fundada por Samuel Hahnemann, em 1796, consiste na terapêutica médica visando curar os doentes com medicamentos preparados em diluições infinitesimais e capazes de produzir em pessoas sadias sintomas semelhantes aos encontrados nos indivíduos doentes com estes mesmos sintomas (Princípio da semelhança). Assim, a homeopatia se fundamenta em três princípios básicos: princípio da

semelhança, experimentação no homem sadio e ação de diluições infinitesimais. Pelo segundo princípio, os medicamentos somente curam porque são capazes de tornar o homem doente, e somente têm capacidade de curar as doenças cujos sintomas são semelhantes aos que eles mesmos podem provocar em um organismo aparentemente são. Os medicamentos podem ser de origem animal, vegetal ou mineral.

A ação dos medicamentos homeopáticos em suas diluições infinitesimais, onde teoricamente não deve existir matéria (molécula) do medicamento, se dá por ação física e não química como nos medicamentos alopáticos. A abordagem homeopática tenta compreender a pessoa doente dentro do contexto de suas reações frente às adversidades do meio em que vive.²²

A Homeopatia é considerada uma medicina humanizada, onde o doente é examinado na sua totalidade e suas queixas individualizadas para se avaliar a instabilidade orgânica e assim estimular as forças curativas inerentes do organismo promovendo a saúde física, mental e espiritual. “No estado de saúde do indivíduo reina, de modo absoluto, a força vital, de tipo não material, que anima o corpo material (organismo), mantendo todas as suas partes em processo vital admiravelmente harmônico nas suas sensações e funções, de maneira que nosso espírito racional, que nele habita, possa servir-se livremente desse instrumento vivo e sadio para um mais elevado objetivo de nossa existência”.²³

d. Reiki

O Reiki se originou no Japão no início do século XX com o Dr. Mikao Usui, e foi introduzido nos Estados Unidos da

América por volta de 1940 pela Sra. Hawayo Takata, uma americana de origem japonesa. Consiste em uma terapia de toque presencial ou à distância, com as mãos, para promover a cura ou fortalecer as defesas do organismo. A fonte de tal energia que flui pelo corpo do praticante e do receptor tem origem divina, podendo ser complementada por uma terapia holística natural. É muito utilizado para fins de relaxamento, alívio do estresse, depressão, dores, cicatrização de feridas, para a resolução de verrugas, etc.²⁴ Gallob²⁵, em 2003, propõe a aplicação de REIKI como uma terapia de suporte nos serviços de enfermagem, trazendo benefícios na manutenção da saúde. Em termos de pesquisa, podemos citar no Brasil o trabalho de Garé²⁶, que realizou estudo dos efeitos da influência do Reiki na evolução do granuloma induzido experimentalmente pela inoculação do BCG no coxim plantar de hamsters, assim como os efeitos da mesma terapia em camundongos portadores do tumor ascítico de Ehrlich *in vivo* e *in vitro*. Como resultado da experimentação observou-se diminuição do edema de pata nos hamsters inoculados com BCG e tratados com Reiki e maior taxa de sobrevivência nos camundongos com tumor ascítico pertencentes ao grupo Reiki. Os estudos nessa área se reservam quase sempre a estudos com pequenas amostras. Fazzino²⁷ e colaboradores, em 2010, fazem recomendações para que as futuras pesquisas incluam estudos com amostras maiores e mais diversificadas para que os resultados obtidos possam ser generalizados para a população em geral.

e. Práticas espirituais de cura

As práticas espirituais de cura consistem em técnicas ou rituais (oração, ritual xamânico, passes espíritas, benzedu-

ras, toques terapêuticos, etc.) pelas quais se invoca o poder “superior” do Espírito, sendo que o agente de cura irá atuar como canalizador dessa energia espiritual para o enfermo. Muitos estudos já demonstraram a importante relação entre a religiosidade e espiritualidade na melhora clínica dos pacientes portadores de dores, conclamando a necessidade cada vez maior de se dar atenção a esse aspecto.²⁸

Assim, o conceito de saúde tem se ampliado de forma mais complexa, acrescentando a dimensão espiritualidade como um dos tópicos importantes pois, numa situação de doença, essa nova dimensão atua como um recurso interno para maior entendimento e aceitação, ajudando inclusive na recuperação. Com a chamada crise da saúde, onde a medicina alopática precisa conviver com a medicina alternativa e complementar, nos deparamos com a preocupação da classe médica, principalmente psiquiatras e terapeutas, de serem também médicos da alma. A importância dos cuidados espirituais durante o tratamento psiquiátrico é tão valorizada que Koenig²⁹ afirma que o século XXI irá reaproximar e unir, em modo de parceria e colaboração, a Psiquiatria com a Religião. Como resposta, os movimentos das comunidades públicas de saúde tendem a conviver em harmonia com os grupos religiosos e espiritualistas montando estratégias holísticas, conscientes da finalidade maior de sua missão que é promover a saúde da comunidade num campo mais pluralístico, democrático e complexo.³⁰

O Instituto *Mind/Body Medical* da Universidade de Harvard se tornou muito conhecido por apresentar pesquisas relacionadas entre saúde e estresse. Herbert Benson, autor de mais de 170 artigos e 10 livros, presidente fundador daquele famoso Instituto, enfatiza a importância do relaxamento para neutralizar os efeitos danosos do estresse e

destaca as relações entre espiritualidade e cura.³¹ William Harris³², do *Saint Luke's Hospital*, cidade de Kansas, conduziu uma pesquisa onde mostra evidência científica dos efeitos de preces intercessoras na evolução clínica de pacientes da unidade de cuidados coronarianos. John Astin, do *Stanford University Center for Research in Disease Prevention*, conduziu uma revisão sistemática de cura à distância para todo tipo de tratamento médico. Em 57% dos ensaios clínicos, os resultados foram positivos.³³

f. Toque Terapêutico

Segundo Martha Rogers, o ser humano está integrado no todo e o todo está integrado no ser humano, mas cada ser humano tem um padrão próprio, individual.³⁴ O Toque Terapêutico (TT) é uma técnica de terapia complementar, sem conotação religiosa e que tem como finalidade reparar e reorganizar o campo energético humano. É considerado não invasivo e de custo/benefício compensador, promovendo um estado de relaxamento, reduzindo a ansiedade e controlando a dor, além de outros efeitos.³⁵ Tem origem na prática milenar da imposição de mãos e promove um estado de harmonização do campo energético humano (CEH), restabelecendo assim a saúde do enfermo. Foi desenvolvido e sistematizado pela enfermeira Dolores Krieger, em 1972, na Universidade de Nova York.³⁶ O TT foi reconhecido como uma prática complementar de Enfermagem pela *North American Nursing Diagnosis Association*, podendo ser empregado rotineiramente na assistência aos pacientes.³⁷ Infelizmente, no Brasil, por falta de profissionais treinados, tem sido pouco utilizado nos hospitais. O Conselho Federal de Enfermagem, na Resolução COFEN – 197, de 19 de março de 1997, estabelece e reconhece as Terapias Alternativas

como especialidade e/ou qualificação do profissional de enfermagem (CFE, BR). Apesar do interesse manifestado pela área de Enfermagem e por outras atividades correlatas, esta terapia complementar em nenhum momento irá substituir o tratamento convencional, podendo ser trabalhado de modo paralelo com outras terapias. Este método reforça a qualidade dos trabalhos de enfermagem e resgatam o conceito de assistência mais integral, complexa e humanista, pois a aplicação do TT pelo método Krieger-Kunz pode colaborar no sentido de oferecer maior qualidade de vida, sendo de baixo custo e sem o uso de tecnologia sofisticada, podendo, pois, ter um futuro promissor na área da saúde.

Gomes e colaboradores realizaram pesquisa mostrando o gradual efeito do TT na redução da ansiedade em 42 estudantes universitários da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP, divididos em dois grupos, Experimental e Controle. A medida da ansiedade foi feita de acordo com o Inventário de Ansiedade Traço-Estado, IDATE, já validado no Brasil.³⁸ Outros autores também encontraram resultados favoráveis no grupo que recebeu o toque terapêutico, com tendência a maior redução do nível de ansiedade em relação ao grupo controle. Outro estudo relacionado com a técnica do TT foi realizado, no qual são apresentados os resultados clínicos positivos da aplicação do TT na frequência de uma sessão a cada 36 horas em um paciente internado com politraumatismo. Os dados coletados apontaram para diminuição da dor referida conforme uma escala específica, melhora nos padrões de pressão arterial e da qualidade de sono e do repouso.³⁹ Com esses resultados, entre outros similares da literatura, o TT se torna um instrumento que o enfermeiro pode utilizar no planejamento e implementação da assistência aos pa-

cientes, melhorando sua qualidade de vida frente à doença.

Como vemos, a expansão do movimento da Medicina Alternativa e Complementar está se tornando evidente, abrindo novos horizontes e implicando na aceitação de novos paradigmas no conceito binômio saúde-doença. Procuraremos nos próximos tópicos fazer a ligação entre esses novos paradigmas, o conhecimento e a filosofia Rosacruz e, como terceiro vértice, a Complexidade e a Transdisciplinaridade.

3. A Saúde e o processo de cura na AMORC

O misticismo Rosacruz comporta uma filosofia eminentemente prática quando se refere à saúde, com diretrizes focadas objetivamente na Consciência. Sem saúde, tornar-se-ia impossível desenvolver e ampliar a consciência por meio dos estudos regulares dos ensinamentos da Ordem.⁴⁰

Além disso, segundo o pensamento Rosacruz, o Homem é um ser dual em natureza (corpo físico e corpo psíquico) e trino em manifestação, constituído por Corpo Físico (Energia Espírito), Mente (Eu Psíquico) e Alma (Personalidade Alma).⁴¹

O corpo físico atua como um invólucro, um veículo, que permite ao nosso ser total acumular todas as experiências vivenciadas ao longo da existência, dando oportunidade de evolução à Personalidade Alma. O corpo psíquico é o conjunto dos níveis de consciência superiores, mais sensíveis, que se manifestam no âmago do Homem, sendo dirigido pelo Sistema Nervoso Autônomo. É essa consciência ou inteligência que explica as ações involuntárias do corpo. O corpo psíquico é uma espécie de campo de consciência, e o chamado “cordão de prata” é o elo entre aqueles dois componentes, o físico e

o psíquico, que devem sempre funcionar cooperativamente para que se mantenha a estabilidade.⁴²

Segundo o Manual Rosacruz, existe uma única Alma no universo, chamada Alma Universal (ou Absoluta), que está presente no âmago de todo ser vivente, e isto constitui o que se denomina a Alma do homem. Esta nunca deixa de ser parte integrante da Alma Universal, e significa a presença de Deus no homem. A personalidade-alma (ou personalidade anímica) é o Eu interior e este é uma expressão da Alma no interior do corpo do homem. A Alma esforça-se por manifestar sua natureza divina e suas qualidades cósmicas através da consciência objetiva do homem. A personalidade-alma, portanto, é a manifestação objetiva da reação individual à parte integrante da Alma Universal. Quanto mais o homem eleva sua consciência objetiva e se torna mais sensível aos influxos da Alma, mais sua conduta e seus pensamentos passam a corresponder à natureza espiritual da Alma. A Alma é a essência perfeita no homem, pois é parte integrante da Essência Anímica Universal que flui igualmente por todos os homens.⁴³ É a personalidade, portanto, que o homem deve gradualmente fazer evoluir. Assim a Saúde, do ponto de vista Rosacruz, seria o reflexo da harmonia e estabilidade de expressão desses três aspectos considerados: o corpo físico, a mente e a alma.⁴⁴ Outro aspecto da doença conhecido pelos rosacruzes, mas ainda não aceito pela maioria dos círculos médicos, é o de que a doença “é uma manifestação exterior de algo que está errado no interior”. Em outras palavras, muito antes que a doença se manifeste no Eu físico (Eu Exterior), já ocorreram mudanças vibratórias no Eu psíquico (Eu Interior). As manifestações externas da doença dependem dessas modificações vibratórias. O Eu psíquico, portanto, quando sofre um desarranjo torna-se o

gatilho para o desencadeamento de processos que levarão à doença. Nos casos de câncer, por exemplo, a lesão cancerosa ou tumor maligno seria a consequência final da desarmonia que levou a modificações vibratórias, as quais, ao persistirem por um determinado tempo, esgotaram as reservas defensivas do organismo, culminando na degeneração ou decadência do Eu físico ou objetivo. Este estado é considerado pelos rosacruzes como sendo de uma situação involutiva, devida à falta de uma força de coesão, a Força Vital, o que, de acordo com o pensamento dos cientistas da medicina convencional, poderia corresponder a um estado de “perda de controle da reprodução celular”.⁴⁵ Sabe-se que um dos maiores causadores de doença é o Estresse, que pode decorrer tanto de processos físicos e químicos (condições climáticas e ambientais, germes patogênicos, má alimentação, fatores hereditários etc.) como de emoções negativas advindas de contrariedades do dia a dia ou de situações de conflitos com os familiares ou com outros indivíduos do relacionamento cotidiano.

É importante enfatizar que uma vez quebrada a harmonia, o organismo pode se comportar de acordo com duas direções, criando mecanismos de defesa, reagindo e retornando à estabilidade ou, por esgotamento daqueles mecanismos, ceder aos componentes estressores, tornando-se doente.

Infelizmente, por uma lei física, até o momento inquestionável, do nosso Universo, a tendência é de que a Entropia (energia que não mais consegue produzir trabalho) sempre aumente e o nosso organismo, mesmo sendo um sistema aberto com possibilidade de trocas com o ambiente e reposição de perdas, também sofre a ação desse processo entrópico.

Mesmo sabendo que o processo entrópico sempre acaba vencendo e que, portanto, cedo ou tarde teremos encerrada nossa missão aqui na Terra, é nosso dever tentar manter a Harmonia o mais constante e duradoura possível e, para isso, tanto as regras de conduta das medicinas convencional e complementar quanto as técnicas e métodos rosacruz de cura podem nos fornecer grande auxílio.

Atualmente a mídia e a medicina contemporânea, focando na prevenção de enfermidades da vida moderna, divulgam com frequência a necessidade de se consumir alimento o mais natural possível, como hortaliças e frutas frescas sem agrotóxicos; os chamados orgânicos. Aliás, agora é a moda do consumo dos alimentos orgânicos, ecológicos, do consumo consciente de vitaminas, minerais e proteínas que o nosso organismo necessita para viver, criando aquela situação de harmonia e bem estar. Outro item importante e que merece atenção especial é a necessidade da ingestão de água em quantidades adequadas. A água, um dos maiores componentes do corpo humano, é necessária para o bom funcionamento de todo o nosso organismo, ajudando na eliminação das toxinas pelos rins e por outros órgãos excretores como a pele e o intestino.

Um fato muito importante destacado por Lewis (1988) é que a natureza química dos alimentos, além de seu efeito sobre o corpo físico, interfere na personalidade e nas emoções dos seres humanos. Infelizmente, esse assunto é muito pouco conhecido e transmitido no meio científico, ficando mais restrito como ensinamento privativo nas Escolas de mistério, sendo apenas valorizadas as propriedades químicas dos alimentos e seus efeitos físico-químicos no organismo humano.

Outro aspecto relevante é que o ser humano vive imerso em um grande “oceano de ar” que fornece ao homem o oxigênio e outros elementos gasosos, como nitrogênio, gás carbônico e argônio, e este ar contém a Força Vital que dá a “centelha” de vida que nos diferencia daqueles corpos de natureza meramente química.⁴⁶ Essa essência cósmica, que segundo os místicos deve existir, preenchendo a atmosfera que respiramos e chamada Força Vital, ainda não foi reconhecida pela ciência. A cada inalação, o oxigênio e a essência cósmica do ar penetram nos pulmões e, por meio da circulação sanguínea, são transportados para as células. Nesse momento, o oxigênio é fixado de imediato pelas funções psíquicas do núcleo. Assim, a respiração tem duas funções: alimenta o corpo físico com o oxigênio, dando-lhe energia necessária para as suas atividades rotineiras e, em segundo lugar, leva ao corpo psíquico o dinamismo necessário para o funcionamento do mesmo. A essência cósmica que impregna toda a atmosfera terrestre é uma energia de natureza vibratória, proveniente do Sol. Concebe-se então a vida como um fenômeno de origem cósmica e não terrestre. O corpo físico, como já sabemos, é suprido por alimentos que mantêm o funcionamento fisiológico, mas o corpo psíquico está infuso pelas vibrações espirituais da Alma Universal e, se não for alimentado continuamente pela essência cósmica que se irradia do sol, não terá energia suficiente para as atividades imateriais, ocorrendo uma parada das funções orgânicas que levará à morte esse organismo.

Os centros psíquicos que estão distribuídos no nosso corpo têm a função de captar e armazenar esta essência cósmica e sabe-se que a pineal, ligada à consciência da alma, é a glândula que mais assimila e armazena esta energia (cf. Monografia Rosacruz).

Assim, os rosacruzes reconhecem que a vida é uma mani-

festação terrestre da Força Vital que se apresenta no ser humano com polaridades negativa e positiva. A primeira corresponde à energia proveniente dos alimentos e líquidos ingeridos e a segunda proveniente do ar que respiramos. A energia de polaridade negativa é dita material, e tem origem na Terra; portanto, é uma energia terrestre.⁴⁷ Do ponto de vista rosacruz, a polaridade positiva da Força Vital é ao mesmo tempo física e metafísica.

De nada adiantaria a disponibilidade de alimentos de excelente qualidade, água em quantidade e ar puro se não houvesse mecanismos de manuseio e aproveitamento daqueles elementos. Existem no organismo dois Sistemas Nervosos: o Sistema Nervoso Central ou Espinal e o Sistema Nervoso Periférico ou Autônomo, este com suas divisões: simpática e parassimpática.

De acordo com a visão Rosacruz, temos que o corpo físico é comandado pelo SNC (Sistema Nervoso Central) e o psíquico pelo SNA (Sistema Nervoso Autônomo). O SNC é responsável pelas sensações da consciência objetiva, que repousa nos cinco sentidos e é responsável também por todas as atividades físicas como andar, falar, dirigir etc. Já o SNA controla as atividades involuntárias como respiração, digestão e toda a dinâmica cardiocirculatória, atividades essas que são vitais para o funcionamento do organismo e que também são fundamentais no processo de integração do funcionamento orgânico. Tanto isso é fato que esse sistema involuntário designa o que os rosacruzes chamam de “sistema nervoso psíquico”.⁴⁸ Para que desfrutemos de saúde é preciso que haja um balanço perfeito entre as funções do corpo físico e aquelas do corpo psíquico, devendo coexistir uma dinâmica integrativa entre ambas. E complementando esse mecanismo, na condição de saúde completa, os rosacruzes afirmam que as polaridades

positiva e negativa de todas as células do corpo devem estar funcionando em perfeito acordo ou estabilidade, produzindo a condição chamada de *harmonium* ou harmonia. Esta condição assegura ao indivíduo a harmonia com as forças físicas do universo e estabelece aquela situação almejada por todos os seres humanos: o estado de saúde total.

Charles V. Parucker, então Grande Mestre da AMORC, afirmou na abertura do Curso Rosacruz de Saúde de Ribeirão Preto, em 1984, e no 1º Congresso Maçônico do Rio de Janeiro, em abril de 1984, que “quando o funcionamento psíquico do homem é harmonioso, unindo-o ao Cósmico e havendo manifestação apropriada de vibrações na parte psíquica do corpo humano, não pode haver doença na parte física. As vibrações e o funcionamento da parte psíquica do homem tratariam e curariam, instantaneamente, qualquer condição anormal na parte física. Mas, se a parte psíquica, com seu funcionamento por meio do SNA, tornar-se instável, desarmônica, isto provocará certas condições anormais no corpo físico, que se manifestarão no exterior como doença. Por isso, a cura verdadeira de qualquer condição persistente ou difícil de debelar deve começar pelo restabelecimento das condições vibratórias adequadas na parte psíquica da pessoa. É tolice tratar as doenças dos músculos, sangue, ossos, e nervos, com remédios ou cirurgia, se a parte psíquica do indivíduo continua instável e fora de harmonia”.⁴⁹

De forma mais ou menos similar, embora reducionista e, portanto, mais de acordo com os conceitos da medicina Convencional, Haywood diz que o corpo humano pode ser comparado a uma máquina complexa, formada por milhões de células diferenciadas em vários órgãos, que desempenham funções diferentes e, apesar disso, trabalham em conjunto de

modo harmonioso para que haja um perfeito funcionamento, o que representaria o estado de saúde.⁵⁰ A doença surgiria em decorrência do dano de alguma peça dessa máquina complexa, impedindo o exercício normal de sua função. Obviamente, não havendo intervenção no sentido de correção dessa alteração, o processo seria progressivo, repercutindo em toda a máquina até a parada total, no caso, a morte.

O esquema abaixo (Figura 1) serve de ilustração e resumo dos aspectos fundamentais do que foi comentado.

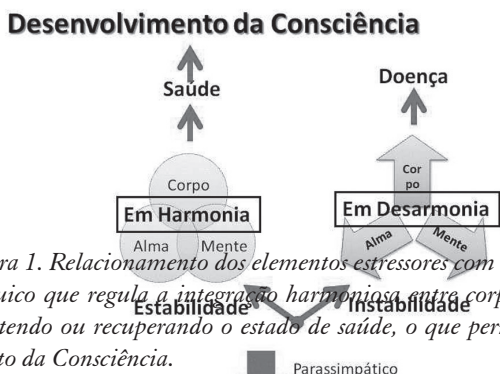


Figura 1. Relacionamento dos elementos estressores com o Sistema Nervoso Psíquico que regula a integração harmoniosa entre corpo, Alma e mente, mantendo ou recuperando o estado de saúde, o que permite o desenvolvimento da Consciência.

Quando se trata do movimento de cura rosacruz, é preciso destacar os papéis da Auto-cura, da cura pelo contato e da cura à distância, que fazem parte do cabedal terapêutico da Ordem Rosacruz, AMORC. As razões para isso podemos encontrar primeiramente no legado sagrado que a Ordem afirma ter recebido das Escolas de Mistério do passado, e esse legado tem sido objeto

de estudo e pesquisa pela URCI (Universidade Rose-Croix Internacional) sobretudo na Jurisdição de Língua Inglesa para as Américas. A AMORC não reconhece em sua prática terapêutica qualquer relação com os procedimentos de magia e ocultismo, mas sim com as leis naturais do Universo. Portanto, do ponto de vista rosacruz, tratar os doentes com o auxílio de vibrações espirituais é uma ciência, na qual se utiliza todo o potencial dessas vibrações de cura. O mundo espiritual fornece esta energia, como fonte, que passa pelo corpo do terapeuta e se dirige ao corpo espiritual do paciente, de onde passa em seguida para o seu corpo físico (cf. Monografia Rosacruz). Nos últimos anos a AMORC, por meio de seu Conselho Internacional de Pesquisa, tem se esforçado para publicar trabalhos com enfoque acadêmico em sua revista científica “The Rose-Croix Journal” (ISSN: 1553-9156) disponível pela Internet no endereço eletrônico www.rosecroixjournal.org e nos sites da AMORC França e AMORC Hispana .

O sistema rosacruz de cura baseia-se no fato de que o Sistema Nervoso Autônomo distribui a todas as partes do corpo uma energia intangível, que vitaliza os órgãos e as células. Quanto à cura por contato, o sistema rosacruz considera como uma técnica por meio da qual certos dedos são colocados nas costas do paciente, junto à coluna vertebral. É conhecida como “sistema de tratamento Rosacruz por contato”, isto porque a pessoa que está ministrando o tratamento precisa estar em real contato físico com o paciente. Na cura por tratamento à distância, seja de alguns metros a quilômetros, o aplicador se torna o canalizador de forças metafísicas que podem ser dirigidas ao enfermo para restabelecer o estado de *harmonium*, sem ter o contato imediato com o indivíduo doente.⁵¹ No processo de cura, parece existir uma força eletromagnética

multidimensional cosmicamente induzida que infunde toda a natureza e dirige o processo de diferenciação resultando na recuperação da área doente conforme se encontra no livro “O Homem: Alfa e Ômega da Criação”, volume três.⁵²

Dando continuidade às observações contidas naquele livro, o organismo dual do homem está equipado com um mecanismo de “autoconserto”, baseado num esquema cósmico. Ainda não está claro para o nosso entendimento como o Cósmico nos dotou dos potenciais humanos que nos permitem ter poderes de cura e de auto-evolução, mas independentemente desse entendimento sabe-se que é possível se conseguir a cura ou reintegração do princípio vital do homem. É evidente que nem sempre é possível a cura total, alcançando-se apenas o estágio da chamada transcendência imperfeita ou incompleta.

O Sistema de Cura Rosacruz por contato é explicado de maneira detalhada nas monografias do Sexto Grau da Ordem Rosacruz, AMORC, onde é mostrada a técnica, a fisiologia e a anatomia do corpo humano nos moldes da Medicina Clássica e acrescida da condução místico-filosófica. Mostra também a relação existente entre os vários nervos do Sistema Nervoso Autônomo e as cores, os sons musicais e a energia nervosa, sugerindo, por exemplo, que certas notas musicais (sons vocálicos), quando entoadas, irão estimular determinadas ligações do SNA, fortalecendo a energia vibratória que será conduzida através dessas vias nervosas. O mesmo fenômeno acontece com as cores. Apesar de faltar ainda suporte científico, os rosacruzes tentam sugerir que até mesmo a mente, ou ondas de pensamentos quando empregadas com a técnica de concentração, entoação de sons vocálicos, visualização, criação mental e estado meditativo rosacruz, consegue atingir as ligações sim-

páticas e auxiliar na cura ou correção das anormalidades.⁵³

Segundo os ensinamentos rosacruz, o tratamento de cura à distância, para ter maior probabilidade de sucesso, deve seguir algumas diretrizes importantes que serão citadas a seguir. A solicitação de ajuda deve partir do próprio paciente, situação que favorece de modo automático uma harmonia psíquica e espiritual, permitindo o acesso da energia canalizadora. O solicitante deve estar consciente que o estudante rosacruz irá lhe aplicar um auxílio metafísico, e que este tratamento está fundamentado em leis científicas e não baseado exclusivamente em orações. É proposto dar um esclarecimento ao paciente, por meio de uma visita ou contato telefônico, oportunidade na qual será explicada a necessidade de dar continuidade ao tratamento médico e que este auxílio metafísico irá apenas complementar o tratamento da medicina convencional. A palavra “metafísica” significa “além do físico” ou “além das leis físicas”, para designar que empregamos as leis cósmicas naturais, ou universais, atuando como canalizadores ou instrumentos entre as forças cósmicas e o paciente. Os ensinamentos da Ordem propõem, como o melhor horário para se proceder às aplicações metafísicas, das duas às três horas da madrugada, pois neste horário os pacientes doentes estão em mais íntimo contato Cósmico e psíquico, bem como mais receptivos a estas energias, as quais serão mais bem canalizadas. Segundo a Ordem Rosacruz, AMORC, é o período no qual os obreiros especiais da Ordem efetuam centenas de tratamentos. E não importa se o doente está sonolento, adormecido ou acordado no momento. O estudante rosacruz deve estar ciente de que não é ele o responsável pela cura, servindo apenas de canal para levar esta energia para o doente e atuando como um instrumento entre as forças Cósmicas. Sua mente deve estar livre de todas as atitudes mentais

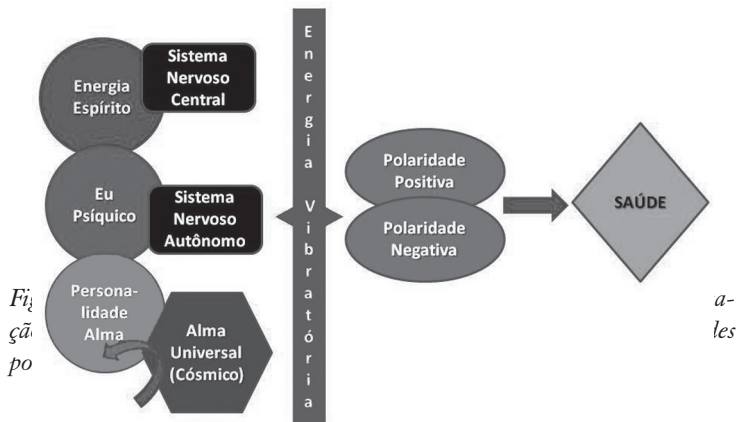
negativas e destrutivas, evitando qualquer atitude que seja contrária às leis naturais. No livro “Arte Rosacruz de Cura à Distância” é possível encontrar todas as orientações quanto à técnica a ser aplicada. Também no Sanctum do Lar é possível enviar vibrações de paz, saúde e harmonia ao planeta Terra e a todos os seres vivos, promovendo assim um movimento de fraternidade planetária à distância.

Os rosacruzes dispõem do Conselho de Solace, que consiste em um grupo de oficiais, membros da Ordem Rosacruz, AMORC, que empregam os princípios dos ensinamentos da Ordem para auxiliar outras pessoas. Tratamentos à distância são ministrados para atender a problemas de saúde e a problemas pessoais sempre que trazidos à atenção do Conselho. Para uma comissão conhecida como a Comissão de Auxílio Espiritual, os peticionários encaminham por escrito a solicitação de auxílio que, inclusive, pode ser feita via Internet, por meio do site da Ordem Rosacruz, AMORC, da Jurisdição da Língua Portuguesa e, diariamente, no horário pré-fixado (geralmente às 8 horas da manhã), realiza-se na Grande Loja o ritual de auxílio espiritual.

Apesar de tudo o que foi comentado e das possibilidades de eventual reversão de um processo patológico em andamento, é preciso salientar que nenhum ser humano é eterno e assim, em algum momento de sua vida, necessariamente, ocorrerá a transição. Assim, quando o Cósmico decreta que a transição deve ocorrer, nenhum sistema de cura poderá cancelar este processo.

4. A Transdisciplinaridade no conhecimento Rosacruz aplicado ao processo de cura.

No tópico anterior foi dito que, de acordo com o conhecimento Rosacruz, o Homem é um ser dual em natureza e trino em manifestação, e disso decorre a necessária existência de interações entre a Energia Espírita e o Eu Psíquico sob a influência da Personalidade Alma, gerando-se vibrações que, juntamente com a harmonia entre as polaridades positiva e negativa, levarão ao estado de Saúde. A figura 2, abaixo, pode ajudar na visualização dessas interações.



Do ponto de vista Rosacruz, a simples constatação dessas múltiplas interações já nos indica que os princípios da abordagem clássica mecanicista, como propostos por Galileu Galilei, René Descartes e Isaac Newton ao longo do século XVII, não se aplicam aqui de forma adequada. O procedimento analítico sem dúvida alguma trouxe enormes

contribuições ao conhecimento científico atual, porém o problema é que considera uma determinada entidade como sendo simples somatória de suas partes individuais e, além disso, depende da aceitação de duas premissas: primeiro, que não haja interação entre as partes ou que ela seja muito fraca a ponto de ser negligenciada; em segundo lugar, que as relações que descrevem o comportamento das partes sejam lineares. Estas condições quase nunca são satisfeitas nas entidades chamadas sistemas, ou seja, entidades compostas de partes em interação.

Os sistemas biológicos, sejam células, organismos ou populações de organismos, apresentam a característica comum de serem compostos de muitas partes em interação, ou seja, são sistemas complexos e, por extensão, não-lineares. Os sistemas complexos não-lineares obedecem ao que se convencionou chamar Teoria do Caos. A Teoria do Caos estuda o comportamento de sistemas dinâmicos complexos não-lineares, que apresentam características de ordem, apesar de serem aparentemente aleatórios e, o organismo humano, ao se enquadrar nessa categoria, pode ser estudado do ponto de vista do Caos.⁵⁴ Vale lembrar que o termo Caos aqui utilizado não segue o conceito vernáculo, representando na verdade os processos onde existe uma ordem altamente complexa e não-linear, com sensível dependência das condições iniciais e com baixa ou nula previsibilidade em longo prazo.

Estamos aqui tratando dos processos de cura e de manutenção da saúde do organismo humano. Assim sendo, estamos tratando de um sistema complexo. Estamos também nos referindo a manifestações em vários níveis de realidade que, por outro lado, mantêm a sua não-separabilidade, ou seja, as entidades continuam a interagir qualquer que seja seu afastamento.

Quando nos reportamos à Carta da Transdisciplinaridade, redigida por Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu⁵⁵, no Convento da Arrábida, Portugal, em 6 de novembro de 1994, encontramos já no seu primeiro artigo que “toda e qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de dissolvê-lo no meio de estruturas formais, sejam quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar”. Ora, já vimos acima que é impossível reduzir o Homem a uma estrutura formal uma vez que é dual em natureza e trino em manifestação. Para que tenha Saúde são necessárias inúmeras interações e, além disso, é fundamental a harmonia entre vários níveis de realidade. Fica então aqui a primeira possível conclusão de que quando a Ordem Rosacruz se preocupa com os métodos e técnicas para que essa saúde seja mantida ou alcançada, deve fazê-lo por meio de um processo Transdisciplinar.

No segundo artigo encontramos que “o reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por lógicas diferentes, é inerente à atitude transdisciplinar. Toda tentativa de reduzir a realidade a um só nível, regido por uma lógica única, não se situa no campo da transdisciplinaridade”. Vejam que novamente a AMORC se posiciona dentro do contexto transdisciplinar ao admitir os três níveis de realidade, a saber: Energia Espírito, Eu Psíquico e Personalidade Alma. A aplicação da Lógica Convencional aqui seria impossível, uma vez que ficam feridos pelo menos dois de seus princípios básicos, quais sejam a Continuidade e a Causalidade Local. A admissão dos três níveis de realidade necessita da quebra daqueles paradigmas em benefício da Descontinuidade e da Causalidade Global. Apesar de o mundo quântico se manifestar de forma descontínua, o princípio da não-separabilidade

garante a interação de forma contínua e isso, por sua vez, obriga a que as causas sejam globais e não mais locais. A lógica clássica cede então lugar a lógicas não formais, sendo a Lógica Paraconsistente uma das opções a serem empregadas nessa questão.

O artigo cinco da Carta da Transdisciplinaridade também nos ajuda a demonstrar o foco da AMORC ao dizer textualmente que “a visão transdisciplinar é completamente aberta, pois ela ultrapassa o domínio das ciências exatas pelo seu diálogo e sua reconciliação não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior”. Não vemos por acaso o quanto a nossa Ordem se preocupa com a divulgação de textos inspiradores e de elevada sabedoria nascidos de grandes mestres da literatura e da poesia e com a recomendação de peças musicais dos grandes compositores que tanto contribuem para a harmonização de nosso Ser? E que dizer das técnicas de meditação, relaxamento, sons vocálicos para harmonização psíquica e visualizações que propiciam uma experiência interior indizível e que tantos benefícios trazem aos que praticam com dedicação?

A Ordem Rosacruz, AMORC tem se preocupado bastante com a Transdisciplinaridade, existindo até, como um de seus órgãos, a Universidade Rose-Croix Internacional, conhecida na jurisdição americana pela sigla RCUI e aqui em nosso meio pela sigla URCI. Essa Universidade, criada no início do século XX pelos responsáveis da AMORC, é composta por rosacruzes especialistas, e apresenta Seções de pesquisas em diversas áreas do conhecimento tendo um coordenador em cada seção para orientar na metodologia da pesquisa em Medicina e Saúde,

Psicologia e Análise Comportamental, Egíptologia e História Universal, Música e Artes em Geral, Ciências Exatas, Biologia, Ecologia e Meio-Ambiente, Tradições e Filosofias Místicas, Educação e Ensino, Ciências Sociais Aplicadas, Literatura, Tecnologias e Gestão de Conhecimentos. A missão da URCI é uma busca silenciosa por um mundo melhor através do estudo do universal em um mundo cada vez mais complexo. A Ordem Rosacruz, AMORC, através da URCI, tem feito divulgações via *folders* da necessidade de se trabalhar com um pensamento mais holístico, integral, e se mostrou afinada com as diretrizes do projeto CIRET_ UNESCO⁵⁶, denominado Evolução Transdisciplinar da Universidade, tendo como “ideia nuclear das ações o pensamento de que há uma relação direta e não contornável entre paz e transdisciplinaridade”.

Para não nos estendermos demasiado, vamos nos referir por fim ao artigo 12 da referida Carta, quando afirma que “a elaboração de uma economia transdisciplinar é fundamentada no postulado segundo o qual a economia deve estar a serviço do ser humano e não o inverso”. Por economia podemos nos apropriar de um de seus conceitos que é “o arranjo ou modo de funcionar dos diversos elementos de um todo”. Em termos de corpo humano, o arranjo ou modo de funcionar dos diversos elementos do todo é extremamente harmônico e somente quando há quebra dessa harmonia é que as doenças aparecem. Na orquestração dessa harmonia destacam-se os dois componentes do Sistema Nervoso Autônomo, a saber: o sistema simpático e o parassimpático. O simpático tem função tendente à estimulação e à contração dos órgãos e tecidos enquanto o parassimpático tem ação oposta. Do balanço correto da ação desses dois componentes depende a homeostase (estabilidade) do organismo. A literatura médica é farta na documentação de que a diminuição de atividade

parassimpática se relaciona diretamente com o aparecimento de doenças e mesmo o envelhecimento se acompanha de perda progressiva daquela atividade. Inicialmente, predominam as doenças nos quais o componente simpático é mais preponderante como, por exemplo, o estresse e a hipertensão, mas, na sequência, ambos os componentes vão se deteriorando até que se atinja o equilíbrio que na verdade equivale à morte. Os ensinamentos rosacruz, quando focalizados nas questões da saúde, reforçam bastante a ação do sistema nervoso autônomo e pelo esquema apresentado anteriormente vemos nitidamente a importância que tem e sua ligação com o Eu Psíquico.

Enfim, cremos ter fornecido argumentos suficientes para justificar o pensamento de que no processo Rosacruz de Cura e no que tange à preocupação da AMORC com os aspectos da saúde, a vocação pode ser considerada Transdisciplinar!

Ao finalizar este artigo, surge a necessidade da colocação de algumas considerações com o intuito de facilitar pesquisas futuras relacionadas aos ensinamentos da filosofia e do misticismo rosacruz no campo da saúde. Primeiramente, a obrigatoriedade de uniformização metodológica quanto à utilização de conceitos e termos considerados de importância fundamental para dar partida à abordagem científica, na tentativa de evitar entendimentos errôneos ou dúbios. Acrescente-se a isso a necessidade de se fazer mais pesquisas, com rigor científico, pois a Ordem Rosacruz dispõe de rico material de trabalho e pesquisa, porém falta recrutar e orientar mais pesquisadores para a realização dessas atividades. Um bom começo poderia ser o início de um trabalho de campo para colocar em prática a terapêutica rosacruz, oferecendo-a como ajuda humanitária a toda comunidade. Em terceiro lugar, pensar na formação de terapeutas rosacruz com visão dentro

dos princípios da transdisciplinaridade.

É preciso esclarecer que não há aqui a menor intenção no sentido de depreciar os progressos da ciência na área da saúde. Com efeito, não reconhecer que suas pesquisas contribuíram para salvar vidas humanas ou aliviar o sofrimento seria dar prova da mais total ignorância e do mais extremo fanatismo. A Ordem Rosacruz apoia o pensamento de que o ideal da pesquisa médica poderá ser alcançado quando a ciência se der conta do quanto o misticismo pode contribuir no campo da saúde, destacando-se que a finalidade de ambos é trabalhar na cura e preservação do bem estar do corpo para fazer dele um instrumento precioso a serviço da evolução da Alma (cf. citação de Monografia Rosacruz).

Obviamente, este é um trabalho inicial e que ainda pode ser melhorado. A discussão do assunto em fóruns específicos certamente contribuirá para o enriquecimento do conhecimento desse assunto permitindo, ou não, demonstrar a tese aqui apresentada.

Autores

* Aracy Mautari Niwa

Médica homeopata e dermatologista, especialista pela Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Dermatológica (SBCD), Membro efetivo da Academia Americana de Dermatologia (AAD), pós graduação no Departamento de Dermatologia – Universidade de Kyushu - Japan, Médica Homeopata Coordenadora da Seção A (Saúde), Grande Conselheira da Região MG/SP06.

** Moacir Fernandes de Godoy

Livre-Docente em Cardiologia pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Famerp), Doutor em Cirurgia Cardiovascular pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Professor-Orientador no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Famerp, Cardiologista pela Sociedade Brasileira de Cardiologia, Médico pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e Coordenador do Grupo de Pesquisa NUTECC (Núcleo Transdisciplinar para Estudo do Caos e da Complexidade), registrado no CNPq.

Notas Bibliográficas

- 1 Gunkel, JH. “Saúde: Um ponto de vista Rosacruz”. In *Saúde*, AMORC (AMORC: Curitiba, 1984) 46-48.
- 2 Lewis, RM. *Alquimia Mental*. (Curitiba: AMORC, 1991).
- 3 Gaspar, L. Edição: Fundação Joaquim Nabuco (Recife). 31 de agosto de 2009. <http://www.fundaj.gov.br> (acesso em 22 de abril de 2010).
- 4 Santos, F, e Castro L. *História Geral da Medicina Brasileira*. (São Paulo: EDUSP, 1977).
- 5 Araújo, M. *Medicina Rústica*. (Rio de Janeiro: Editôra Nacional, 1979).
- 6 Barros, NF. Nunes ED. “Complementary and Alternative medicine in Brazil: one concept, different meanings.” *Cadernos de Saúde Pública*, (2006).
- 7 Seliar, M. *A paixão transformada. História da Medicina na Literatura*. (São Paulo: Companhia das Letras, 1996) e *Do Mágico ao Social*. (Porto Alegre: L & M Editôra, 1987).
- 8 Rodrigues-Neto, JF. “Transtornos mentais comuns e o uso de práticas de medicina complementar e alternativa: estudo de base populacional.” *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, (2008): 233-9.
- 9 Gunderson, RG. “Backing onto Sacred Ground.” *Public Health Reports*, (Mar-Jun de 2000): 257-61.
- 10 Howell, LF. “Ways to redefine health.” *Mich Health Hosp*, (Sep-Oct de 1998): 22-3.
- 11 Nicolescu, B. *O manifesto da Transdisciplinaridade*. (São Paulo: Editora Triom, 1999).
- 12 Goswami, A. *O médico quântico: orientações de um físico para*

- a saúde e a cura.* (São Paulo: Cultrix, 2006).
- 13 Luz, MT. “Cultura contemporânea e medicina alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX.” *Physis [online]*, (2005): 145-176.
 - 14 Leal F, Schwartsmann G, Lucas HS. “Medicina Complementar e alternativa: uma prática comum entre os pacientes com câncer.” *Revista da Associação Médica Brasileira*, (Dezembro de 2008).
 - 15 Leal F Schwartsmann G, Lucas HS 2008, (Op. cit.)
 - 16 Almeida, DA. “Estados Emocionais, saúde e doença na visão da Medicina Tradicional Chinesa.” *AMORC Cultural* 8 (2000): 4-9.
 - 17 Goswami, A., (2006). Op.cit.
 - 18 Almeida, DA, (2008). Op.cit.
 - 19 Chandra, L. in *A arte de Curar no Budismo Tibetano*. De Clifford T. (São Paulo: Pensamento, 1999).
 - 20 Goswani, A. (2006) Op.Cit.
 - 21 Gasperi, P, Raduns V, e Ghiorzi AR. “A dieta ayurvédica e a consulta de enfermagem: uma proposta de cuidado.” *Ciência e Saúde Coletiva*, (Abril de 2008; 13,2): 495-506
 - 22 Dantas, F. *O que é Homeopatia*. Vol. 2. (São Paulo: Editôra Brasileira, 1987).
 - 23 Teixeira, MZ. “Homeopatia: prática médica humanística.” *Revista da Associação Médica Brasileira*, (2007; 53,6): 547-9.
 - 24 Vitale, A. “An integrative review of Reiki touch therapy research.” *Holist Nurs Pract*, (Jul-Aug de 2007): 167-179.
 - 25 Gallob, R. “Reiki: a supportive therapy in nursing practice and self-care for nurses.” *J. N. Y. State Nurses Assoc*, (Spring-Summer de 2003): 9-13.
 - 26 Garé, RR. “Efeitos do Reiki na evolução de granuloma induzido através da inoculação do BCG em hamsters e do tumor ascítico de Ehrlich induzido em camundongos.” *Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo*. São Paulo, 2009.
 - 27 Fazzino DL, Griffin MT, McNulty RS, Fitzpatrick JJ. “Energy healing and pain: a review of the literature.” *Holist Nurs Pract*, (Mar-Apr de 2010): 79-88.
 - 28 Peres, MFP, Arantes ACLQ, Lessa PS, e Caous CA. “A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos.” *Rev. Psiq. Clín.* (2007): 82-87.

- 29 Koenig, HG. "Religion, spirituality, and medicine: application to clinical practice." *JAMA*, (2000): 1708.
- 30 Gunderson, RG (2000) Op.Cit.
- 31 Benson, H, e J. Dusek. "Self-reported health, and illness and the use of Conventional and Unconventional Medicine and Mind/Body healing by Christian Scientists and others." *Journal of nervous and mental Disease*, (1999): 540-9.
- 32 Harris, WS. "A randomized, controlled trial of the effects of remote, intercessory prayer on outcomes in pacientes admitted to the coronary care unit." *Arch Intern Med*, (1999): 2273-2278.
- 33 Leão, FC. "Uso de práticas espirituais em instituição para portadores de deficiência mental." *Dissertação de Mestrado*. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, (2004).
- 34 Rogers, ME. *An Introduction to the theoretical basis of nursing*. (F.A.Davis Company: Philadelphia, 1970).
- 35 Sá, AC. "Aplicação do toque terapêutico em mulheres portadoras do câncer de mama sob tratamento quimioterápico." *Tese de Doutorado*. São Paulo: Escola de Enfermagem de São Paulo - Universidade de São Paulo, (2001).
- 36 Krieger, D. *O Toque Terapêutico*. (São Paulo: Cultrix, 1996).
- 37 North American Nursing Diagnosis Association (NANDA). *Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definição e classificação 2001-2002*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- 38 Gomes, VM, Silva MJP, e Araújo EAC. "Efeitos gradativos do toque terapêutico na redução da ansiedade de estudantes universitários." *Revista Brasileira de Enfermagem*, (Novembro-Dezembro de 2008): 841-6.
- 39 Santos, AO, Santos G, Silva BL, Correa ZR, e Sá AC. "Aplicação do toque terapêutico (método de Krieger-Kunz) no alívio da dor em uma vítima de politrauma - dignidade humana na assistência de enfermagem." *Mundo Saúde 1995*, Julho-Setembro de 2004: 325-332.
- 40 Gunkel, JH (1984) Op.cit.
- 41 Dupont, P. "A influência da luz na Saúde." *O Rosacruz*, (Trimestre 4, 1997).
- 42 Lewis, HS. *Manual Rosacruz*. 1. (AMORC:Curitiba: Grande Loja do Brasil, 1988).

- 43 Lewis, HS (1988) Op.Cit.
- 44 Gunkel, JH (1984) Op.Cit.
- 45 Ordem Rosacruz - AMORC. *O Homem - Alfa e Ômega da criação*. (AMORC:Curitiba, 1987).
- 46 Haywood, GP. “Moderação e Bom Senso”. In *Saúde- AMORC(A-MORC: Curitiba, 1984)*.
- 47 Lewis, HS (1988) Op.Cit.
- 48 Lewis, HS (1988) Op.Cit.
- 49 Parucker, CV. *Momentos de Reflexão*. (Curitiba: Grande Loja do Brasil - AMORC, 1988).
- 50 Haywood, GP (1984) Op.Cit.
- 51 Lewis, HS (1988) Op.Cit.
- 52 Ordem Rosacruz - AMORC. *O Homem - Alfa e Ômega da criação*, AMORC (AMORC:Curitiba, 1987).
- 53 Lewis, HS (1988) Op.Cit.
- 54 Godoy, MF. “A Teoria do Caos aplicada à Medicina.” *Tese de Livre Docência*. São José do Rio Preto: Famerp, (2003).
- 55 Nicolescu, B. (1999) Op.Cit.
- 56 CIRET/UNESCO, <http://basarab.nicolescu.perso.sfr.fr/ciret/locarno/locapor4.htm> (acessado em 20.05.2010.)

A importância do sagrado nos rituais Rosacruz e o desafio do ciberespaço

Mario Lucio de Lima Nogueira, Mestre em Educação (UERJ), Psicopedagogo (UFRJ), Especialista em Educação Especial (UERJ), Especialista em Orientação Pedagógica em Educação à Distância (UFMS), Coordenador de Disciplina do Curso de Pedagogia à Distância do CEDERJ/UERJ, Formação Reichiana, Multiversidade RJ, Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia da UCB Coordenador da URCI, Seção (L) Tecnologia e Gestão do Conhecimento.

Introdução

O escopo do presente trabalho é apresentar fundamentos para um exercício reflexivo sobre o Sagrado e os Rituais Rosacruz no advento das novas Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) e a configuração do Ciberespaço como Nível de Realidade. Partindo de conceitos sobre a Tradição Primordial, passaremos pelos mitos, ritos e suas influências no processo de internalização do Sagrado dentro dos conceitos preconizados pela Antiga e Mística Ordem Rosacruz, AMORC. Apresentando, finalmente, os conceitos de ciberespaço, buscaremos chegar a algumas reflexões sobre os desafios que esse novo espaço-tempo traz para a organização. Procurou-se, entretanto, antes fomentar perguntas que oferecer respostas.

Falar do Sagrado e dos Rituais Rosacruz é falar da própria razão de ser da AMORC. A filosofia e os ensinamentos transmitidos pela AMORC apresentam profundos lastros com a Tradição Primordial que parece sustentá-los desde tempos imemoriáveis. Desde as mais remotas Eras, o homem, ao se

confrontar com as forças da natureza, tem buscado encontrar nela padrões que possibilitem estabelecer algum tipo de ordem que lhe possibilitasse a compreensão destes fenômenos. Ao olhar, por exemplo, para os céus, percebeu que existem padrões organizados e movimentos periódicos que se repetem, definindo ciclos naturais bem definidos, tais como o nascer e o pôr do sol, as fases da Lua, as estações do ano e as órbitas planetárias.

Se por um lado essas observações levam ao estabelecimento das grandes Tradições, por outro, o resultado dessas observações foi expresso, no mundo moderno, através da formulação de leis denominadas “leis da natureza”, sendo estas compreendidas como a expressão máxima da ordem natural conforme propõe a ciência. Na sociedade ocidental, isso proporcionou um grande desenvolvimento tecnológico que passou a condicionar os relacionamentos humanos.

1. A Tradição Primordial

A Tradição Primordial, em seu entendimento mais profundo, pode ser algo abrangente. Nela encontram-se conhecimentos oriundos das Tradicionais Ordens de Mistérios, da sabedoria arcana, da influência cultural de muitos povos organizados e transmitidos pelos mitos que podem ser entendidos como alegorias das grandes verdades, pelos textos sagrados das diferentes religiões, bem como pelos rituais sagrados e sacralizados. A Tradição Primordial serve-se dessas diferentes linguagens para veicular princípios e leis Universais, influenciando a consciência das pessoas ao longo das Eras.

Acredita-se que essa Tradição estabeleça-se por influência de uma ideia recorrente; uma força divina que atua nas mais

diversas áreas, transmitindo valores espirituais e supraindividuais que se constituem no eixo ou no supremo ponto de referência para a organização geral, a formação e a justificação de toda realidade e atividade humana.

Para Sitchin (1998, 124), “tudo o que sabemos nos foi ensinado pelos deuses, afirmavam os Sumérios em seus escritos; nisto estão os fundamentos, ao longo dos milênios e em nossos próprios tempos, da ciência e religião, do revelado e do oculto”.

Assim, essa força suprema se transmite e se encontra por cima das contingências históricas, constituindo-se uma unidade transcendente oculta do público em geral, mas preservada no conhecimento das diferentes tradições.

Assim, talvez se possa afirmar que a Tradição Primordial surgiu do desejo do Homem de encontrar significado e propósito definitivos para a vida, e exteriorizando-o através de crença em rituais dirigidos a um ou mais seres compreendidos como deuses. Não raro, utilizam-se para esse fim relatos sobre a origem do Universo, da Terra e do Homem, e o que se supõe acontecer após a morte. Não podemos nos esquecer de que esses relatos não tratam apenas de um fenômeno individual, mas, também, de um fenômeno social.

Segundo Guénon (1989), tudo o que é oriundo de uma ordem tradicional possui uma relação com algo que traz em si a origem supra-humana. Assim, a Tradição possui uma origem Cósmica e Sagrada, não se confundindo com mero costume ou hábito humano.

Para Eliade (2008, 30), “todo espaço sagrado implica em uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como re-

sultado destacar um território do meio Cósmito que o envolve e o torna qualitativamente diferente”.

Portanto, o entendimento do significado da vida é a busca fundamental da Tradição Primordial, e parece ter um valor incomensurável para as pessoas inseridas nessa busca. Por outro lado, a falta de um sentido para o existir parece ser a causa primordial de muitos distúrbios graves que têm afetado seriamente o homem contemporâneo. A ausência desse significado pode levar a inúmeros desvios de conduta, um perigo presente em nossa sociedade.

A Tradição tem utilizado ao longo dos tempos o mito como uma das ferramentas para atribuir significado à vida. Mas o que é um mito?

Segundo Chauí (1997, 28) “um mito é uma narrativa sobre a origem de alguma coisa (origem dos astros, da Terra, dos homens, das plantas, dos animais, do fogo, da água, dos ventos, do bem e do mal, da saúde e da doença, da morte, dos instrumentos de trabalho, das raças, das guerras, do poder, etc.)”.

Os gregos consideravam o mito uma história verdadeira, cuja veracidade era atestada pela confiança que depositavam na pessoa daquele que o transmitia. Essa autoridade era conferida ao narrador pelo entendimento de que ele havia testemunhado diretamente o que estava relatando, uma vez que pertencia a uma linhagem de pessoas responsáveis pela preservação, a princípio oral, daquela história recebida de outras que teriam testemunhado diretamente os acontecimentos narrados nos primórdios dos tempos.

De forma mítica, acreditavam os gregos que o narrador era um escolhido dos deuses que ali estava com o intuito de lhes apresentar os acontecimentos passados e permitir que eles

descobrissem a origem de todos os seres e de todas as coisas. Sua palavra, durante a narrativa do mito, era, então, sagrada porque provinha de uma revelação divina. Assim sendo, o mito era considerado incontestável e inquestionável.

Segundo Sitchin (1998, 126), a “revelação, a partilha de sabedoria secreta com a humanidade por intermédio de iniciados escolhidos, começou antes do dilúvio”.

Ainda hoje, em todas as sociedades e religiões usa-se o simbolismo mítico como suporte às transmissões de valores morais e espirituais.

O mito tem como principal característica narrar a origem das coisas por meio de alegorias sobre a origem do mundo, apresentando como as coisas eram ou tinham sido no passado imemorial, longínquo e fabuloso, voltando-se para o que era antes que tudo existisse tal como existe no presente, não se importando com contradições, com o fabuloso e o incompreensível, não só porque esses eram traços próprios da narrativa mítica, como também porque a confiança e a crença no mito provêm da autoridade incontestada do narrador, como já se afirmou.

Para Mircea Eliade (2008, 12)

o mito é uma realidade cultural extremamente complexa que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares... o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial: o tempo fabuloso dos começos... o mito conta, graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, quer seja uma realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento, uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano. É sempre, portanto, uma narração de uma criação; descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir...

Ainda segundo o mesmo autor (op.cit, 13)

o mito é considerado como uma história sagrada e, portanto, uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades. O mito cosmogônico é verdadeiro porque a existência do mundo está aí para

o provar; o mito da origem da morte é também verdadeiro porque a mortalidade do homem prova-o... e pelo fato de o mito relatar as gestas dos seres sobrenaturais e manifestações dos seus poderes sagrados, ele torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas.

Os mitos transmitiam – e ainda transmitem –, sentimentos de amor, ódio, sofrimento, vingança e paixão. Isto nos remete a uma visão humanizada dos deuses, o que na verdade nos apresenta o eterno embate humano entre o bem e o mal.

Como nos ensina Campbell (2009, 39), as semelhanças com a religião mostram que o mito se refere – ao menos em seus níveis mais profundos – a temas e interesses que transcendem a experiência imediata, o senso comum e a razão: Deus, a origem, o bem e o mal, o comportamento ético e a escatologia (destino último do mundo e da humanidade). Crê-se no mito sem necessidade ou possibilidade de demonstração. Rejeitado ou questionado, o mito se converte em fábula ou ficção.

Ao estudarmos a mitologia antiga estamos nos deparando com o próprio estudo do sagrado, mas ao adotarmos a metodologia positivista em nossos estudos, nos deparamos com a incômoda ideia científica vigente de que podemos entender os mistérios da vida pela visão materialista onde todos os acontecimentos são explicados através de fenômenos físicos replicáveis e perfeitamente mensuráveis. Dentro deste contexto, a simbologia mítica evoluiu e se dessacralizou. No entanto, passou a se incorporar à realidade e servir como base para a estruturação da sociedade moderna. Esta materialização do sagrado, no entanto, esbarra na incapacidade da ciência em apresentar hipóteses úteis para as realidades da mente humana e suas experiências espirituais. Este estado de espírito materialista tem levado uma significativa parcela da humanidade a tentativas fracassadas de compreender a espiritualidade

provocando, não raras vezes, situações de desvios comportamentais dos quais acaba por se arrepender.

Na concepção de Jung, referendado por outros estudiosos da psicologia, o conhecimento dos mitos nos permite estudar e introjetar a história da consciência coletiva.

É interessante perceber que o homem da antiguidade não tinha conhecimento de si mesmo, como o tem hoje. Ao ganhar noção sobre si, o homem moderno toma, em suas próprias mãos, o arbítrio de suas atitudes e comportamentos, retirando-os da exclusiva gestão divina. Desta forma, podemos entender a mitologia como uma tentativa humana de construir seu autoconhecimento. Este comportamento o afasta de uma vida mais integrada ao universo em que vive, bem como do caminho percorrido pelos místicos tradicionais que, segundo Underhill (2002) não buscam a iluminação, mas tentam compreender a realidade de uma forma que transcende o simples ganho pessoal, uma mera curiosidade ou mesmo a possibilidade de construir a alegria em uma nova vida. Esta prepotência materialista tende a desviá-lo do verdadeiro entendimento dos mitos e, por consequência, deixa-o perdido em um labirinto de contradições.

De acordo com Italo J. Furletti, os mitos, em suas ações estruturantes, possibilitam referências (consciente ou inconscientemente) a um padrão mais adequado de comportamento a ser desempenhado pelo sujeito em alguma área da sua vida, buscando introduzir ou corrigir o comportamento mais adequado ao indivíduo na perspectiva da sua totalidade.

A internalização dos mitos dá-se por intermédio de rituais que procuram materializá-los, dando-lhes uma forma objetiva

e concreta de percepção e entendimento. Estes rituais precisam ser executados em lugares especialmente preparados para surtirem os efeitos desejados.

Mas onde encontramos esses lugares e, efetivamente, o que são rituais?

2. Os Rituais e o Templo

Podemos entender o rito como uma dramatização de um mito através de uma sucessão de palavras, atos, sons melódicos e sinais que aparecem repetidamente durante sua realização cerimonial, que na maioria das vezes tem cunho religioso, ou seja, é um conjunto de práticas que se concretizam no mundo do sagrado. O processo psicológico desencadeado pela efetiva participação no ato ritualístico é de cunho simbólico, podendo ser compreendido como um reflexo dos anseios mais profundos do ser humano e, desta forma, voltado para o desenvolvimento dos costumes e um caminho de crescimento humano.

Eliade (2008, 32) entende que na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele produz a obra dos deuses. A fim de compreendermos melhor a necessidade de construir ritualmente o espaço sagrado, é preciso instituir um pouco da concepção tradicional do “mundo”: então nos daremos conta de que o “mundo” todo é um “mundo sagrado”.

Numa sociedade materialista, em que muitos buscam negar a importância das tradições culturais e de seus rituais, considerados ultrapassados, o que se pode perceber é que os mitos e seus ritos ainda se mantêm vivos, fruto da necessidade da cultura de manter-se viva. Talvez pudéssemos afirmar que, enquanto houver cultura, está garantida a sobrevivência dos mitos e ritos. No que diz respeito aos rituais veiculados por organizações que procuram difundir o conhecimento da

Tradição Primordial, talvez se pudesse afirmar que estes visam garantir a sobrevivência na Terra, permitindo ao homem seu contato com o Absoluto. Através de rituais específicos, cada povo e cada cultura procura relacionar-se com a divindade que, em seu entender, sustenta a vida do universo. No entanto, é conveniente ressaltar que nem todos os rituais possuem uma vinculação com a Tradição Primordial, apesar de se utilizarem de seus fundamentos e os adaptarem sob uma forma de execução que atenda aos seus interesses, por vezes escusos.

Csikszentmihalyi (1998) defende a tese de que o papel dos mitos é fundamental na estruturação da cultura da humanidade, independente do local em que se originou. Pertencendo ou não a um povo, o mito, em todas as suas formas e manifestações, contribuiu – e ainda contribui – no processo de desenvolvimento individual e coletivo. Os mitos nos levam à tomada de consciência sobre as mais diversas fases da vida e possuem a capacidade de gerarem padrões de comportamento que garantem a evolução psicossocial e, diferenciando-nos dos animais, nos conduzem a uma atitude criativa perante a vida, dando um sentido à nossa existência afetiva e espiritual. Como diz Joseph Campbell (2009, 45),

aquilo que os seres humanos têm em comum revela-se nos mitos. Eles são histórias da nossa vida, da nossa busca da verdade e da busca do sentido de estarmos vivos. Os mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana; daquilo capazes de conhecer e experimentar interiormente.

A criação de uma ordem simbólica, baseada em mitos e rituais, associa-se ao pensamento do antropólogo francês Marc Augé acerca da função do rito. Com base nos seus estudos, Augé destaca a importância do rito na construção social:

o vínculo social que cria o rito deve ser pensável (simbolizado) e gerível (instituído). Nesse sentido, o rito é mediador e criador de mediações simbólicas e institucionais que permitem aos atores sociais identificar-

se com outros e distinguir-se deles; em suma, estabelecer entre uns e outros vínculos de sentido (social) (AUGÉ, 1998,34).

Convém ressaltar que a adesão aos ritos é realizada de forma individual e é através da fusão dos valores internos de cada um com os externos (provenientes do grupo) que ocorre a possibilidade de criação de um elo de união e cumplicidade entre os membros deste grupo, tornando-o forte e coeso. Unidos, amparando-se mutuamente, esses grupos tornam-se mais fortes e acabam por conquistar maiores oportunidades no interior da sociedade em que vivem.

De um modo geral, todas as sociedades possuem ritos próprios para confirmar a adesão de um novo membro em suas comunidades. Esses rituais são conhecidos como rituais de iniciação ou ritos de passagem. É através do mito, tornado presente pelo ritual de iniciação, que se revela uma nova realidade; é o descortinar de um mistério divino.

Esses elementos simbólicos exercem uma influência primordial em todo o ritual pois, como nos diz Eliade (2008, 172), “é graças aos símbolos que o homem sai de sua situação particular e se 'abre' para o geral e o universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo”.

Os ritos iniciáticos tradicionais representam, em última instância, a luta imaginária do homem contra as forças obscuras e irracionais que o contrariam em busca do absoluto. No entanto, como já dissemos, esses ritos na sociedade moderna têm, não raro, sido corrompidos, e seu caráter Tradicional tem sido desfigurado, servindo muitas vezes para motivos não claramente declarados e, por vezes, até prejudiciais aos iniciados que,

iludidos de sua real intenção, a eles se submetem sem reservas.

Os Iniciandos transferem aos personagens representados pelos iniciadores seus desejos e suas angústias. Transportam-se para um outro universo na tentativa de, por meio da simbolização, elaborar seus conflitos cotidianos. Findo o processo iniciático, voltam à sua vida normal, já aliviados, pois o bem venceu o mal e existe a esperança de que, apesar das dificuldades encontradas no caminho, é possível vencer. É essa a mensagem central de todo o processo; é isso que impulsiona o ser humano à vida.

Em um contexto psicológico, todo processo iniciático, devido à estrutura simbólica implícita em seus enredos e na atuação de seus personagens, que atuam no nível inconsciente no desenvolvimento da história, desempenha um papel fundamental para a conduta humana, a qual o iniciado dedica-se a elaborar no decorrer de sua iniciação, promovendo uma verdadeira alquimia mental e espiritual. Não podemos nos esquecer de que, como diz Eliade (2008, 122), “o mundo se apresenta carregado de mensagens. Por vezes estas mensagens estão cifradas, mas os mitos estão lá para ajudar o homem a decifrá-las”.

A iniciação comporta uma morte e uma ressurreição rituais para o mundo profano. Assim, o neófito é simbolicamente “morto” e, quando se levanta do “túmulo” ao término do ritual, é considerado um novo homem.

No domínio do imaginário, o processo iniciático, através de seu enredo, estabelece uma introspecção, de onde emergem, através dos símbolos, grandes mitos e arquétipos que participam na narrativa e permitem a compreensão dos domínios da consciência humana. Como nos ensina Eliade (2008, 115), “os

símbolos estão carregados de mensagens: mostram o sagrado por meio de ritmos cósmicos”. Fácil é, assim, compreender o significado mais profundo de uma verdadeira Iniciação.

Para que um ritual iniciático tenha mais força e atue mais profundamente na psique do Iniciando, necessário se faz a existência de um local devidamente preparado para que esse ritual aconteça. Esse local, de forma genérica, denominamos de Templo.

Podemos entender o Templo como sendo “o universo no interior do qual o sagrado já se manifestou e onde, por consequência, a rotura dos níveis tornou-se possível e se pode repetir” (ELIADE, 2008, 33). Ou, dito de outra forma, o Templo apresenta-se como sendo uma cópia terrestre de um modelo transcendente, de um arquétipo celeste sagrado que, após ser consagrado de acordo com um ritual próprio, passa a ter um valor cosmogônico na orientação ritual e da construção do espaço sagrado. Sendo fisicamente ocupado e, sobretudo, nele instalando-se, o homem transforma-o simbolicamente em Cosmos mediante a repetição ritual da cosmogonia.

Todas as culturas têm seus territórios sagrados: um espaço de proteção, calma e serenidade nos quais os indivíduos podem realizar seus ritos de conexão com Aquele que concebem como divindade; locais para renovar as forças, espaços para reverenciar ancestrais, pedir proteção, inspiração e harmonia. Nesses territórios, reúnem-se símbolos que facilitam um processo de resgate de um chão original; uma verdadeira casa no sentido psíquico.

As comunidades humanas têm vivências nesses lugares sagrados, cada uma a sua maneira, constituindo-se um ponto fixo em

que podem reencontrar suas lembranças (ROSENDAHL, 2005). Ainda, segundo este autor, esse lugar não é meramente descoberto, fundado ou construído, mas reivindicado, possuído e operado por uma comunidade e está, pela sua sagração, impregnado de um simbolismo próprio e só entendido por seus integrantes.

Nesses lugares sagrados, os membros de uma comunidade encontram e reforçam as regras e significados com as quais seu grupo encontra sentido para as suas práticas sagradas. Suas atividades coletivas e individuais, bem como seus valores simbólicos, estão fortemente relacionadas aos seus lugares sagrados. A organização espacial obedece à lógica do sagrado segundo sua concepção comunitária. Rosendahl (op.cit.) reconhece a existência de forças simbólicas que são responsáveis pela manutenção e pela construção do espaço sagrado.

Eliade (1995) caracteriza este Lugar Sagrado como sendo, também, um ponto fixo de contato com a realidade em meio ao caos do mundo profano. Não importa quão remoto e isolado seja este lugar: ele se torna, para o grupo que o consagrou, o centro do universo ou, no nosso dizer, o ponto de contato com a Consciência Cósmica. Nesse lugar, o céu e a terra se encontram e, diferentemente da geografia profana, uma multiplicidade de lugares é abrangida os quais são como um só e único local que representa o novo “saber fazer”, diretamente relacionado às necessidades contemporâneas de integração na sociedade.

3. O Trabalho Ritualístico na AMORC

A Antiga e Mística Ordem Rosacruz, AMORC, é uma organização internacional de caráter místico-filosófico cuja missão é “despertar o potencial interior do ser humano, auxiliando-o em seu desenvolvimento, em espírito de fraternidade, respeitando a liberdade individual, dentro da Tradição e da

Cultura Rosacruz”. Esses princípios inspiram-se em propostas filosóficas e iniciáticas das antigas tradições, como as que foram mencionadas nos itens anteriores. É por meio dos rituais que a AMORC procura manter viva a experiência de seus membros com o Sagrado, por ser ele um dos fundamentos da esperança do homem de obter uma vida plena ao possibilitar o contato com as dimensões mais sutis da existência.

Essa proposta pode ser compreendida como uma forma de intensificar os efeitos psicológicos e benéficos da participação em cerimoniais ritualísticos, visto que a vivência plena do ritual é uma forma tradicional de educação, uma vez que guarda relações com arquétipos que auxiliam no equilíbrio da psique humana. É isso o que nos ensina a Psicologia Analítica, posto que os arquétipos são estruturas psíquicas que povoam o Inconsciente Coletivo.

Ao remeter o homem a si mesmo, os rituais rosacruz são voltados para o combate à alienação que vem sendo criada na sociedade contemporânea. Os efeitos mais nocivos dessa alienação vêm se refletindo sob a forma de depressão, a qual pode levar a transtornos mais graves de personalidade. Os dramas ritualísticos e iniciáticos preconizados na AMORC, portanto, contribuem de maneira exemplar para uma consistente harmonização Ego/Self, ou Eu Exterior/Eu Interior numa linguagem rosacruz, que conecta o homem com a natureza, com ele mesmo e com seu Centro Divino.

Desta forma, para o Rosacruz a vida torna-se repleta de significado. O estudante é incentivado a trabalhar para sua própria evolução pessoal, administrando sua vida segundo os grandes princípios universais, centrado numa busca pela iluminação e no serviço ao próximo, não havendo, assim, lugar para depressão e outras formas de negativismo tão comuns aos homens do nosso tempo.

Esse processo é eliciado pela força emanada das palavras e das ações/gestos executados durante as cerimônias ritualísticas, momento no qual se acredita que haja a movimentação de um amálgama de forças sutis que produzem a mais bela alquimia que o homem pode ter, qual seja a da transmutação da materialidade em espiritualidade. Assim, ao se aperceber disto, o estudante rosacruz entra em comunhão com a Mente Divina ou Consciência Cósmica, o que pode ser entendido como sendo a verdadeira Iniciação que acontece nos templos da Ordem.

A AMORC mantém, em seus Organismos Afiliados, templos voltados para o trabalho ritualístico. A origem dos Templos Rosacruzes perde-se na aurora dos tempos e nos remete à pré-história, quando o homem procurava por lugares onde podia vivenciar condições especiais que lhe proporcionavam bem estar e autoconhecimento (AMORC, b). Esses templos são locais reservados de acesso exclusivo dos membros, sendo que os não membros podem ter acesso aos mesmos apenas em algumas ocasiões especiais.

Para a AMORC, os Organismos Afiliados possuem um caráter organizativo. O agrupar das pessoas no entorno de uma filosofia Iniciática, de uma linguagem coletiva de se falar o mundo que encontramos em nossas monografias, auxilia na construção de centros de convívio comum, no qual se podem vivenciar as experiências alheias, aprender e realizar as cerimônias Ritualísticas e Iniciáticas com as quais internalizamos nossas aprendizagens.

É importante ressaltar que, embora a AMORC mantenha Templos em seus Organismos Afiliados, a Ordem incentiva

seus membros a manterem um espaço sagrado em seus lares, o Sanctum Privado, pois ali, mesmo na individualidade, o estudante é incentivado à prática ritualística.

4 – O Ciberespaço e o Sagrado

A exemplo de outras descobertas e criações humanas, o ciberespaço foi descrito por um autor de ficção científica, Willian Gibson, em 1984 em seu romance “Neuromancien”.

Hoje, o termo

designa o universo das redes digitais como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural. Existe, hoje, um fervilhar de correntes literárias, musicais, artísticas, quando não políticas, que falam em nome da cibercultura’. O ciberespaço designa menos os novos suportes de informação do que os dos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciado (LEVY, 1997, 104).

Portanto trata-se de um Nível de Realidade.

Um Nível de Realidade é um conjunto estruturado de sistemas que têm permanência. São invariantes, agindo sob a ação de determinados princípios ou leis, compreensíveis por lógicas específicas, fato que confere ao nível a “solidez” necessária para que este se configure. Por isso, por exemplo, é impossível compreender o Nível Quântico com a mesma lógica com que se compreende o Nível Macro-Cósmico, este regido pelas “Leis de Newton” (BERNI, s.d.)

Trata-se de uma nova fronteira cuja exploração está apenas sendo iniciada. Coisas ainda não totalmente caracterizadas acontecem nesse “novo espaço-tempo” e têm consequências muito concretas na vida das pessoas. Essa rede é uma matriz internacional que vem crescendo de forma rápida e constante.

O crescimento da Internet no Brasil tem sido vertiginoso e, em 7 anos, o número de computadores ligados à rede aumentou em 29 vezes. No ranking mundial de computadores ligados à Internet, o Brasil passou à oitava posição em 2004. Também ocupa a primeira posição na América Latina e a terceira entre as Américas (SILVA, 2005, 8).

A conexão com esse novo Nível de Realidade se dá através de um computador, o qual se tornou um portal de conexão e uma extensão do próprio corpo, pois o homem é transportado acima de si mesmo, sendo levado para esse espaço-tempo distinto daquele no qual transcorre sua existência ordinária. Dito de outro modo, o computador vem se tornando um monumento sagrado e um instrumento de transcendência, ou seja, o umbral que permite o acesso ao ciberespaço.

A denominada Realidade Virtual é a imagem gerada pelo computador resultante de simulações de modelos que reformulam de modo sensível os conceitos lógicos e matemáticos contidos nos seus dados e programas. Essa imagem passa a ser o estrato sensível de interação entre o homem e o ciberespaço. Quanto mais nos aproximamos do ciberespaço, por meio de simulações que recriam a realidade não-virtual, mais nos tornamos seres cibernéticos, na medida em que essa realidade virtual se transforma em um campo de ação prática do ser humano, conforme afirmado por Levy (1997).

Mas será que esse espaço virtual mostra-se inserido no conjunto dos Níveis de Realidade oportunizando o encontro com o Sagrado?

Para Silva (2003), esse espaço virtual do sagrado é simbolizado e mobilizado como o espaço em que se adentra o mundo próprio da divindade. Isso acontece por intermédio de uma imagem midiática configurando um espaço participativo na vida dos espectadores cibernéticos, fazendo-os sentirem-se como se estivessem no próprio território interativo de seus templos físicos. Em virtude dessa interatividade, podemos entender que na verdade são os próprios atores midiáticos que

agem, de maneira significativa, na edificação do ciberespaço sagrado.

Desta forma, vemos que o horizonte do ciberespaço potencialmente interconectaria todos os humanos, e assim possibilitaria sua participação na Inteligência Coletiva, que é “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada e coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. Sua base e objetivo são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas (LEVY, 1997, 29)”.

Esse conceito de Levy parece assemelhar-se ao conceito que os rosacruzes denominam de Consciência Cósmica. “Consciência que se irradia de Deus, difundindo-se por todo o espaço e, por conseguinte, por todas as coisas, sendo dotada de vitalidade e poder construtivo” (PHELPS, 1967).

Penso que a realização de estudos que pudessem comparar esses conceitos seria desejável. Dentro desse contexto, nos parece fundamental refletirmos sobre a possibilidade de reconciliação da existência com o significado, colocando-se como ponto de partida a seguinte questão: em meio a uma confusão de sentidos, após a explosão das novas tecnologias de comunicação e informação (TIC), responsável pela inflação de imagens e de sons que mergulha a sociedade num turbilhão de signos, como operar, no domínio reservado ao Sagrado, uma reunificação simbólica entre o real e o virtual? Como agirmos no limiar do profano e do Sagrado?

Segundo Silva (2003), o que é sagrado não é a tecnologia em si, mas o que ela faz aparecer ao ser acionada, ritualisticamente, pela via da conectividade e da interatividade. Ou

seja, é a própria potência humana, entendida como o caráter criativo, perceptivo, cognitivo e transformador das conexões que transforma o profano em Sagrado. O Sagrado é, pois, a manifestação individual de uma interação trans-subjetiva.

Mas não podemos nos esquecer de que enquanto a linguagem científica pretende descrever o mundo, o Sagrado exprime como o homem pode viver neste mundo, não sendo um objeto de conhecimento, mas sim de entendimento e compreensão.

5 – Rosacrucianismo, Sagrado e Ciberespaço: Configuração de um Desafio

Se compreendermos os Estudos Sociais de maneira ampla, como o fez Levy (1997), podemos afirmar que as investigações de cunho místico, como as realizadas pela AMORC, enquadram-se nesta categoria. Se considerarmos também que toda pesquisa realizada com o devido rigor, como o exige o método científico, deve ser reconhecida, pode-se afirmar que nenhum resultado de investigação realizada sob esse princípio é absurdo.

Entretanto, como se sabe, os conhecimentos científicos, ainda que produzidos sob essa visão, não são permanentes. O ritmo acelerado das mudanças sociais promovido pelo rápido desenvolvimento da tecnologia, cada vez mais complexa, produz uma rápida obsolescência de elementos produzidos pela ciência, sendo necessária uma constante atualização. Esse ritmo frenético com que se produz informação e conhecimentos é responsável pela complexificação das relações humanas. Por isso, a busca pela unidade do conhecimento, como propõe a transdisciplinaridade, parece tão fundamental. Nessa busca, o Sagrado é resgatado para o campo da discussão científica.

O Sagrado, entretanto, sempre foi preservado pelas tradições místicas. Portanto, temos aqui um desafio. De um lado, uma ciência triunfante que produz a cada dia mais conhecimentos, promovendo uma constante mudança nas relações sociais cada vez mais fragmentadas, e de outro as grandes tradições que preservam as verdades de forma perene. Como conciliar essas questões? Será o ciberespaço um espaço-tempo privilegiado que possibilitará essa religação?

Apesar de a AMORC ser uma tradição que ao longo do tempo tem procurado preservar o Sagrado, é necessário que ela também saiba dialogar com essas novas realidades. Dessa maneira, parece ser adequado que a AMORC incorpore ao seu espaço de atuação a multiplicidade de linguagens disponíveis na contemporaneidade. Na verdade, trata-se de um grande desafio que se impõe para a organização em seu caminho de evolução: uma aproximação que deve ser feita sem que a AMORC afaste-se da Tradição ou do Sagrado.

Procuramos ao longo desta reflexão apresentar os fundamentos da tradição do rosacrucianismo da AMORC. Como vimos, é através do mito tornado presente pelos rituais que o estudante rosacruz descortina sua realidade mais profunda. Vimos também que durante os rituais ocorre um processo de atualização psíquica carregado de energias afetivas e emocionais.

Aqui nos cabe outra grande interrogação. Será viável a realização desses rituais no ciberespaço com os mesmos resultados? Sabemos que já existe, no *Secound Life*, um jogo virtual que literalmente procura criar uma “segunda vida” no ciberespaço; um templo rosacruz.¹ As imagens disponíveis no

www.youtube.com são baseadas em elementos copiados do Parque Rosacruz de San Jose, na Califórnia.

Será que a tecnologia poderá alcançar um estágio evolutivo que permita tal imersão nos rituais? Em todo o mundo já começam a serem executadas palestras onde o palestrante é projetado para a platéia de maneira holográfica (Correio Braziliense, 26.03.2010). As conferências (via telefone e chat de imagem) já são uma realidade no mundo corporativo. Mas será que os rosacruzes conseguirão atingir a concentração e a mobilização da carga afetiva que o leve a conseguir acessar o Sagrado como hoje é possível fazer presencialmente nos rituais?

Por outro lado, vimos que, para o estudante rosacruz, o espaço do Sagrado amplia-se pela sacralização do Sanctum Privado, pois ali, mesmo individualmente, também nos aproximamos da Consciência Cósmica e da grande Egrégora da AMORC. Ou seja, a própria Ordem já legitima a consagração de um espaço individual (virtual) como um espaço equiparado ao espaço físico de território do Sagrado, abrindo caminho para pensarmos na edificação desse mesmo espaço nesse novo Nível de Realidade, o Ciberespaço; portanto teríamos um Ciberespaço Sagrado.

A AMORC incentiva que seus estudantes sejam “pontos de interrogação ambulantes”. Por isso estas reflexões nos parecem fundamentais. Penso que possam trazer certo incômodo, mas não podemos nos furtar a elas. Afinal de contas, a AMORC é uma grande inovadora da Tradição, pois enviar seus ensinamentos por correio no início do século XX foi algo que deixou muitos tradicionalistas incomodados.

A complexidade do novo mundo em processo é, portanto,

a nova perspectiva por meio da qual o novo conhecimento deve ser procurado. É essa a grande bandeira que Edgar Morin vem levantando em sua cruzada pelo mundo, instigando as pesquisas de um novo saber e apontando o pensamento complexo e o método transdisciplinar como um dos possíveis caminhos de busca.

Independentemente do meio de transmissão utilizado, devemos ter como certo que a centralidade do Sagrado na AMORC tem seus princípios, formas e os conteúdos que podem ser considerados como fonte de conhecimento do modo como se apresentam à consciência. O Sagrado não está apenas na percepção imediata das formas e do seu conteúdo, mas também nos atos que suscitam a consciência, sendo possível admitirmos que, através deles, se crie uma determinada expressão do sagrado no âmbito do pensamento.

Assim sendo, parece correto afirmar que qualquer que seja o espaço Sagrado utilizado nos rituais Rosacruz, devemos ter como basilar que a efetiva participação nos rituais rosacruz, tanto por parte dos Oficiais Ritualísticos e Iniciáticos quanto dos Frades e Sorores, permite que todos de lá saiam com sua visão ampliada da realidade, aumentando sua capacidade de entender e vivenciar esse aspecto fundamental da existência. Neste momento, o próprio Templo, real ou virtual, é um símbolo amplificado e consagrado, e só se mantém assim por nossos pensamentos e atitudes que devem ser, a todo momento, voltados para nosso crescimento individual e coletivo.

Referências Bibliográficas

AMORC, Ordem Rosacruz, disponível em www.amorc.org.br acessado em 25.05.2010.

AMORC (b) *Origem Romântica dos Templos Rosacruz*, Discurso, série.

- AMORC: Curitiba, s.d.
- BERNI, Luiz Eduardo V. *O Sagrado como Elemento Paradoxal da Transdisciplinaridade*. CETRANS – Centro de Educação Transdisciplinar disponível em <http://cetrans.com.br/textos/artigos/o-sagrado-como-elemento-paradoxal-transd.pdf> acessado em 01.06.2010.
- CAMPBELL, J. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas, 1990.
- CASSIRER, E. *Ensaio Sobre o Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CASTELLS, Manoel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. *Novas Atitudes Mentais*. Círculo de Leitores, 1998.
- Correio Brasilense, 26.06.2010. *Projeção holográfica sai da ficção e começa a se incorporar à vida cotidiana*. Disponível em <http://www.correiobrasiliense.com.br/app/> acessado em 01.06.2010.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.
- ELIADE, M. *Aspectos do Mito*. Lisboa: Edições70, 1995.
- _____. *O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GUÉNON, R. *Os símbolos da ciência sagrada*. São Paulo: Pensamento, 1989.
- JUNG, Carl Gustav. *A Psicologia Analítica e a Justificação do Mito*. São Paulo: Artes Médicas, 1998.
- LEVY, Pierre *A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1997.
- MAFFESOLI, Michel. Religião Imaginal. In: ARAUJO, Denize Correa (org.). *Imagem (Ir)realidade – comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 256.
- MORAN, José Manuel. *Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologia*. Informática na Educação: Teoria & Prática/ Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. – v. 3, (set 2000). Porto Alegre: UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, 2000. v. pp. 137/144.
- MORIN, Edgar. *Complexidade e Transdisciplinaridade*. Natal: EDUFRRN, 1999.
- _____. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- PHELPS, Ruth. *Glossário Rosacruz*. Curitiba: GLB, 1967.
- RIVIÈRE, C. *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Edições70, 2000.
- ROSENDAHL, Zenny. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

SILVA, Josiberti Flávio Ap. Monteiro. *Inclusão On-Line: Curso Via Internet Sobre Inclusão Escolar para Alunos de Licenciatura no Contexto da Universidade Pública*. (2005). Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/135tcf3.pdf> acessado em 01.06.2010.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

Nota

- ¹ Templo Rosacruz no Secound Life, Youtube.com disponível em http://www.youtube.com/watch?v=keJ0RsINYqs&feature=Playlist&p=0FD6D1FD0BAE02E3&playnext_from=PL&playnext=1&index=12

O voluntariado na Ordem Rosacruz, AMORC

Aluísio Ferreira Gomes, Mestrando em Gestão do Desenvolvimento Local e Sustentável (UPE), Especialista em Docência do Ensino Superior (UPE), MBA em Liderança Empresarial (ONU/EBD – Ministério das Relações Exteriores), Licenciatura em Letras (UPE); Professor Universitário na FACAPE, Petrolina/PE, Coordenador da URCI, Seção(J) Ciências Sociais Aplicadas.

Introdução

A sociedade atual, centrada no consumo, é marcada pela falta de ética, parecendo ter-se esquecido dos valores humanos. Em cada esquina das grandes cidades brasileiras é possível encontrar pedintes, e o degrau social, marca registrada da sociedade brasileira, parece se acentuar. Neste panorama, a figura do voluntário se destaca, trazendo à tona uma atitude paradoxal e uma esperança num mundo mais fraterno.

Seriam, então, os rosacruz voluntários? A AMORC incentiva essa prática? Este artigo busca responder estas questões como forma de fomentar a temática, enfatizando seu necessário desenvolvimento.

1. Uma visão panorâmica da sociedade atual

A sociedade está se dirigindo para um caminho em que os valores humanos como solidariedade, coletividade, caridade e compaixão estão cada vez mais esquecidos. De acordo com Martinelli (1992), a nova geração vive tempos violentos, de-

sesperados e críticos, e isso acontece pelo fato de grande parte da humanidade ter esquecido valores coletivos, centrando-se na busca dos valores individuais como o bem estar familiar e pessoal, esquecendo-se, assim, do próximo.

Ao considerar a questão, o Dalai Lama (2000) afirma que os problemas de hoje são vividos e causados por uma falta de ética. Assim, faz um apelo para que a sociedade fique o mais distante possível da habitual preocupação com o seu próprio eu e se volte para a ampla comunidade de seres com os quais está ligada. Ainda segundo o autor, alguns podem afirmar que o homem se surpreende com o que está acontecendo a sua volta, porém não age, sofrendo de uma espécie de dormência que o torna capaz de chorar quando vê um menino se drogando, e no entanto, dentro de alguns instantes, voltar para casa e apagar aquela cena de sua memória.

Como forma de combater esse esquecimento, organizações têm incentivado a prática do voluntariado entre seus colaboradores. Desta forma, o trabalho voluntário tem se tornado um importante fator de crescimento das organizações não-governamentais (ONGs), que compõem o chamado Terceiro Setor, contribuindo para o fomento de uma sociedade mais justa e igualitária.

2. A importância do voluntariado no Brasil e no mundo

Pode-se conceituar voluntariado como “toda atividade desempenhada no uso e gozo da autonomia do prestador do serviço ou trabalho, sem recebimento de qualquer contraprestação que importe em remuneração ou auferimento de lucro”.¹

Em sentido amplo, esta atividade inicia-se no Brasil com a fundação da primeira Casa de Misericórdia por padres e freiras

de missões católicas, na Vila de Santos, em 1543, quando o país ainda era uma colônia portuguesa.

Não há dúvida ao se afirmar que a Igreja teve um papel de destaque nas ações voluntárias, tanto no Brasil como no mundo. Muitos autores identificam essa atuação como o início do voluntariado:

As primeiras igrejas cristãs criaram fundos para apoio às viúvas, órfãos, enfermos, pobres, deficientes e prisioneiros. Esperava-se que os fiéis levassem donativos voluntariamente, os quais eram colocados na mesa do Senhor para que os necessitados pudessem recebê-los das mãos de Deus. Os primeiros legados foram autorizados pelo imperador Constantino I, no ano 311 d. C., possibilitando a doação de recursos para caridade. No mundo islâmico, a filantropia foi usada para montar grandes hospitais. Exemplos remotos de fundos de miséria também partiram do Islamismo, quando pacientes indigentes recebiam cinco peças de ouro assim que recebessem alta (HUDSON, 1999, 2).

Mas foi preciso que um longo tempo decorresse até que o voluntariado fosse reconhecido com uma das ações mais importantes para o equilíbrio social. No Brasil sua consolidação remonta ao início dos anos 1990. De acordo com Peliano (2001), aquela década foi marcada pela confluência de vários processos: a abertura da economia, privatização das empresas estatais, crise política e econômica, fortalecimento da sociedade civil, maior envolvimento das ONGs e busca de melhoria na qualidade dos processos de gestão das empresas nacionais – acompanhados de mudanças no mercado de trabalho, redução na capacidade de atuação do Estado e crescente envolvimento das empresas privadas em ações sociais. “No centro desse movimento destacou-se a participação de Herbert de Souza, o Betinho, então presidente do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), que lançou ampla campanha nacional convocando as empresas

públicas e privadas para maior engajamento no combate à miséria e na elaboração de seu balanço social” (PELIANO, 2001, 20).

Atualmente, segundo dados do Portal IDIS² através de pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2003 o Brasil possuía 42 milhões de voluntários.

3. O Voluntariado na AMORC

A escolha do ano de 2001, pela ONU, como *Ano Internacional do Voluntariado*, representou o reconhecimento internacional da atividade como fenômeno contemporâneo e global. Esta celebração foi uma oportunidade aproveitada para consolidar o voluntariado no Brasil como componente essencial de uma sociedade cada vez mais democrática e participativa.

A AMORC, naquele ano, através do chamado da ONU e do Governo Brasileiro, envolveu-se com a causa e conclamou seus membros para a ação. A Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa, por meio de artigo de autoria da soror Mercedes Parucker, enviado em anexo a uma carta do Grande Mestre, Charles V. Parucker, endereçada aos membros, demonstra esse envolvimento. Esse documento é bastante significativo do posicionamento da AMORC frente à questão.

O Código Rosacruz de Vida é uma demonstração pura e simples de voluntariado. Diz o código XIX: 'Presta assistência a qualquer ser humano, a despeito de raça, credo ou cor, sempre que puder ajudar direta ou indiretamente, em qualquer emergência. Se não puder auxiliar pessoalmente, interceda para que lhe seja prestada ajuda. Em silêncio e em paz, realize seu trabalho, preste seu serviço, e retire-se sem alarde. [...] 'Alertando-nos para o valor das pequenas ações, para a humildade e discrição do serviço, ainda temos outro convite à ação voluntária ideal no XI Código Rosacruz: 'Procure repartir aquilo que possa dispensar, ainda que modesto e em pequenas quantidades. Procure descobrir onde aquilo que você dá ou faz seja uma benção para uma ou mais pessoa e, ao realizar esse dever, afaste

a ideia de qualquer glorificação pessoal...' (PARUCKER, 2001, p. 3).

Embora não trate diretamente do assunto, o *Positio Fraternitatis Rosae Crucis*, conhecido como o “Quarto Manifesto Rosacruz”, publicado também em 2001, pode ser bastante significativo quanto ao posicionamento da AMORC frente às questões humanitárias e, desta forma, lança as bases para as ações de voluntariado de seus membros, na medida em que enfatiza a necessidade de serem buscadas atitudes condizentes para a construção de uma sociedade mais humanitária.

Mas, da mesma forma que enfatiza o voluntariado, a Ordem procura resguardar seus limites. Isso está particularmente expresso nas normas administrativas da instituição, constantes no “Manual Administrativo da Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa (GLP)” que, respeitando a privacidade de seus membros, enfatiza: “não se deve exigir que os membros voluntários executem tarefas acima de sua capacidade nem que venham a prejudicar a sua vida familiar ou profissional” (AMORC).

No website da Loja Rosacruz São Paulo, o significado do trabalho voluntário dentro da AMORC fica bem explicitado: “Na Ordem Rosacruz o trabalho voluntário tem um significado ainda maior, pois um de nossos pilares é o SERVIR. Todo estudante rosacruz pode fazer um trabalho altruístico nos Organismos Afiliados, mas deve lembrar-se sempre de se engajar onde o seu talento for melhor aproveitado. Sua vida particular não pode ser invadida pelo trabalho voluntário”.³

A AMORC é um grande sucesso no Brasil e nos países de língua portuguesa, Portugal e Angola, que compõem a GLP. Isso é uma verdade graças à ação Servidora e Voluntária de

seus abnegados membros que há décadas atuam silenciosamente na construção dessa organização.

Considerações Finais

Acredita-se ter apresentado nesta reflexão a importância do voluntariado para a criação de uma sociedade mais justa. A Ordem Rosacruz, AMORC, é uma organização humanitária e fraterna que incentiva seus membros ao serviço voluntário, seja dentro ou fora da organização. Procura respeitar os direitos do voluntário para que essa nobre ação seja preservada em sua essência, que é, certamente, divina. Esse incentivo é intrínseco ao trabalho rosacruz praticado na AMORC, seja por meio dos ensinamentos distribuídos aos membros nas monografias e códigos, seja nos manuais utilizados para orientar os voluntários que prestam serviço nos Organismos Afiliados espalhados pela jurisdição, ou seja nos rituais, pois uma das principais ações do rosacruz é a Alquimia Mental praticada nas ações ritualísticas em muitos deles.

Bibliografia e Referências

- AMORC, Ordem Rosacruz, Positio Fraternitatis Rosae Crucis. Curitiba: AMORC-GLP, ago. 2001.
- _____. Manual Administrativo da Jurisdição de Língua Portuguesa. Curitiba: AMORC-GLP, s.d.
- AMORC, Loja Rosacruz São Paulo, “**Voluntariado**”, disponível em <http://lojasaopaulo.amorc.org.br/paginas/voluntariado.html> acessado em 04.06.2010.
- DALAI LAMA. Uma Ética para um Novo Milênio. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DOMENEGHETTI, Ana Maria Martins de Souza. Voluntariado: Gestão do Trabalho Voluntário em Organizações sem Fins Lucrativos. São Paulo: Esfera, 2001.
- FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS. Normas para apresentação de monografia. 3. ed. Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Biblioteca Karl A. Boedecker. São Paulo: FGV-EAESP, 2003. 95 p. Disponível em: <www.fgvsp.br/biblioteca>. Acesso em: 23 mai. 2004.

- HUDSON, Mike. Administrando Organizações do Terceiro Setor. São Paulo: Makron Books, 1999.
- MARTINELLI, Marilu. Aulas de Transformação: O Programa de Educação em Valores Humanos. São Paulo: Peirópolis, 1992.
- MEISTER, José Antônio Fracalossi. Voluntariado: Uma Ação com Sentido. Porto Alegre: PUC-RS, 2003.
- PARUCKER, Mercedes Palma. “Ano do voluntariado – Tempo de doar-se”. Artigo endereçado aos membros anexo à Carta do Grande Mestre, Charles Vega Parucker datada de 27 de março de 2001.
- PELIANO, Ana Maria T. Medeiros (coord.). Bondade ou interesse? Como e por que as empresas atuam na área social. Brasília: IPEA, 2001.
- PORTAL IDIS. “Voluntariado mobiliza 23% dos cidadãos brasileiros; 65% das empresas dizem apoiar o voluntariado de seus funcionários.” Disponível em: <<http://www.idis.org.br/acontece/noticias/voluntariado-mobiliza-23-dos-cidadaos-brasileiros-65-das-empresas-dizem-apoiar-o-voluntariado-de-seus-funcionarios>. 10/8/2006>. Acesso 1 de jun. 2010.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é Pós-Moderno. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- Col.Pri.
- WIKIPÉDIA “Trabalho Voluntário” Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_volunt%C3%A1rio acessado em 25.04.2010.

Notas

1 http://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_volunt%C3%A1rio

2 <http://www.idis.org.br/>

³ <http://lojasaopaulo.amorc.org.br/paginas/voluntariado.html>

A Transdisciplinaridade e sua importância para o diálogo com as tradições e a sustentabilidade do planeta

Ubiratan D'Ambrosio, matemático (USP), um dos pioneiros no estudo da etnomatemática. Lecionou em várias universidades do país e do exterior dentre as quais destacam-se: USP, UNICAMP, UNESP, Brown University. Foi Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário da UNICAMP (1982-90), Diretor do Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação da mesma (1972-80), Chefe da Unidade de Melhoramento de Sistemas Educativos da Organização de Estados Americanos, Washington, Presidente Honorário da Sociedade Brasileira de História da Ciência/SBHC; Seu nome figura como signatário de importantes documentos no mundo da ciência, como a Declaração de Veneza de 1986 e Carta da Transdisciplinaridade de 1994. Junto com Edgar Morin e Basarab Nicolescu, fundou o Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires (CIRET). Em 2001, foi agraciado pela Comissão Internacional de História da Matemática com a medalha Kenneth O'May, por importantes contribuições na área de História da Matemática; em 2005, foi agraciado com a Medalha Felix Kelvin pela Comissão Internacional de Instrução Matemática.

Tradições e sustentabilidade

Essa é uma questão essencialmente política. Pergunta-se, com frequência, que atitudes, que pesquisas e que ações a academia pode sugerir? Acredito que a resposta depende de um reconhecimento da relação entre sistemas de conhecimento e valores humanos. Tradições e sustentabilidade dependem do relacionamento do homem com a natureza, que

é, necessariamente, uma relação de conflito. Desde o início esclareço que utilizo a palavra conflito como algo inerente à diversidade e à diferença entre indivíduos que coexistem. Há diferentes necessidades, diferentes interesses, diferentes expectativas. Por extensão, usam-se as expressões conflitos interiores ou intrapsíquicos na psicanálise.

A mesma realidade, que é constituída de fatos e fenômenos, incluindo mitos, misticidade e mitistória, informa diferentemente indivíduos diferentes, provocando estímulos e reações diferentes, da qual resultam ações em geral conflitantes, muitas vezes mutuamente excludentes. Como exemplo, a realidade visível dá, a um determinado indivíduo, informações que dependem da sua acuidade visual.

Entendemos natureza no sentido amplo, incluindo a Terra, ar e águas, solo e minerais, e todas as espécies vivas. O fenômeno vida pode ser explicado como a essencialidade mútua desses elementos. Cada elemento provê, para os outros, o que é essencial para a sustentabilidade de todas as espécies vivas, em particular do homem. Há, obviamente, uma relação de conflito. Respirar significa inalar ar com certas propriedades químicas e exalar ar com propriedades diversas. O mesmo se dá com a água. Para se alimentar, elimina-se uma vida e devolve-se à natureza dejetos. O processamento físico-químico, pelo corpo, de substâncias ingeridas, que ocorre nas células, tecidos, órgãos e sistemas dos seres vivos, é a essência da vida. O encontro com o outro da mesma espécie, mas com características individuais necessariamente distintas – macho e fêmea - é o que garante a continuidade da espécie. Numa mesma espécie, indivíduos dependem e devem conviver com outros diferentes. A existência e a essencialidade do outro diferente

são absolutamente necessárias para a continuidade de uma espécie. Individualidade e alteridade devem necessariamente conviver, embora tendo reações conflituosas. A convivência de diferentes, e mesmo a sobrevivência das espécies, depende da resolução de conflitos.

As tradições de um grupo cultural tendem a uma forma de continuidade, no sentido de manter modelos de conhecimento e comportamento, conseqüentemente de produção, consumo e serviços, estabelecidos ao longo da história do grupo. O conceito de desenvolvimento implica mudanças, em resposta à busca de bem-estar de um grupo. Com a intensa ampliação dos meios de comunicação e informação, padrões de bem-estar são qualitativamente comparados e a resposta é ampliar as possibilidades de criar melhores condições de produção, consumo e serviços. Desenvolvimento é a resposta a isso e se pauta por indicadores sociais, culturais, políticos e econômicos. Graças ao desenvolvimento, consegue-se a satisfação das necessidades da sociedade. Mas é importante que a satisfação das necessidades no presente não comprometa os recursos naturais, de modo que as necessidades do amanhã e principalmente das futuras gerações sejam atendidas. Conseguir isso é o que se denomina desenvolvimento sustentável. É comum que a busca de desenvolvimento ameace a sustentabilidade do planeta.

A organização não governamental INES / *International Network of Scientists and Engineers for Global Responsibility* (www.inesglobal.com) realizou, em março de 2008, uma reunião na UNAM/Universidad Nacional Autónoma de México, da qual resultou a OAXTEPEC DECLARATION: *Science for Peace and Sustainability*. A Declaração é um apelo aos engenheiros

e cientistas para se lograr sociedades sustentáveis. <http://www.inesglobal.com/download.php?f=0215d7fabad21385965da-9fc6bc53864>

A Declaração começa reconhecendo que o conceito de sustentabilidade é baseado em valores e no sistema de conhecimentos que deve focalizar harmonia com a natureza e não domínio sobre ela. Qualquer análise global do estado do mundo nos mostra que a prática corrente de domínio sobre a natureza é falida e conduz ao colapso total do planeta. Os engenheiros e cientistas signatários da Declaração da INES fazem um apelo para que seus colegas desenvolvam ações com esse foco.

Um processo de desenvolvimento objetivando sustentabilidade deve tomar em consideração os seguintes pontos:

- proteção da integridade da biosfera;
- uso eficaz de recursos;
- autodependência;
- democracia participativa;
- comércio justo;
- paz e não violência.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que ciência e tecnologia oferecem os instrumentos que permitem atingir todos esses pontos, o que temos visto é a ciência e a tecnologia sendo utilizadas de um modo que tem consequências opostas. A que se atribui isso? As ciências e, conseqüentemente, a tecnologia, atingiram seu estágio de desenvolvimento graças a análises e práticas reducionistas, favorecendo, assim, uma percepção selecionadora dos problemas e, portanto, a especialização. O que se nota é que as soluções propostas não atingem a meta essencial de um enfoque integrado. Faz-se necessária uma

reorientação das ciências e da tecnologia, baseada numa integração dos vários modos de conhecimento, transcendendo as culturas e as disciplinas.

É da maior importância o reconhecimento que educação é a melhor estratégia para se preparar gerações futuras para uma outra atitude com relação ao imediatismo na satisfação de necessidades e desejos.¹

Sistemas de conhecimento

Vou examinar o conceito de análises e práticas reducionistas e fazer uma proposta numa direção reconhecidamente necessária.

O sistema de conhecimentos dominante, denominado Ciência Moderna e que se desenvolveu a partir das culturas mediterrâneas, caracteriza-se por ter aprofundado uma percepção do cosmos, do planeta e da natureza que vê os seres humanos como uma espécie privilegiada, detentores de razão. Esse conhecimento acarreta um comportamento ditado por privilégios. Os vários corpos de conhecimento, estruturados segundo a dimensão racional, passaram a ser denominados ciências, que acabaram sendo identificadas com conhecimento. As demais dimensões compõem no que são chamadas as tradições.

A civilização ocidental tem privilegiado o existencial e o factível e construído sistemas de conhecimento visando sua sobrevivência. As próprias ciências, a tecnologia e o que é hoje chamada tecnociência criaram os instrumentos que possibilitam antever o perigo de extinção da espécie. A alternativa de uma espécie modificada, que tem sido contemplada na ficção, é hoje uma possibilidade.

Pergunta-se por que esse roteiro na busca do conhecimento ocidental chegou a perspectivas tão assustadoras? Pura e

simplesmente porque o caminho da humanidade não tem tido sucesso?

É na história do conhecimento que vamos identificar as distorções e os novos caminhos possíveis. Obviamente, essa história não pode se restringir a uma visão parcial, epistemologicamente comprometida. Torna-se assim necessário o diálogo que começa a se abrir entre as ciências e as tradições.

A primeira lição que aprendemos da História é que a busca de sobreviver se complementa com a busca de transcender o existencial (passado e futuro) e o factível (explicável e inexplicável). A busca de compreensão do mundo na sua integralidade exige que as dimensões de sobrevivência e de transcendência se complementem.

A organização atual dos diversos corpos de conhecimento repousa nas disciplinas, caracterizadas por métodos específicos para lidar com objetos de estudo bem definidos.

Rapidamente, o conhecimento disciplinar mostrou-se insuficiente para lidar com os complexos fenômenos da realidade e passou-se a praticar um modelo multidisciplinar, no qual se procura reunir resultados obtidos mediante o enfoque disciplinar para lidar com situações mais complexas. Igualmente, o enfoque multidisciplinar foi incapaz de explicar e de lidar com o crescente reconhecimento da complexidade dos fenômenos naturais e sociais.

É curioso notar que, a partir de uma visão global dos fenômenos, foi proposta a organização disciplinar dos conhecimentos e imediatamente a multidisciplinar. Esse próprio enfoque criou a possibilidade de se reconhecer a complexidade

dos fenômenos, que resistiam aos métodos das várias disciplinas isoladamente.

Surge então a interdisciplinaridade, na qual não apenas se transferem e se combinam resultados de algumas disciplinas, mas também se combinam métodos de várias disciplinas e, conseqüentemente, se identificam novos objetos de estudo.

Chega-se assim a possibilidades de explicações de inúmeros fenômenos e de realizações notáveis. Os espantosos avanços das ciências e da tecnologia, produto da interdisciplinaridade, dão ao homem a ilusão de onipotência e de omnisciência. Pura ilusão!

Há limites para o conhecimento? Haverá a possibilidade de um sistema total de conhecimento ou, como costumam dizer os físicos, de uma teoria de tudo? Creio que não. Mesmo na prática interdisciplinar, que hoje está presente na pesquisa científica, procura-se, sem possibilidade de sucesso. Todos os avanços não permitem superar a angústia da ameaça de extinção que pesa sobre a humanidade.

Haverá a possibilidade de outras opções além da interdisciplinaridade? Não se pode excluir a possibilidade de existirem outros sistemas de conhecimento, nos quais a fragmentação do saber não tenha sido tão rígida quanto o que vemos no sistema de conhecimento ocidental. Esses sistemas de conhecimento, supérstites em algumas culturas, muitos dos quais aprimorados, outros desfigurados pela exposição com a civilização ocidental, encontram-se nas tradições. É bem possível que esses sistemas poderão contribuir para a superação do impasse existencial.

Do encontro das ciências e das tradições resultam transformações profundas dos sistemas de explicações. Essas trans-

formações têm sido notadas no desenvolvimento científico e tecnológico, nos sistemas de comunicação e de transporte, nos meios de produção e no próprio conceito de propriedade. Um questionamento frequente se refere à universalidade dessas transformações. Há indicadores de que esse encontro é efetivamente um movimento planetário, prenúncio de uma civilização planetária.

O conhecimento é então encarado como modos, estilos, técnicas de explicar, de conhecer, de lidar com a realidade como ela se manifesta em distintos ambientes naturais e culturais. Obviamente, esses modos, estilos e técnicas não se realizam no modelo disciplinar, nem mesmo nos seus variantes da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. Exigem uma visão transdisciplinar do conhecimento.

A proposta da transdisciplinaridade

A transdisciplinaridade leva o indivíduo a tomar consciência da essencialidade do outro e da sua inserção na realidade social, natural, planetária e cósmica. Uma consequência imediata da essencialidade é que a inserção só pode dar-se através de um relacionamento de respeito, solidariedade e cooperação com o outro, conseqüentemente com a sociedade, com a natureza e com o planeta; todos e tudo integrados na realidade cósmica. Esse é o despertar da consciência na aquisição do conhecimento. A grande transformação pela qual passa a humanidade é o encontro do conhecimento e da consciência.

Qual a oportunidade que a academia tem tido de refletir sobre essas questões? É possível que o “Fórum de Ciências e Cultura da UNESCO”, que se reuniu em Veneza em 1986, tenha sido a primeira grande oportunidade de se propor uma

visão transdisciplinar. O tema do fórum, “Encontro das Ciências e das Tradições”, e a composição de sua participação foram inegavelmente fatores essenciais para uma nova postura com relação ao conhecimento. A Declaração de Veneza, que foi um resultado do Fórum, abriu as possibilidades de reflexões transdisciplinares. Ver:

http://www.redebrasileiradetransdisciplinaridade.net/file.php/1/Documentos_da_Transdisciplinaridade/Declaracao_de_Veneza_1986.doc

Claro que a transdisciplinaridade não constitui uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências e, muito menos, uma nova postura religiosa. Nem é, como muitos insistem em mostrá-la, um modismo. O essencial na transdisciplinaridade reside numa postura de reconhecimento que não há espaço e tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar como mais correto ou mais certo ou mais verdadeiro os complexos de explicação e convivência com a realidade que nos cerca. Ao reconhecer que não se pode atingir um conhecimento final e, portanto, dever estar em permanente evolução, a transdisciplinaridade repousa sobre uma atitude aberta, de respeito mútuo e mesmo humildade com relação a mitos, religiões e sistemas de explicações e conhecimentos, rejeitando qualquer tipo de arrogância e prepotência. A transdisciplinaridade é, na sua essência, transcultural. Exige a participação de todos, vindo de todas as regiões do planeta, de tradições culturais e formação e experiência profissional as mais diversas.

A essência da proposta transdisciplinar parte de um reconhecimento que a atual proliferação das disciplinas e especialidades acadêmicas e não-acadêmicas conduz a um crescimento incontestável do poder associado a detentores desses conhe-

cimentos fragmentados, podendo assim agravar a crescente iniquidade entre indivíduos, comunidades, nações e países. Além disso, o conhecimento fragmentado dificilmente poderá dar a seus detentores a capacidade de reconhecer e enfrentar os problemas e situações novas, que emergem de um mundo a cuja complexidade natural acrescenta-se a complexidade resultante desse próprio conhecimento transformado em ação que incorpora novos fatos à realidade, através da tecnologia.

Eliminar arrogância, inveja e prepotência e adotar respeito, solidariedade e cooperação é a ideia de base na busca do conhecimento transdisciplinar. Busca-se um pacto moral entre todos os homens definitivamente interessados numa nova perspectiva de futuro para a humanidade, através de uma ética total.

O princípio essencial é restabelecer a integridade do homem e do conhecimento, integrando sensorial + místico + emocional + intuitivo + racional na totalidade mente + corpo + cosmos mediante a ética da diversidade: respeito, solidariedade e cooperação.

Um enfoque teórico

Para prosseguir, necessitamos um enfoque teórico. Teorias resultam da escolha de categorias de análise. Para abordar a problemática do conhecimento, trabalho com categorias que permitem entender a natureza humana e o fenômeno conhecimento, que é característico da nossa espécie. Nenhuma outra espécie animal revela conhecimento com as características da humana.

Devemos entender primeiramente o que é vida e como o ser humano se comporta como uma espécie diferenciada.

Minha visão de homem repousa sobre a análise das seguintes categorias:

- COSMOS
- PLANETA
- VIDA, COMO A RESOLUÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE CADA INDIVÍDUO, OUTRO(s) e A NATUREZA
- SOBREVIVÊNCIA DO INDIVÍDUO E DA ESPÉCIE
- HOMEM, COMO UMA ESPÉCIE DIFERENCIADA
- TRANSCENDÊNCIA
- INTERMEDIACÕES, CRIADAS PELO HOMEM, ENTRE INDIVÍDUO, OUTRO(s) e NATUREZA.
- COMUNICAÇÃO
- COMPORTAMENTO
- CONHECIMENTO
- CONSCIÊNCIA e ÉTICA

O problema fundamental é entender a relação entre o indivíduo e o seu comportamento, isto é, entre O SER HUMANO [*substantivo*] e SER HUMANO [*verbo*].

Ao longo da sua curta história, o homem tem procurado explicações sobre:

- quem é – – e tem se acreditado o favorito de algum deus;
- o que é – – e tem se acreditado um sistema complexo de músculos, ossos, nervos e humores;
- como é – – e tem se acreditado uma anatomia com vontade;
- quanto pode – – e tem se acreditado sem limitações à sua vontade e ambição.

Procurando entender quem é, o que é e como é, o homem constrói sistemas de explicações que se organizam como his-

tória, religião, ciência, arte. E, na explicação do quanto pode, concebe o poder. Essas explicações determinam a construção de modos de comportamento e de conhecimento.

Temos avançado muito no conhecimento do ser humano. Mas a grande angústia existencial resulta de não se encontrar uma resposta satisfatória à questão maior “por que sou?” Na verdade, nem mesmo se propõe essa questão. Mas é ela que dá razão à nossa existência e é igualmente ela a causa de contradições na qualidade de ser humano.

As violações da dignidade humana na civilização moderna que chegam até a exclusão e mesmo eliminação de indivíduos levam alguns a duvidarem da viabilidade de uma sociedade equitativa. A agressividade desmesurada contra a natureza põe em risco a continuidade da espécie.

As distorções da maneira como o homem tem se acreditado induzem poder, prepotência, ganância, inveja, avareza, arrogância e indiferença. Neste trabalho, vou refletir sobre o comportamento a partir do exame do conhecimento.

O conhecimento tem sido utilizado para justificar nossas ações, muitas vezes desencorajando críticas e dando um caráter de verdade absoluta a crenças. Isso é particularmente notado no pensamento ocidental, fragmentado em disciplinas.

O grande pensador Sri Aurobindo (1872-1950) escreveu, numa das mais interessantes apreciações da cultura ocidental que conheço, o seguinte:

“Para a filosofia ocidental, uma crença intelectual fixa é a parte mais importante de um culto, é a essência de seu significado e o que o distingue dos outros. Assim, as crenças formuladas fazem verdadeira

ou falsa uma religião [uma teoria, uma filosofia, uma ciência] de acordo com sua concordância ou não com o credo de seus críticos”.²

O comportamento e o conhecimento constroem-se sobre crenças intelectuais basilares, geralmente chamadas paradigmas. Comportar-se e conhecer são identificados com o fazer e o saber. Na filosofia ocidental, que culmina com a chamada filosofia moderna, fazer e saber são tratados como ações distintas. O fazer está associado ao material, ao corpo, ao manual e, nas relações de trabalho, ao colarinho azul. O saber está associado ao espiritual, à mente, ao intelectual, ao colarinho branco.

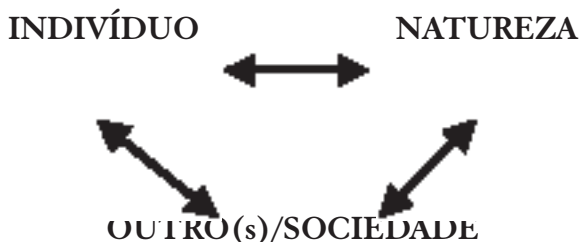
As consequências dessa dicotomia e a valorização do saber sobre o fazer são evidentes na organização da sociedade moderna, na economia e na própria burocracia.³ Todo um processo de exclusão e de hierarquização está ancorado nessa dicotomia. Quem sabe, manda, e o fazer é interpretado como um ato de obediência.

A vida como uma tríade

O fenômeno vida é inconcluso e complexo, estando em permanente transformação e sujeito a uma dinâmica da qual ainda sabemos pouco.

Identifico três fatos fundamentais para que a vida se realize, que são o indivíduo, o outro indivíduo (e por extensão outros indivíduos, isto é, a sociedade) e a natureza, e as relações entre esses três fatos. Assim, a vida depende de seis elementos. A ausência ou a interrupção de qualquer desses seis elementos resulta no extermínio da vida. Metaforicamente, é como um triângulo cuja existência é determinada por três vértices e três lados. Usando essa metáfora, chamo esse o TRIÂNGULO

PRIMORDIAL. Graficamente,



[subentende-se *indivíduo* e *outro* como sendo da mesma espécie e *natureza* como a totalidade planetária e cósmica]

Os três componentes, o INDIVÍDUO, o(s) OUTRO(s) e a NATUREZA, são mutuamente essenciais. Vida significa a resolução desse triângulo indissolúvel. Nenhum dos três componentes tem qualquer significado sem os demais.

O indivíduo é um organismo vivo, complexo na sua definição e no funcionamento de seu corpo, que age em coordenação com o cérebro, órgão responsável pela organização e execução de suas ações. Um corpo e um cérebro mutuamente essenciais; uma só entidade.

Os diferentes órgãos de um indivíduo interagem para manter o organismo vivo. Mas essa interação não pode se limitar ao organismo. Na verdade, a interação não pode ser no organismo, mas na tríade indivíduo/outro/natureza. Essa interdependência mútua é que deve servir de fundamento para entender a vida e o comportamento dos seres vivos.

Em todas as espécies, na busca de sobrevivência, o indivíduo se sujeita a comportamentos vitais básicos [meios]:

- ◆ reconhece o outro,

- ◆ aprende,
- ◆ é ensinado,
- ◆ adapta-se

e cruza com os objetivos [fins] de sobreviver e de dar continuidade à espécie.

Uma questão maior, ainda não respondida, é “Quais as forças que levam os seres vivos a esses comportamentos vitais?”⁴

O homem, como todo organismo vivo, é complexo na sua definição e no seu funcionamento, e está sujeito aos mesmos comportamentos vitais básicos de todo ser vivo. Busca sobrevivência, e a sobrevivência depende da resolução do triângulo da vida, que se dá no momento e no local. É uma ação no presente espacial e temporal. Espaço e tempo significam o aqui e o agora.

Mas, diferentemente dos demais seres vivos e mesmo das espécies mais próximas, o homem busca algo além da sobrevivência. Algumas vezes até rejeita sua sobrevivência.⁵

Esse algo mais é a superação do presente, estendendo sua percepção de espaço e de tempo para além do presente e do visível. O homem incursiona no passado e no futuro, indaga sobre o quê e como foi, e sobre o quê e como será. Procura explicações sobre o passado e predições sobre o futuro, transcendendo espaço e tempo e criando representações sobre o que não vê.

A busca desse algo mais leva a indagar sobre o fenômeno vida, para o que é necessário conhecer o cosmos e o nosso habitat - o planeta Terra. O cosmos tem sido uma das grandes indagações do ser humano. Explicar o cosmos tem sido uma

das primeiras motivações para construir sistemas de conhecimento. Inserido no cosmos está o nosso planeta, a Terra. Tem havido muito progresso nas explicações sobre o cosmos e o planeta Terra, e consequentemente sobre o fenômeno vida, sempre revelando incertezas e contradições.

As intermediações criadas pela espécie humana

Onde se situa a diferença de comportamento entre a espécie humana e as demais espécies?

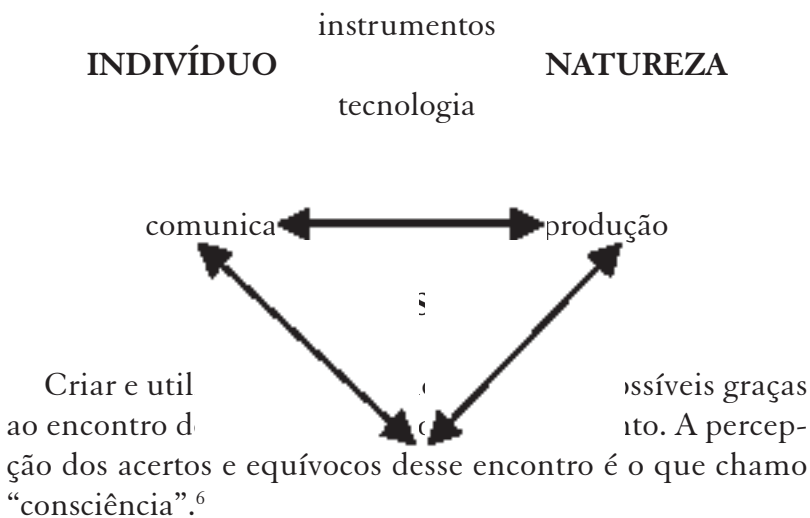
O comportamento humano resulta de dois grandes pulsões:

1. sobrevivência, do indivíduo e da espécie, comum a toda espécie viva, já discutido antes e que se situa na dimensão do momento;
2. transcendência do espaço e do tempo, exclusividade da espécie humana, e que se situa numa outra dimensão, levando o homem a indagar “porquê?”, “como?”, “onde?”, “quando?”.

Sobrevivência e transcendência guardam uma relação simbiótica e distinguem o ser humano das demais espécies. Na resposta aos pulsões de sobrevivência e de transcendência surgem intermediações nas relações essenciais do indivíduo com a natureza e com o(s) outro(s), e o homem incursiona no passado, buscando explicações, e no futuro, buscando predições. Nesse incursionar, gera conhecimento, que é reconhecido nas habilidades, nas técnicas, nos mitos, nas artes, nas religiões e nas ciências.

A diferença essencial entre a espécie humana e as demais

espécies é o fato de termos criado, ao longo da nossa evolução, instrumentos, comunicação, principalmente a linguagem, e um sistema de produção, que servem de intermediações para a resolução do triângulo da vida:



No encontro com o outro, que também está em busca de sobrevivência e de transcendência, desenvolve-se a comunicação.

Valores

O comportamento de cada indivíduo é aceito pelos seus próximos quando subordinados a parâmetros, que denominamos valores, e que determinam os acertos e equívocos na produção e utilização das intermediações criadas pelo homem para sua sobrevivência e transcendência.

Valores, assim conceituados, relacionam os meios com os fins. Os fins constituem as grandes utopias de indivíduos e de sociedades, dos sistemas de explicações e dos mitos, da cultura. Os meios dependem dos instrumentos materiais e intelectuais

de que dispomos, também dependentes da cultura. Assim, os valores são manifestações culturais.

Uma excursão pela História revela que novos meios de sobrevivência e de transcendência fazem com que valores mudem. Mas alguns valores permanecem e constituem uma ética maior, sem a qual a qualidade de ser humano se dilui.

Essa ética maior é baseada no reconhecimento da essencialidade do outro e da natureza para a sobrevivência do indivíduo, como foi mostrado anteriormente. A interrupção de qualquer dos seis elementos do triângulo primordial significa extinção. Isto quer dizer que o outro e a natureza, que são sempre diferentes do indivíduo, e o relacionar-se com ambos, é indispensável para a sobrevivência de cada indivíduo. Sem outros e sem natureza não há continuação de vida. Assim, somos levados a formular uma ética maior, essencial para a sobrevivência, que denomino ética da diversidade:

- 1. RESPEITO pelo outro com todas as suas diferenças;**
- 2. SOLIDARIEDADE com o outro na satisfação das necessidades materiais de sobrevivência e espirituais de transcendência (alegria e tristeza, dúvidas e incertezas);**
- 3. COOPERAÇÃO com o outro na preservação do patrimônio natural e cultural comum.**

A pergunta que ocorre a todos é por que a humanidade caminha em direção contrária a essa ética, sem a qual a espécie humana não pode sobreviver.

Essa questão maior tem sido a motivação dos grandes modelos filosóficos, religiosos e científicos.

Os modelos filosóficos, religiosos e científicos propõem “verdades” que têm sido aceitas como absolutas e que constituem sistemas de valores que guiam o comportamento humano. Os valores mudam subordinados ao que prevalece nos sistemas sociais e econômicos.

Em muitas sociedades, a prioridade passa a ser a defesa do sistema de valores. A questão fundamental, que é a busca de sobrevivência associada à transcendência, passa a ser subordinada à defesa do sistema de valores [fundamentalismos]. É oportuno lembrar a citação de Aurobindo no início deste trabalho.

Na cultura ocidental, os sistemas de valores, da mesma maneira que as ciências e as religiões, são vistos como saberes concluídos, que têm uma arrogância intrínseca à própria concepção do concluído.

O conhecimento disciplinar, e conseqüentemente a educação, tem priorizado a defesa de saberes concluídos, inibindo a criação de novos saberes e determinando um comportamento social a eles subordinado.⁷

O conhecimento disciplinar evoluiu para a multidisciplinaridade, que é praticada nas escolas tradicionais, e para a interdisciplinaridade, ainda difícil de ser conseguida. Mas o verdadeiro avanço, abrindo novas possibilidades para o conhecimento, é a transdisciplinaridade.⁸

A transdisciplinaridade, assumindo a inconclusividade do ser humano, rejeita a arrogância do saber concluído e das certezas convencionadas e propõe a humildade da busca permanente.

O comportamento humano responde aos pulsões de sobrevivência e de transcendência, os quais estão intimamente ligados, indo além de comportamento orientado pelo cérebro. Existe algo mais: a mente, que tem intrigado os filósofos desde a antiguidade, e a consciência, igualmente intrigante.

Onde se situam mente e consciência? No cérebro, que vem sendo tão bem estudado pelos neurologistas? Ou no que se costuma chamar inteligência, hoje bem estudada, inclusive no âmbito de uma disciplina que curiosamente se denomina inteligência artificial? E o que é inteligência?⁹

As teorias vão surgindo e vão sendo aceitas ou recusadas; algumas são marginalizadas e outras refutadas. Algumas idéias, que são aceitas por se desviarem pouco das anteriores, se tornam as novas explicações e encontram seu espaço nas universidades.¹⁰ Outras idéias se desviam dos chamados paradigmas e criam novos paradigmas.¹¹ As teorizações sobre a evolução do conhecimento, como as propostas por Kuhn e por Popper, embora antagônicas, defendem, essencialmente, o saber reconhecido pela academia. São refutações e revoluções “amigáveis”. Limitam-se a apenas alguns dos fatores que participam da dinâmica do conhecimento. Um filósofo que vai além das limitações de Popper e Kuhn é Michael Polanyi.

Uma categoria fundamental para a análise do comportamento humano é poder, entendido no sentido amplo da organização sobre a qual se fundam famílias, sociedade

e nações. As sociedades humanas modernas são grupos de indivíduos que se comportam em conformidade com normas e valores estabelecidos ao longo da história, resultado de tradições e eventos e que aceitam a supremacia de alguns em dirigir e governar as ações de outrem pela imposição da obediência; domínio e influência. Um dos maiores desafios para a humanidade é conscientizar o poder da necessidade da ética da diversidade para o seu exercício.

Conclusão

A ameaça à extinção da civilização é grave e encontrar uma solução é urgente; grave e urgente. Agora entendo o que diz o eminente artista Erik Satie (1866-1925):

“Quando eu era pequenino me diziam:

‘Você verá quando crescer’.

Agora sou um homem velho,

e ainda não vi coisa alguma.”

Mas eu ainda tenho esperança de ver algo novo, magnífico, e poder confirmar o que diz D. H. Lawrence (1885-1930), outro grande artista:

“Nada impedirá à humanidade e ao potencial humano de evoluir, a partir de um caos renovado, em direção a algo magnífico.”

É responsabilidade de todos nós fazer com que isso aconteça.

Notas

- 1 Ubiratan D'Ambrosio: Educação para compatibilizar desenvolvimento e sustentabilidade; *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 15, p. 11-20, jan./jun. 2007. Editora UFPR.
- 2 Não disponho da referência a essa citação. Há muitos anos li essa citação nas *Complete Works of Sri Aurobindo*, anotei, mas sem os dados bibliográficos.
- 3 “Economia do conhecimento” e “riqueza do saber” tornaram-se clichês.
- 4 No seu excelente livro, já clássico, Humberto Maturana e Francisco Varela: *A Árvore do Conhecimento. As bases biológicas da compreensão humana*, Editora Palas Athena: São Paulo, 2001, introduzem o conceito de autopoiese para explicar como um organismo se mantém vivo.
- 5 A espécie humana é a única a praticar suicídio. Há uma forma de suicídio de células cancerosas e mesmo a prática individual do suicídio em algumas espécies, mas obedecendo a mecanismos fisiológicos. Suicídio sem o objetivo maior de dar continuidade à espécie é conhecido somente na nossa espécie.
- 6 Ubiratan D'Ambrosio: *A Era da Consciência*, Editora Peirópolis: São Paulo, 1997.
- 7 Particularmente prejudicial para a evolução da humanidade tem sido a maneira como o estabelecimento, o poder, expropriou as religiões derivadas do judaísmo e a ciência que delas resultou e criou mecanismos para desencorajar o surgimento de novas idéias. A academia, utilizando mecanismos brutais de marginalização e exclusão, tais como recusa a emprego, empecilho à publicação, bloqueio a facilidades de pesquisa, difusão de rumores desabonadores e outras tantas estratégias para desencorajar o novo pensar. Há inúmeros exemplos desse tipo de ação. Ver o estudo de Brian Martin: *Strategies for Dissenting Scientists*, *Journal of Scientific Exploration*, vol. 12, nº4, 1998; pp.605-616 e a bibliografia.
- 8 Ubiratan D'Ambrosio: *Transdisciplinaridade*, Editora Palas Athena: São Paulo, 1997.
- 9 Cérebro, mente, pensamento, inteligência, consciência são alguns dos termos usados para se escapar do dualismo corpo/mente. Ver o livro do neurofisiologista William H. Calvin: *How Brains Think. Evolving Intelligence, Then and Now*, Basic Books, New York, 1996.
- 10 Essa é, em essência, a explicação da evolução do conhecimento proposta por Karl Popper.
- 11 Essa é outra explicação sobre a evolução do conhecimento, que Thomas Kuhn chamou revolução científica.

Propósito da Ordem Rosacruz

A Ordem Rosacruz, AMORC é uma organização internacional, mística e Templária de caráter cultural, fraternal, não-sectário e não-dogmático, de homens e mulheres dedicados ao estudo e aplicação prática das leis naturais que regem o universo e a vida.

Seu objetivo é promover a evolução da humanidade através do desenvolvimento das potencialidades de cada indivíduo e propiciar uma vida harmoniosa com saúde, felicidade e paz.

A Ordem Rosacruz oferece um sistema eficaz e comprovado de instrução e orientação para o autoconhecimento e compreensão dos processos que determinam a mais alta realização humana. Essa profunda e prática sabedoria, cuidadosamente preservada e desenvolvida pelas Escolas de Mistérios esotéricos, está à disposição de toda pessoa sincera, de mente aberta e motivação positiva e construtiva.

Para mais informações, os interessados podem solicitar o informativo gratuito “O Domínio da Vida”, escrevendo ou telefonando para:

Ordem Rosacruz, AMORC

Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa

Rua Nicarágua, 2620 – Bacacheri – 82515-260

Curitiba – PR – Brasil

Caixa Postal 4450 – 82501-970

Fone: (0xx41) 3351-3000

Fax: (0xx41) 3351-3065 e 3351-3020

www.amorc.org.br

Missão Rosacruz

A Ordem Rosacruz, AMORC é uma Organização Internacional de caráter místico-filosófico, que tem por MISSÃO despertar o potencial interior do ser humano, auxiliando-o em seu desenvolvimento, em espírito de fraternidade, respeitando a liberdade individual, dentro da Tradição e da Cultura Rosacruz.